



O presidente Nixon felicita Clarence Kelly, chefe da polícia de Kansas City, que acaba de ser nomeado director do FBI. Kelly, que tem 61 anos, goza de fama de incorruptível e Nixon referiu-se a ele como «o melhor homem do país». Kelly vai ocupar o lugar de Patrick Gray, que se demitiu em Abril último, quando foi revelado que estava envolvido no «escândalo Watergate». O novo director do FBI já havia trabalhado 21 anos nessa organização (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

**36 PÁGINAS  
INCLUINDO  
'MESA  
REDONDA'**

## VANTAGEM TRABALHISTA NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

LONDRES, 8 (R.) — Os trabalhistas levam vantagem sobre os conservadores na última série de eleições municipais ontem realizadas em vários pontos da Grã-Bretanha, a julgar pelos primeiros resultados da contagem de votos.

Na primeira série de eleições municipais realizadas em Abril, os trabalhistas já tinham conquistado o domínio da maior parte das grandes cidades e ontem, na segunda série, o eleitorado britânico foi chamado a escolher os vereadores dos pequenos municípios da província.

A luta mais dura travou-se em Leicester, uma cidade onde vivem 50.000 imigrantes, na sua maioria asiáticos vindos da África Oriental, e onde a Frente Nacional, um partido da extrema-direita, apresentou 26 candidatos com base numa plataforma racista.

Nem um só desses candidatos racistas conseguiu ser eleito e, em contrapartida, a população de Leicester elegeu, pela primeira vez, um asiático para o conselho municipal.

Os partidários da Frente Nacional manifestaram o seu desagrado quando a eleição do

asiático, Krishnalal Shah, foi anunciada, apupando o funcionário da assembleia de voto e gritando: «Mandem-no embora».

Mais tarde, Shah e outros dois candidatos trabalhistas eleitos publicaram um comunicado conjunto dizendo: «Apesar de terem movido contra nós uma campanha racista das mais desprezíveis conseguimos ganhar. Os eleitores de Leicester demonstraram que não se deixam influenciar por apelos racistas».

Na cidade de Lincoln registou-se uma grande vitória para

o Partido Trabalhista Democrático criado por Dick Taverne, um membro do Parlamento expulso do Partido Trabalhista devido à sua posição a favor do Mercado Comum.

O novo Partido conquistou pelo menos 20 dos 30 lugares disputados, confirmando assim a popularidade que Taverne já tinha demonstrado em Março, ao conquistar de novo o seu lugar no Parlamento com uma maioria de 13.000 votos num círculo onde o Partido Trabalhista tinha anteriormente ganhado por uma maioria de 5.000 votos.



## Filipe regressa

O príncipe Filipe de Inglaterra, que hoje, ao princípio da tarde, regressou a Londres, cumpriu antes a rápida visita ao Norte do País prevista no seu programa oficial.

O duque de Edimburgo deixou Lisboa às 10 e 15, em cerimónia sim-

ples de despedida a que compareceu o prof. Marcello Caetano e outros membros do Governo.

Às 11 e 30, o avião da «Queen's Flight» em que o príncipe viaja aterrou no aeródromo de Braga, onde as autoridades locais apresentaram cumprimentos ao visitante real. Filipe partiu pouco depois, em automóvel, para a cidade de Guimarães, que visitou durante quase uma hora. À 13, almoçou no Palácio Ducal a convite do ministro português dos Negócios Estrangeiros, que o acompanhou em quase todos os passos da sua visita ao nosso País.

Após o almoço a comitiva do duque de Edimburgo partiu para o aeroporto de Pedras Rubras de onde, às 15 e 30, levantou voo o aparelho que o levou de regresso à capital britânica.

Continua na pag. 2

## SUPERMERCADO COOPERATIVO ENCERRADO NOS OLIVAIS

A UNICOOP decidiu encerrar um supermercado cooperativo «Domus», em Olivais Norte. Esta era a única unidade do género existente na capital e arredores, embora na região do Porto estejam a ser feitas sucessivas experiências.

A decisão provocou reacções críticas dos sócios da secção local dos Olivais, que, em assembleia geral, discordaram veementemente das

razões aduzidas pela Unicoop e acusaram esta União de estar a afastar-se dos princípios cooperativos ao pretender criar uma «cadeia de su-

permercados» que nada teriam a ver com os reais interesses associativos de promoção global.

(Notícia na pag. 12).

## A era dos eléctricos finda em 1 de Julho na área de Benfica (Pág. 13)

## Porto: homenagem a Afonso Costa

A figura de Afonso Costa foi ontem evocada no Porto, durante uma sessão realizada no Cine-Teatro Carlos Alberto, a que assistiram centenas de democratas. Presidiu o dr. Veiga Pires, ladeado pelos drs. Guedes Pinheiro e Eduardo Costa, genro do homenageado. Usaram da palavra o prof. A. H. de Oliveira Marques, biógrafo de Afonso Costa, e os drs. José Alberto Rodrigues, Armando Bacelar, Vasco da Gama Fernandes e Olívio França. (Pág. 24).



# DL/NACIONAL



## O regresso de Filipe

Continuação da pág. 1

Fica assim concluída uma visita de cortesia, em representação da rainha de Inglaterra, no início das comemorações oficiais dos 600 anos da Aliança Luso-Britânica, cujo primeiro acordo foi assinado na catedral de Londres em 16 de Junho de 1373. De 16 a 19 de Julho próximo, o prof. Marcello Caetano retribuirá, indo a Londres em visita que se

antevê muito menos protocolar e mais objectiva do ponto de vista político. O programa da estadia do príncipe Filipe em Lisboa terminou, ontem, com um banquete oferecido pelo duque ao Chefe do Estado português, no Palácio de Queluz. Durante a tarde, Filipe esteve numa quinta dos arredores de Sintra, até à hora do chá.

## Brochura publicada em Inglaterra

LONDRES — (ANI) — Editada pelo Governo britânico em associação com a British Broadcasting Corporation (BBC) e com a Canning House — Sociedade Anglo-Portuguesa — foi distribuída em Londres uma brochura com texto em português e inglês, comemorativa dos seiscentos anos da Aliança Luso-Britânica, brochura cuja capa reproduz a iluminação do casamento do Rei D. João I, de Portugal, com a filha de John of Gaunt, Dona Filipa de Lancastre.

No prefácio, que é assinado por Sir Alec Douglas-Home, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, lê-se:

«Este pequeno livro descreve a história da mais antiga e mais duradoura aliança entre dois países, e cujos seiscentos anos de existência este ano celebra-

mos. «Num mundo em constantes mudanças, é notável que uma ligação iniciada há tantos séculos tenha conseguido sobreviver ao bom e ao mau.

«Os autores que contribuíram para este pequeno livro abordaram os diferentes períodos da Aliança conforme perspectivas também diferentes. Algumas das opiniões expressas não coincidem com as minhas e isto no que se refere a atitudes tanto britânicas como portuguesas. De qualquer modo, a maneira como cada um dos colaboradores descreve o desenvolvimento dos laços entre a Grã-Bretanha e Portugal e a sua adaptação às circunstâncias próprias de cada época constitui, no conjunto, uma leitura interessante, que ajuda a iluminar as bases históricas do aniversário agora em comemoração».

## Refinaria de Sines Qualificados os candidatos da empreitada geral de construção

O Conselho de Administração da PETROSUL, decidiu qualificar para a III Fase do desenvolvimento do projecto, que constitui a sua última parte, as seguintes firmas de reputação mundial, formando 4 grupos:

- COMPAGNIA TECNICA INDUSTRIE PETROLI/ARTHUR G. McKEE
- FOSTER WHEELER/BADGER
- JAPAN GASOLINE
- PROCON/COMPAGNIE FRANÇAISE D'ETUDES ET DE CONSTRUCTION TECHNIQUE

Estas firmas serão, portanto, as concorrentes finais à empreitada geral de construção da nova refinaria de Sines.

Da cuidadosa análise de algumas dezenas de firmas especializadas neste domínio, foram consideradas doze para uma fase de qualificação final. A selecção definitiva resultou, não só de documentação apresentada pelas mesmas em resposta ao método como se pretendia conduzir o concurso e à sua aptidão para cumprir as respectivas condições, mas também de conversações directas e visitas na Europa, E.U.A. e Japão.

A Refinaria de Sines, cuja capacidade inicial de refinação de dez milhões de toneladas por ano lhe confere, desde logo, lugar de destaque em relação a empreendimentos congêneres a nível mundial, engloba os mais modernos processos tecnológicos, quer no

aspecto processual, quer nas características qualitativas dos produtos refinados e seu manuseamento.

As três grandes zonas em que se dividirá englobam:

- uma área administrativa com escritórios, oficinas e armazéns, laboratórios e centro social, com uma área coberta ultrapassando os 10.000 m<sup>2</sup>.
- zona processual e central de energia eléctrica, vapor, ar comprimido e água de arrefecimento.
- zona de armazenagem com uma capacidade superior a 2,8 milhões de metros cúbicos.

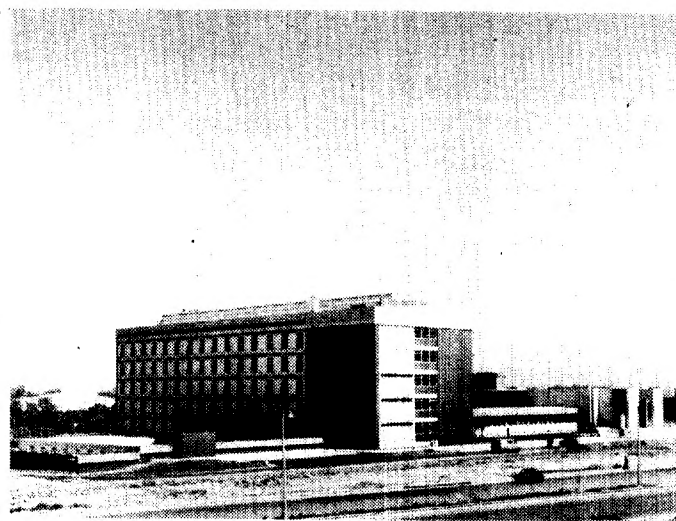
De realçar a preocupação especial da PETROSUL com a preservação do meio ambiente, traduzida pela utilização dos mais aperfeiçoados métodos de purificação dos efluentes líquidos e gasosos.

O caderno de encargos global deste concurso é constituído por 4 grandes grupos de documentos, que serão enviados aos concorrentes à medida que cada grupo for sendo concluído, de acordo com a programação prevista, devendo o último documento ser entregue antes do final de Julho próximo e recebendo-se as propostas durante o mês de Outubro.

Dado o elevado quantitativo de horas de engenharia necessário para o trabalho em causa, a multiplicidade de origens que o fornecimento estrangeiro pode vir a ter e a dimensão da obra, verificaram alguns candidatos a necessidade de se agruparem entre si para apresentação das propostas.

Cada um dos agrupamentos terá de apresentar várias propostas com base em equipamento de diversas origens. A escolha final dessas origens dependerá da conjugação mais económica do custo do equipamento e dos financiamentos estrangeiros que, entretanto, se asseguraram para o pagamento de bens e serviços no exterior, além dos prazos de entrega que se pretendem manter.

A empreitada prevê uma substancial participação de engenharia e indústria nacional, de acordo com a política da PETROSUL de maximizar o aproveitamento e promoção dos recursos portugueses.



## O novo edifício do Instituto dr. Ricardo Jorge inaugurado esta tarde

O Chefe do Estado presidiu ontem à cerimónia da inauguração das novas instalações do Instituto Nacional de Saúde do dr. Ricardo Jorge, situado na Avenida de Telheiras, que custou 110 mil contos. A entrada do modelar e grande edifício de dois corpos, o almirante Américo Thomaz, que se fazia acompanhar de elementos da sua Casa Militar, foi recebido pelos ministros das Obras Públicas e Comunicações, das Corporações e Previdência Social e Saúde e Assistência; secretários de Estado das Obras Públicas e Saúde e Assistência; directores-gerais dos Serviços de Construção dos Edifícios e Monumentos Nacionais e director da obra, respectivamente eng.ºs Pena da Silva, Mendes Barata e Tomás de Sousa Eiró e muitas dezenas de outras entidades oficiais pertencentes a vários sectores da vida pública.

Após os cumprimentos da praxe e depois de ter admirado a estátua do patrono do Instituto, com três metros de altura, da autoria do escultor António Branco Paiva, o Presidente da República deu entrada no edifício, em cujo átrio principal procedeu ao descerramento da

inscrição comemorativa da inauguração que se encontrava coberta com a bandeira nacional. No vestíbulo principal destaca-se um grande painel cerâmico policromado, intitulado «A Ciência ao serviço da Saúde», da autoria do escultor Querubim Lapa. Num pavilhão construído provisoriamente para o efeito, junto à entrada do Serviço de Saúde Pública, efectuou-se uma sessão solene inaugural presidida pelo almirante Américo Thomaz, finda a qual se seguiu a visita às instalações do Instituto. A visita começou pelo primeiro piso onde estão instalados os serviços administrativos, o centro de saúde pública e os laboratórios de aferição de medicamentos. O Chefe do Estado percorreu em seguida as instalações dos serviços técnicos e o infantário-creche destinado aos filhos dos funcionários. O Presidente da República visitou depois o laboratório de Virulogia, os gabinetes de estudo, as salas de aula e o centro de documentação e informação. A visita terminou no restaurante do pessoal. Aí o ministro Rui Sanches fez a entrega, ao Presidente da República e membros do Governo, de uma placa do Instituto e de uma medalha comemorativa.

## NOTAS VÁRIAS

### MOTA CAMPOS NOS AÇORES

O ministro de Estado, dr. Mota Campos, acompanhado do seu chefe de gabinete partiu hoje, ao princípio da tarde para os Açores, numa viagem de dez dias durante a qual trabalhará com as entidades regionais na programação das acções a empreender ao abrigo do IV Plano de Fomento. O ministro de Estado fez-se também acompanhar pelo director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, do técnico de planeamento especializado para a região dos Açores e dos presidentes das três comissões de Planeamento continentais.

### RUI SANCHES EM SETÚBAL

O ministro das Obras Públicas deslocou-se hoje ao distrito de Setúbal onde, juntamente com as autoridades locais, apreciou as diversas obras em curso naquela região.

### MELHORAMENTOS EM PORTALEGRE

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto prosseguiu hoje a sua visi-

ta de trabalho aos distritos de Portalegre a Castelo Branco. Durante o dia de hoje, aquele membro do Governo reuniu-se, na delegação do INTP, com os delegados da Zona Sul e com os presidentes das Federações das Casas do Povo da Região Plano Sul, para apreciação do ante-projecto de construção de sedes de Casas do Povo para o sexénio 1974/79.

### PROF. ALMEIDA E COSTA

No prosseguimento da homenagem ao prof. António Almeida Costa, por ocasião do seu jubileu, efectua-se hoje um jantar de convívio promovido pela secção de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa.

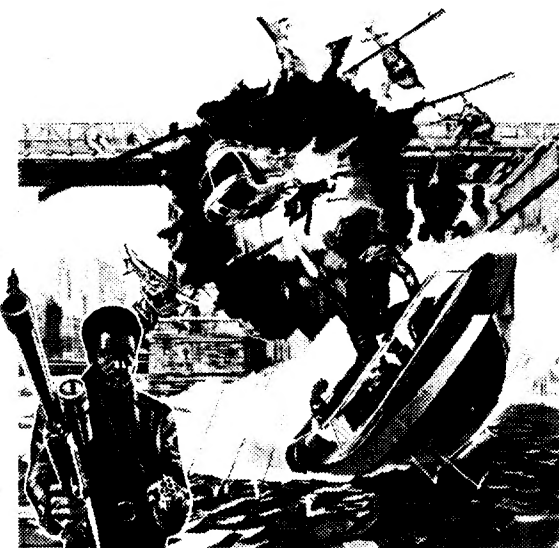
## SAIU HOJE

motor revista



50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

VOCÊ NEM SONHA O QUE SHAFT É CAPAZ DE FAZER !...



RICHARD ROUNDTREE  
MOSES GUNN  
KATHY IMRIE

A MARCA DE  
**SHAFT**  
"Shaft's Big Score!"

Produção de ROGER LEWIS ERNEST TIDYMAN Realização de GORDON PARKS  
PANAVISION® METROCOLOR

DA MAFIA COM DINAMITE !

HOJE, ESTREIA  
às 21.45



GRUPO D - 18 ANOS

## COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

### AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo, no seguinte Sector:

5.º — Sector — Concelho de Lisboa: Cd.º do Marquês de Abrantes e Rua da Esperança. (Das 8 às 12 h.).

## DL/OPINIÃO

# QUESTÃO DE CONSTRUÇÃO

Não dá mostras de abrandar a maré dos colóquios, e felizmente que assim é, pois melhor via não se encontra, na conjuntura actual da informação, para trazer à flor certas situações nacionais, que, encorajadas doutros ângulos, haveriam de parecer distorcidas a quem em toda a crítica vê as configurações do demónio. Sob o aval das presenças oficiais, as duras verdades, que não deveria ser possível esconder ou ignorar em tempo algum e que deliberadamente se revelam agora, essas verdades tornam-se toleráveis, por assim dizer aprovadas, pacíficas, e portanto já ao alcance de ulteriores comentários.

É certo que os elementos a que hoje damos o possível relevo são de índole estatística, logo não reservados, logo ao dispor de qualquer verificação, mas o que ao caso importa salientar é a sua intencional divulgação pública. E se esta irrecusavelmente procura servir, em segunda leitura, os objectivos de uma produtividade que se deseja aumentada, certo é também que vem pôr a claro uma situação de carência em todos os aspectos gravíssima. Sejam embora os industriais de construção a declarar que no seu sector a produtividade está muito longe de ser satisfatória (como agora se afirmou no II Colóquio Nacional daquela indústria), não há que pô-lo sob suspeita, pois os números apresentados logo o confirmam.

Ao comentar as carências que naquela indústria se verificam ao nível de direcção, engenheiros e agentes técnicos, um orador responsável afirmou: «Admitido (...) que a população activa do nosso sector poderá passar para 290 000 indivíduos, em 1979, e considerando que uma estrutura equilibrada da profissão comportaria 1 por cento de engenheiros e 2 por cento de técnicos médios, deveriam estar a trabalhar no nosso sector, naquele ano, 2900 engenheiros e 5800 agentes técnicos ou equiparados». Ora, conforme foi também dito, e segundo o primeiro inquérito socio-económico sobre diplomados em engenharia, o número total de engenheiros civis e de agentes técnicos de construção civil e minas a trabalhar no nosso País é de, respectivamente, 3400 e 1120, dos quais 1600 e 850 empregados no sector da construção. Com vista ao equilíbrio da estrutura da profissão, presumivelmente consubstanciado com as percentagens acima indicadas e que supomos terão sido confirmadas pela prática local e internacional, haveriam de ingressar na indústria de construção, nos próximos seis anos, 1300 engenheiros e 4950 agentes técnicos.

Diz-se-à que nada mais fácil: basta que anualmente tomem o seu lugar na construção 220 engenheiros e 825 agentes técnicos, o que, num país em vias de desenvolvimento, não parece exagerado. O pior é que em 1970, por exemplo, apenas se formaram no nosso País 58 engenheiros e 35 agentes técnicos de construção civil e de minas, diante do que a noção de país em vias de desenvolvimento terá de perder muito da sua pertinência... Em suma: faltam os homens em Portugal. Lembremo-nos de que a população activa portuguesa, que era de três milhões cento e vinte e seis mil em 1960, passou em 1970 para dois milhões novecentos e oito mil, e começaremos a ver um pouco mais claro no meio de todas estas interrogações...

Algumas vezes o sector público tem explicado as carências dos seus quadros pela concorrência que naturalmente lhe é movida pelo sector privado. Não o fará sem motivo, mas as suas queixas ganham novo sentido quando, como se vê, o próprio sector privado vem declarar que não dispõe de homens suficientes para as suas responsabilidades e interesses. Por isso se adjudicam importantes volumes de trabalho a empresas estrangeiras, já que alguém terá de realizar as obras de que o País vai precisando ou para que o País é preciso. O que tudo junto nos vai explicando cada vez melhor o que significa aquela tão usada palavra «sobrevivência»: são as realidades os melhores mestres, e os mais duros, mas também os mais capazes de ensinar. Assim quisésemos aprender...

## Terrorismos

O professor Sawat, de Alexandria, no Egipto, e o professor Yoram Dinstein, de Telavive, foram os principais protagonistas da terceira jornada do simpósio internacional do terrorismo organizado pelo Instituto de Ciências Criminais de Siracusa, nos Estados Unidos. O termo terrorismo subentende violências, ameaças, assassinatos e atentados. Nesta base, ninguém pode defender o terrorismo. Mas sucede que se qualifica por erro de terrorismo um acto de violência reconhecido pelo direito internacional.

A resistência de um povo contra a ocupação do seu território não é um acto de terrorismo mas um acto de guerra reconhecido pela convenção de Genebra. Tais factos podem perturbar a segurança internacional, sobretudo quando fazem vítimas inocentes, mas a comunidade internacional tem disso certa culpa. Em vez de tentar definir tecnicamente o termo terrorismo, seria melhor tentar resolver o problema do Médio Oriente e reconhecer os direitos legítimos do povo palestino — concluiu o professor Sawat.

Logo a seguir, o professor Dinstein tomou a palavra para declarar: «O terrorismo sucedeu à antiga pirataria como inimigo do género humano. Há três tipos de terroristas: aqueles que estão em desacordo com o seu governo, os que apoiam activamente os revolucionários e os que os governos suportam passivamente. No relativo aos primeiros há que chegar a um tratado internacional que obrigue todos os Estados a extraditar os terroristas, para o segundo tipo, estes terroristas devem ser considerados organismos dos Estados que os apoiam e que são inteiramente responsáveis pelos seus actos. Finalmente, no terceiro caso, o Estado atacado pode assumir directamente a sua auto-defesa acometendo as bases dos terroristas. Isto explica os recentes ataques do estado de Israel aos terroristas instalados no Líbano. A guerra dos seis dias entrou agora no seu sétimo ano. Até que acabe, Israel tem o direito de continuar a ocupar os territórios árabes. A guerra entre Israel, por um lado, e o Egipto, a Jordânia e a Síria, pelo outro, não é uma guerra de libertação, mas uma guerra normal, cuja responsabilidade cabe aos árabes.

«Israel não nega a possibilidade de um novo estado árabe. Na Palestina precisam — concluiu o professor Dinstein — não de uma guerra de libertação, mas de uma paz de libertação».

## Impressonar

O chefe do Partido Republicano no Maryland, Alexander Lankler, admitiu que a comissão organizadora de uma noite de homenagem a Spiro Agnew no ano passado falsificou a lista dos contribuintes para ocultar um empréstimo de 50 000 dólares que tinha recebido da comissão eleitoral republicana. Lankler disse que essa verba se destinava a fazer com que o apoio dado à homenagem pelos republicanos locais parecesse mais importante do que na realidade tinha sido.

Para isso foram incluídos na lista dos contribuintes 32 nomes como se eles tivessem feito donativos no total de 50 000 dólares.

Um inquérito feito pelo jornal «Baltimore Sun» permitiu apurar que a maior parte desses contribuintes fictícios nem sequer foram consultados e desconheciam que o seu nome tinha sido utilizado.

Nessa homenagem a Spiro Agnew compareceram actores como Frank Sinatra e Bob Hope e os bilhetes custavam desde 100 a 5 000 dólares.

## CRÓNICA INTERNACIONAL

## NUNO VIEIRA

# PROGRESSO E FOME

A «guerra do bacalhau», entre a pequena Islândia e a próspera Inglaterra, que está já a envolver a NATO e poderá levar o governo de Reykjavik a abandonar a aliança atlântica, relaciona-se de maneira sintomática com os recursos alimentares. Embora o conflito tenha surgido entre duas nações do privilegiado hemisfério Norte do nosso planeta, constitui uma amostra de um eventual confronto entre os países ricos das regiões setentrionais e os países pobres da zona equatorial e do Sul.

Para semelhante confronto concorre o abismo cada vez maior entre o desenvolvimento tecnológico e económico que beneficia uma parte minoritária da Humanidade e a maioria restante, que ainda não resolveu de maneira satisfatória os meros problemas de subsistência. E enquanto as nações mais industrializadas se podem dar ao luxo de desviar, por exemplo, dezenas de milhões de contos para a pesquisa científica no espaço, sob a forma de projectos como o do laboratório orbital Skylab, os povos mais atrasados continuam a debater-se com a fome.

Na era da ONU e de todos os seus organismos de coordenação mundial, a situação permanece portanto longe de uma

distribuição equitativa dos recursos planetários. Progresso e fome coexistem à superfície do globo. E as perspectivas para este ano são mesmo particularmente sombrias, no que diz respeito à sobrevivência de milhões de seres humanos em África e na Ásia.

A ameaça da fome está a alarmar os especialistas, que receiam um agravamento das condições, numa antevisão do quadro apocalíptico traçado pelas profecias dos burgueses do Clube de Roma e dos técnicos do MIT, o Instituto Tecnológico de Massachusetts. Estes anunciaram para o ano 2000 a catástrofe sob a forma de hipertrofia demográfica, de escassez de alimentos, de esgotamento das matérias primas e de poluição universal.

Perante tal visão, apesar do optimismo por outro lado manifestado pelo futurólogo Herman Kahn e pelo seu «think tank» (o Instituto Hudson), a ideia de travar o progresso, de moderar a corrida para o deasastre, ganhou rapidamente adeptos na América do Norte e na Europa Ocidental. O «crescimento zero» passou a ser um tema sério de debate entre os seus partidários, os «zegistas», embora a maioria dos habitantes do planeta dificilmente sobreviva diariamente

com um número de calorias inferior ao mínimo considerado razoável.

Segundo Addeke Boerma, director-geral da FAO, condições naturais pouco favoráveis, más colheitas e perturbações diversas fizeram baixar perigosamente as reservas mundiais de alimentos. Se auxílio internacional não estiver à altura, a fome poderá matar seis milhões de pessoas na região africana entre o Saará e o Atlântico, em consequência da pior seca em 60 anos. Na Ásia, o Bangla Desh e em especial a Índia, enfrentam carências idênticas, estando em perigo 200 milhões de indianos.

A «revolução verde», em que se depositavam tantas esperanças, ficou aquém dos prognósticos. Em contrapartida, a China não obstante os seus 800 milhões de habitantes e o seu passado de fomes devastadoras, parece ter resolvido o problema. As suas reservas de cereais ultrapassaram até o total do resto do globo.

O exemplo chinês demonstra que é extremamente importante a atitude de cada nação perante as suas próprias necessidades.

Quanto a auxílio internacional eficaz, aparentemente não se anuncia para tão cedo.

Exclusivo «The Washington Post»

DAN MORGAN

# PIORA O DISSÍDIO SINO-SOVIÉTICO?

BELGRADO — Funcionários europeus-orientais e comentaristas da imprensa e da rádio, os quais frequentemente são os primeiros a abordar os aspectos da política soviética em relação a Pequim, têm-se referido, desde o princípio do ano ao facto de as relações entre as duas grandes potências comunistas estarem a piorar.

O quadro pintado na imprensa húngara, checoslovaca, polaca e búlgara é o de uma política externa chinesa inimiga do degelo na Europa, pouco disposta a chegar a acordos com Moscovo em questões bilaterais e mais anti-soviética do que nunca.

Os comentários, por vezes mais duros e pormenorizados do que os da própria imprensa soviética, confirmam que ainda não há quaisquer indícios de acordo após três anos e meio de negociações sino-soviéticas, em Pequim, sobre o problema fronteiriço. Tal como escrevia em Abril o jornal húngaro «Társadalmi Szemle», os dirigentes chineses continuam a rejeitar toda e qualquer proposta susceptível de contribuir para a melhoria das relações sino-soviéticas, incluindo um tratado de não agressão.

A atitude dos países do Leste europeu relativamente à aproximação sino-americana tem sido cautelosa, mas, no conjunto, chegou à conclusão de que é intrinsecamente anti-soviética e deve ser acompanhada com toda a atenção.

Alguns dos comentadores estão convencidos de que a China e a América desejam ambas manter a União Soviética ocupada nas «duas frentes» da Europa e da Ásia e que, por este motivo, a China está disposta a apoiar a continuação da presença militar americana no Extremo-Oriente e na Europa Ocidental.

A intensificação dos ataques

à política chinesa na Europa coincide com os progressos registados nos preparativos para uma conferência de segurança europeia. Os diversos pontos de vista interessam os observadores ocidentais por várias razões, uma das quais é o facto de reflectirem uma atitude extremamente defensiva por parte dos aliados soviéticos em relação às actividades diplomáticas chinesas na Europa. Segundo alguns desses pontos de vista, a China estaria a encorajar elementos «reaccionários» europeus-ocidentais que se opõem ao degelo. Os diplomatas confirmam que a China se tornou muito activa na Europa Ocidental.

«Falta-lhe o peso económico, mas está a servir-se eficazmente do seu peso político», declarou um funcionário comunista nesta cidade.

Um diplomata de uma nação não alinhada referiu-se à Itália e a Malta como dois países onde a actividade chinesa tem sido mais notável, facto que sugere o interesse de Pequim nos assuntos do Mediterrâneo.

Os diversos artigos publicados pelos órgãos de informação europeus-orientais reflectem no seu conjunto receios soviéticos que não andam muito longe dos cálculos ocidentais no que respeita à preocupação da U.R.S.S. com o seu poderoso vizinho.

Merecem especial atenção o objectivo da China de manter Moscovo ocupado em «duas frentes», a alegada noca política vietnamita de Pequim que consistiria em sabotar a influência soviética no sudeste da Ásia após o termo das hostilidades no Vietname e uma diplomacia chinesa persuasiva visando levar os aliados da U.R.S.S. a seguir o exemplo da Jugoslávia e da Roménia e a assumir uma posição mais imparcial na disputa sino-soviética.

Não restam dúvidas, ao ler os referidos artigos, de que a questão fronteiriça continua a ser o principal ponto de atrito. Funcionários jugoslavos e doutros países europeus-orientais afirmam estarem de posse de informações segundo as quais não se tem registado qualquer progresso. Em 20 de Abril, o jornal do partido húngaro «Nepszabadsag» escrevia que «toda uma série de propostas construtivas» foi rejeitada pelos chineses no decurso de 1200 dias de negociações, em Pequim, entre vice-ministros dos Negócios Estrangeiros. Moscovo deseja uma nova definição da fronteira à luz daquilo a que chama «agressão cartográfica» da China, a qual reclama dois milhões de milhas quadradas de território soviético.

Os comentários da imprensa, que se referem abertamente a acusações sensacionais de Pequim como sejam supostos planos soviéticos para um ataque-surpresa nuclear por parte da U.R.S.S., chamaram a atenção dos europeus-orientais para a gravidade das tensões. Simultaneamente, outros artigos têm-se encarregado de desfazer a impressão de que a China pudesse constituir uma ameaça séria para a União Soviética, pondo em relevo o seu atraso militar e económico.

Altos funcionários europeus-orientais têm criticado frequentemente a China nos últimos dois meses. A China foi objecto de censuras no comunicado da reunião da comissão central do Partido Comunista húngaro, realizado no passado mês de Abril, pelo facto de se opor a «toda e qualquer iniciativa internacional apoiada pela União Soviética».

O «leader» checoslovaco Gustav Husak declarou em

Continua na pag. 18

DI/GERAL

# A LOTARIA DE HOJE OS 18 MILHÕES DA "TALUDA" COUBERAM AO N.º 2.305 E FORAM PARA ANGOLA

Lisboa e Porto repartiram os 2.º e 3.º prémios

Para Santarém seguiram 10 «cautelos» do 2.º prémio

2.305! — «Cantou» o pregoeiro, sr. Manuel Gameiro.

18 mil contos! — Respondeu-lhe em tom acima o colega sr. José Bernardino. Estava encontrado o caminho da fortuna para alguns que se habilitaram na lotaria. Caminho cujo destino foi Luanda.

As contingências da sorte e da fortuna patentearam-se, uma vez mais, no sorteio dos prémios da lotaria extraordinária que a Misericórdia de Lisboa emitiu sob invocação de Santo António, o popular taumaturgo festejado em todo o País com actividades e iniciativas de índole laica e cultural. A Lotaria de Santo António é, também, já ela própria, arraigada tradição. A invulgar assistência presente aos actos da extracção dos prémios reflecte, sem dúvida, essa realidade. Sonho milionário vivido por tantos que, premiados ou

«em branco» não dão por mal aplicado o dinheiro despendido na compra de lotaria, a qual ao longo de muitos dias lhes alimentou fantasiados caprichos de opulência. Quimeras feitas realidades, somente para os afortunados que adregaram o bom palpite. As tais contingências da sorte e da fortuna...

Para este sorteio foram emitidos apenas 25.000 bilhetes repartidos em cerca de 700.000 fracções (décimos e «cautelos») a que corresponderam 3.819 prémios totalizando 32.940 contos. Claro, foi a sorte grande — de 18 milhões de escudos — que polarizou atenções e motivou autêntica corrida aos títulos. Basta atentar em que, nesta «Bolsa», simples quadragésimos que custavam 60 escudos viriam a alcançar cotação de 450 contos!

## O SORTEIO

Ao meio-dia, pontualmente, o director da Lotaria Nacional, dr. António Branquinho de Amaral Pereira, deu indicação para se iniciarem as cerimónias do ingresso das bolas nas esferas. Os funcionários auxiliares,

fardados e de luva branca, introduziram em quatro dos grandes globos prateados as bolas marcadas com algarismos. Conforme definem as normas relativas à extracção «o número premiado será o que resultar da justaposição, em ordem decimal, dos algarismos inscritos nas quatro bolas saídas». Numa quinta esfera entraram 21 bolas marcadas com os valores de outros tantos prémios (os mais avultados) únicos sorteados individualmente. Os restantes 3.798 prémios foram designados quer pelos dois ou três algarismos finais, quer por estarem abrangidos nas centenas dos três prémios maiores, por corresponderem às aproximações do número do 1.º prémio e ainda por terem a sua «terminação». Tudo junto, no valor de 32.940 contos. Acentue-se, entretanto, que ao prémio grande corresponderam 18.000 contos, 2.000 ao 2.º e 300 contos ao 3.º prémio.

Além do director da Lotaria, assistido pelo administrador do 1.º bairro de Lisboa — dr. José Maria de Albuquerque Saraiva —, fizeram parte do júri que presidiu ao sorteio os funcionários superiores D. Maria Cremilde Sardinha e srs. Octávio Cau de Albuquerque e António Sabino Pulido. A coordenação das esferas e extracção dos resultados esteve a cargo dos seus colegas, respectivamente sr. José Neves Loureiro e D. Maria da Conceição Duarte.

**18 MILHÕES DE ESCUDOS APREGOADOS AO N.º 2.305**

Durou escassos minutos o ingresso das bolas nas esferas, após o que uma senhora, de en-

tre a assistência que superlotava o recinto, premiu o dispositivo de telecommando electromecânico que provoca a saída das bolas. Formou-se em primeiro lugar o n.º 15.398, premiado com 50 contos. E em longa série de números e prémios o sorteio continuou perante a expectativa da «taluda», que somente viria a ser apregoada em 10.º lugar. Como acima dissemos, os dezotoz milhões de escudos do 1.º prémio contemplaram o n.º 2.305, em bilhete repartido em «cautelos», requisitado pela Casa Campião e remetido para a sua sucursal de Luanda. Por curiosa coincidência, os 2.º e 3.º prémios seriam as últimas bolas a sair. Com 2.000 contos foi contemplado o n.º 18.235, em bilhete igualmente fraccionado em «cautelos» e levantado da Misericórdia pela Casa Travassos que o repartiu entre os seus balcões do estabelecimento do Rossio e o requisitante de Santarém, sr. António Ferreira Mendonça, que o vendeu a numerosa clientela. Por último, os trezentos contos do 3.º prémio viriam a premiar o n.º 932, remetido pela Casa da Sorte para a sua filial do Porto.

Registe-se que o 2.305, agora premiado com 18.000 contos já obtivera duas «taludas», respectivamente em 12 de Novembro de 1904 (12 contos de réis) e 24 de Junho de 1955 (contemplado com 1.500 contos da Lotaria de São José). Enfim, um número bastante afortunado.

A próxima lotaria, de tipo popular, recai em dia de quinta-feira.

## PREMIOS DE 50.000\$00

158; 6.758; 7.005; 10.273; 10.277; 12.732; 12.987; 14.764; 15.398; 15.734; 17.698; 18.875; 19.172; 19.722; 21.111; 21.222; 22.689 e 24.818.

## PREMIOS DE 4.000\$00 (CENTENAS)

901 a 1.000; 2.301 a 2.400 e 18.201 a 18.300.

## PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 125, 475 ou 895 são contemplados

com 8.400\$00, em cada bilhete; e os terminados em 070, 148, 302, 426, 491; 733 ou 936 são contemplados com 6.000\$ Por sua vez os números cujos dois últimos algarismos sejam 38, 39 ou 63 são premiados com 4.000\$00. Finalmente, os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 5 são contemplados com 2.400\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 300 contos do 3.º prémio grande foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE.

## Peregrinação de ciganos a Fátima

Iniciam-se hoje em Fátima as actividades religiosas de mais uma peregrinação nacional dos ciganos, com uma concentração, pelas 18 horas, junto à «Cruz Alta», de onde partirá uma procissão para a «Capela das Aparições». Não tendo sido possível arranjar alojamento para os peregrinos, o santuário concedeu terrenos para estes acamparem

agrupando-se por dioceses. A Direcção Nacional não se responsabiliza por qualquer despesa de supermercado — ali instalado — ou de transporte. Estão marcadas, além de outros serviços religiosos, quatro procissões e uma sessão de folclore cigano. A peregrinação terminará no dia 10, iniciando-se o regresso às 16 horas.

## Atropelada na Avenida

Esta manhã, junto à Feira do Livro, na Avenida da Liberdade, uma carrinha da Sociedade de Cosméticos Luso-Alemão, conduzida pelo motorista António das Neves Bernardes Chula, de 26 anos, atropelou mortalmente Clarisse Cândida da Luz Monteiro, que aparenta 80 anos

e morava na Rua Rio de Janeiro, 5 — 2.º dto., em Lisboa.

A vítima tentou atravessar aquela artéria sem tomar em consideração o sinal vermelho.

A ambulância do 115, que recolheu o cadáver, chegou ao local do acidente vinte minutos depois de ter sido solicitada a sua presença.

## Soldados mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, conforme oportunamente divulgado do Estado de Moçambique os seguintes militares:

O 1.º cabo número 010 892/70, Rui Silva Araújo e Gama, natural de Braga, filho de José Vasconcelos Araújo e Gama e de Maria Elisa Vieira da Silva; o 1.º cabo número 150 939/70, António Augusto Carlos Porém, natural de Chicanças — Alenquer, filho de António Augusto Porém e de Maria Rosa Santos Carlos; o 1.º cabo R.E. número 730 737/71, Alberto Matondoro Mocavele, natural de João Belo, filho de Joaquim Mocavele e de Carlota Cumail, casado com Marieta Fabião Langa, o soldado R.E. número 774 100/71, Edmundo Fulge Nhambane, natural de Nhambane, filho de Fulge Nhambane e de Angónia e do soldado R.E. número 724 527/71, Filipe João Langa

natural de Muchopes, filho de João Langa e de Aja Matavelo; soldado R.E. número 724 407/71, Rafael Filipe Nhone, natural de Sofala, filho de Filipe Chambuco Nhone e de Ana Nhauamba; o soldado R.E. número 734 093/71, João Penzadane, natural de Limpopo, filho de Chadan e Benzadane e de Chipulo Mazive; o soldado número 126 544/71, Fernando Dias Lopes, natural de Ribeira de Pena, filho de António Lopes e de Carlota Jesus Dias; o soldado número 126 991/71, Jorge Manuel Nicolau Bailote, natural de Albufeira, filho de João Nunes Bailote e de Amélia Nazaré Nicolau Bailote, casado com Maria da Boa Hora Coelho Neto e o soldado número 128 884/71, João Henrique Mendes Gonçalves, natural de Pantevel, filho de João Domingos Gonçalves e de Maria Plátas Mendes, casado com Amélia Mendes Gomes Ribeiro Gonçalves.

## BARCOS DE RECREIO

MENDES LE ALMEIDA, S.A. possui um parque de recreio com 10 barcos de recreio em permanente utilização no rio Tejo, em Lisboa. O parque de recreio é aberto todos os dias, das 10h às 18h, e oferece aos visitantes uma agradável e saudável actividade de lazer. Os barcos são de diferentes tipos, desde canoas a pequenas embarcações motorizadas, e são conduzidos por pessoal qualificado. O parque também oferece serviços de aluguer de barcos e de refeições. Para mais informações, contactar a Mendes Le Almeida, S.A. no telefone 285 529-285 530-285 779.

**VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO**  
apresentam  
tel. 53 85 86  
no AR CONDICIONADO  
**TEATRO VILLARET**  
o mais moderno e confortável de Lisboa



**GUIDA MARIA**

é a «MIRIAM» filha de «SAM». Que o pai rapte em «PAPA» é a coisa mais natural do MUNDO

Idade C/m. 14 anos

**O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPA**

**CRUZEIROS "FUNCHAL"**  
NO

• TOTALMENTE REMODELADO  
• CLASSE ÚNICA A BORDO  
• SERVIÇO DE 1.ª CLASSE

**MADEIRA - AÇORES MARROCOS - CANARIAS**  
A MELHOR SÉRIE DE CRUZEIROS NO MUNDO PORTUGUÊS

Partidas de LISBOA:  
19-6-3, 17 e 31-7-11 e 28-8-11 e 25-9-9 e 23-10

**9 DIAS DESDE 6550\$**  
Programas e inscrições

**abreu**  
FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 100  
Tel. 280 621 (15 linhas)  
PORTO — Av. dos Clérigos, 207  
Tel. 21 79 21 (15 linhas)  
COIMBRA — Rua de Santa E.  
Tel. 2 29 41-22 011

BAR ON THE ROCKS GRILLO RESTAURANTE OVAL  
TEA ROOM CITROEN



Visite-nos em Cascais com uma maravilhosa situação sobre o mar

R. FREDERICO AROUCA 72 - CASCAIS  
Tel. 285 529-285 530-285 779

## TERRENO VENDE-SE PRONTO A COMEÇAR

C/ licença já levantada, 23 hectares 2 e 3 casas racionais, no Bairro do Montepio Geral próximo ao Jardim Botânico. Venda a preço. Resposta à Rua Bernardo Lima, 45-47 — Lisboa — Tel. 40 322

TV

DL/ESPECTÁCULOS

## LEONOR, LEONOR — E O TEATRO DE MAL A PIOR...

Nestas coisas teatrais há sempre os intervalos para uma pessoa espalhar, desentorpecer as pernas, ver como está a noite, reparar se a consorte está com sorte, perdão, está com sono ou quê, etc.

Na noite de teatro de ontem estamos todos à espera do segundo intervalo para ir lá dentro ao frigorífico quando nisto, qual é o meu espanto: começam a desfilar os técnicos do som, da mistura, os operadores, enfim, os autênticos mártires desse perfeito drama chamado genérico.

Esfreguei os olhos.

Pois quê! A peça, inda agora uma menina, já vai acabar? Disposto eu para resistir às tantas da madrugada — e eis que a peça morre tão asinha? Que se passa? Ter-se-ão esquecido de algum acto, de algum flato, de algum desacato?

Atão como é? A Leonor Teles, capaz de incendiar a imaginação de cem dramaturgos; propícia, ela só, a dar mais fo-

lhetins do que a Noéle; apta a fazer correr torrentes de lágrimas, se tratada com água de rosas, ou a levar ao conhecimento de um dos períodos mais complexos da nossa História, se conduzida pelos que sabem da poda — então a Leonor Teles acaba assim ao fim de 40 minutos de emissão, tantos quantos levam os ingleses para nos contar uma história simples da «Bellamy»?

Entendamo-nos. Não se trata de conceber uma arte ao quilómetro, como o «rent a car». Livro grande pode dizer nada, uma palavra só pode dizer tudo. E mal os meus leitores sabem quanta pena sinto às vezes de não poder escrever apenas uma palavra.

Não se trata disso.

### A GRANDE AMEAÇA

Trata-se de verificar quanto esta peça «Leonor Teles. Prisioneira de Tordesilhas», à força de não dizer nada, não chega a ser coisa nenhuma,



Por MÁRIO CASTRIM



não tem o mínimo direito a existir. Nem ao menos o seu autor, Figueiredo de Barros, nos apresenta uma visão nova, um aspecto diferente, uma face reveladora do carácter de Leonor. Tudo quanto lá se diz não é nem sequer aquilo que toda a gente sabe — porque é menos do que toda a gente sabe. Para isto, qual a vantagem de recorrer ao trabalho de Barros, quando há tantas bem merecedoras, apesar de tudo, de lá irem?

Claro que se chega ao fim com uma sensação de intranquilidade. Fechada no seu quarto de Tordesilhas, Leonor Teles dá largas à sua alma perversa. Não-de ir buscá-la, olé se hão! Os seus amigos irão

arrancá-la de Tordesilhas e então se verá como vai ser grande a vingança, como vai correr o sangue!

Fico a tremer. A coisa não me agrada. Conspirei contra ela, ao lado de Fernão Vasques e outros. Escrevi, pelo meu punho, panfletos em que denunciava as intenções de D. Fernando de favorecer as grandes casas, particularmente os Meneses e os Castros. Acusei o rei, em várias reuniões conspirativas, de aumentar, em vez de restringir, o poder dos latifundiários do Ribatejo e do Ribatejo. Escrevi até um breve opúsculo intitulado: «De como el-rei D. Fernando fortalece as bases da economia feudal em prejuízo dos manifestos inte-

resses do povo português». Claro que o opúsculo correu anónimo. Ai não, cantas!

Por fas ou por nefas, a rainha veio a saber da minha acção contra ela e contra o seu esposo. Quando eu e muitos outros ajudamos o Mestre a atirar a regente pela borda fora, julgámos que o mal pior tinha passado.

Figueiredo de Barros veio dizer-nos que não. Leonor pensa sair de Tordesilhas — e então será o grande ajuste de contas. Figas!

### POUPEM O TEATRO!

Só o que me consola é que a barcaça dos mártires será grande. Além do autor da peça, outros sofrerão as iras da Rainha. Todos os actores, por exemplo, sem excepção. Leonor Teles cobrirá os olhos de raiva quando se vir na pele de Lia Gama, quando se vir tão maltratada, tão gritada, tão espalhafatosa, a falar não, mas a aviar palavras. E há-de ter pena de D. Fernando quando olhar para o pobre do Vítor de Sousa. Há-de ter pena ou há-de rir-se para o esposo:

«Estás a ver, senhor meu, estás a ver a linda figura de tolo a que te obrigam?» Há-de zangar-se, a pontos de jurar cortar-lhe a cabeça, com o realizador, o Felix Ferreira, que andou à deriva, a correr atrás dos planos, como os meninos a correr atrás das borboletas, e sem apanhar borboleta que se visse. A sua ira não escapará Igrejas Caeiro por nada mais senão por se meter num vespeiro, sem qualquer possibilidade de defesa.

Aqui chegados, apenas uma observação se impõe. Há que repensar desde o princípio a actividade teatral da Televisão Portuguesa. Repensar todos os domínios, desde o repertório à própria estrutura da secção. Tal como as coisas estão, por favor, parem. Nada de confusões. Poupem o teatro, ao menos.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria «MERGULHO». Rua de Luanda - Loja 5, c PAREDE

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Carlos Alberto Viamonte Cardoso e Silva, «Café Conimbriga»-CONDEIXA

**passa as suas férias  
ou fins de semana  
no ALGARVE**

### motel alagoas-LAGOA

Apartamentos para 2 e 4 pessoas, a seis quilómetros da Praia do Carveiro. Bar-Boite-Restaurante-Piscina-Garagens individuais.

### ALDEAMENTO SOLFÉRIAS

Carveiro-telef. 57123

Encantadoras moradias, rodeadas de jardins, a 300m. da Praia do Carveiro. Snack-Bar e Piscinas. Moradias para 4, 6 e 8 pessoas. Serviços de limpeza incluídos na diária. Os nossos hóspedes podem beneficiar de transporte gratuito, assegurado pelos nossos serviços, para a Praia do Carveiro, onde têm instalações de apoio.

### RESTAURANTES

**CENTRO HÍPICO DE VILAMOURA**  
serviço de bar-telef. 66108

### BOTECO

praia do paraíso-Carveiro  
Tema e seu banho numa Praia de Paraíso e almoce connosco.

### DESPORTOS

#### CAVALOS

Lições-Passeios acompanhados-  
Pensão para cavalos particulares

#### GOLF

A curta distância do Centro Hípico e da  
praia maravilhosa da Quarteira,  
um campo de 18 buracos.

### FAÇA JÁ A SUA RESERVA

NO ALGARVE

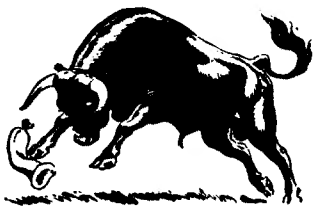
lagoa Tel. 52243 52268

EM LISBOA

Serviço de Relações Públicas da Somotel  
Avenida Infante Santo, 56 A - Tel. 661036-676684  
Telex 1549-Imobil P



**Maria da Fé**  
pergunta:  
— É POETA ! ! ? ?



M/6 Anos  
Monumental de  
**CASCAIS**

Domingo, 10 de Junho  
às 17.00 horas  
INAUGURAÇÃO  
DA TEMPORADA

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS  
À PORTUGUESA

cavaleiros:

ALFREDO CONDE — GUSTAVO ZENKL

D. FRANCISCO DE AZARUJINHA

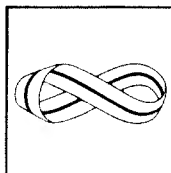
Grupo de Forcados Amadores de Lisboa  
de NUNO SALVAÇÃO BARRETO

6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS DE VICENTE CALDEIRA, para a estreia da ganaderia Espanhola



## Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Acores

Estamos onde Você estiver.  
No Continente.  
Nas Ilhas. No Ultramar.  
Somos uma organização em dia  
com quadros jovens  
e especializados  
para a resolução de cada caso.  
Actuamos com total  
transparência de processos.



**BANCO TOTTA & ACORES**

Num mundo novo o Banco Novo

# DIVESPECTACULOS

## "Limite" terá uns certos limites

Cinco minutos depois da meia-noite, a partir de hoje, no Rádio Renascença, nasce um novo programa. Toma o lugar do falecido «Tempo Zip» suspenso pela emissora. Agora uma equipa constituída por Carlos Albuquerque, Leite de Vasconcelos, Manuel Tomás e Costa Martins propõe «Limite» como substituto (será?).

No encontro que a equipa de «Limite» teve com a Im-

prensa, na sala de um edifício da Rua Braamcamp para apresentação do referido programa, Leite de Vasconcelos afirmou que «Limite» se definia por aquilo que é quando vai para o ar. Entretanto aquele profissional de rádio adiantou que a base do programa seria a reportagem do quotidiano sem uma perspectiva crítica mas tentando registar as opiniões das pessoas que

sentem os problemas.

Entre os temas abordados estarão os da vida rural, sindical, económicos e a actividade artística. Porém «Limite» significa, também, música de «qualidade» dando especial relevo à música portuguesa, espanhola e brasileira. Dentro desta linha musical, em que a «qualidade» é um conceito subjectivo dos responsáveis, os poemas têm uma importância fundamental: letras que sejam compreendidas pela maior parte das pessoas.

A reunião decorreu com a presença de Albérico Fernandes, director de programação de Rádio Renascença.

Em termos de independência os rapazes de «Limite» pretendem a independência mental e tanto quanto possível irão seleccionar a publicidade passada no programa. Sem o apoio económico de qualquer grupo financeiro (esclareceu Carlos Albuquerque) vão jogar uma cartada difícil.

L. F.

## O último adeus de Brigitte Bardot

A estrela de cinema Brigitte Bardot anunciou que deixa a sétima arte aos trinta e oito anos, pois esta será «uma maneira de se retirar elegantemente».

Ao participar na rodagem de um filme no sudoeste da França, Brigitte Bardot revelou a um entrevistador da rádio: «Penso que esta será a minha última película».

«Decidi que há outras coisas a fazer» — afirmou a estrela que apareceu pela primeira vez nos ecrãs mundiais em 1957, em «E Deus Criou a Mulher».

«Já trabalhei um dia na rodagem do meu novo filme, «Co-

linot Troussechemise» — disse a actriz, cujo trabalho, dirigido por uma mulher, Nina Companeez, deve ser estreado em Outubro.

Ao ser interrogada sobre o que é que lhe está reservado no futuro, «BB» respondeu simplesmente: — «A vida».

Brigitte acrescentou que está a gostar do seu primeiro trabalho sob a direcção de uma mulher.

«Gosto porque uma mulher compreende outra muito bem, especialmente Nina Companeez, que é uma mulher adorável. Considero-a maravilhosa».

Quando lhe perguntaram se a realizadora poderá descobrir novas facetas da sua personalidade ou talento, a actriz respondeu: «Bem, as facetas aos trinta e oito anos são bastante conhecidas. Eu conheço todas as minhas facetas de 'A' a 'Z' e ela também».

«Penso que este será o meu último filme, portanto não deverá haver muito para descobrir...»

## 16 filmes apurados na pré-selecção do Concurso de Cinema Amador

Terminou a pré-selecção do Concurso Nacional da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores que se realizou no Porto, com a participação de 25 filmes de autores de Guimarães, Viana do Castelo, Oliveira de Azeméis, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Famalicão, Porto, Aveiro, Lisboa, Portimão, Lobito (Angola), Lourenço Marques e Inhambane (Moçambique).

O júri, constituído pelo arqu. José Borrego (presidente), pintora Orlanda Mesquita Ramos, Maria Saraiva Lobo, eng.º Cunha Amaral, Manuel Diogo Gomes e dr. Jorge Brandão, apurou os seguintes filmes para a fase final a realizar, também, no Porto nos dias 29 e 30 de Junho e 1 de Julho:

«Repulsa» de António Martins Soares (Guimarães), «Vendedores de Ilusões» de José Manuel Lima, «Vidas de Genes» de Jorge Bahia e «É Preci-

so um País» de Joaquim Moreira de Pinho (Cine-Clube do Porto), «O Ensaio» de Vasco Branco, «Romaria» e «O Pedestal» de Manuel Matos Barbosa (Clube dos Galitos de Aveiro), «No Deserto de Moçamedes» de Vasco Pinto Leite, «Buda Dorme» de Alfredo Vaques Homem, «Águas Passadas» e «Todos os Homens de Vem ter o seu Fantasma» de Luís Vidal Lopes, «Pipocas Musicais» de Gil Apóstolo, «O Carnaval e o Público» e «Teia de Aranha» de Carlos Michaelis de Vasconcelos (Clube Micro-Cine — Lisboa), «Uma Batida às Raposas» de Júlio Bernardo (Grupo Juvenil de Cinema — Portimão) e «Jesus Cristo» de José Maria Brandão de Brito (Casa das Belas do Lobito — Angola).

O júri, de acordo com o regulamento do concurso, deliberou atribuir Menções de Estímulo às fitas que embora não apuradas na pré-selecção apresentam qualidades merecedoras de incentivo: «Fantasia Sinalética», de Júlio Capela da Cruz (concorrente de Viana do Castelo, representando o Cine-Clube do Porto), «Os Domínios Fervem» e «No País dos Pápuas» de Alfredo Vasques Homem.

**JULIE ANDREWS PREFERE A INGLATERRA** — A actriz de cinema Julie Andrews revelou que ela e a sua família tencionam fixar residência permanente na Inglaterra.

O meu marido, o produtor de cinema Blake Edwards, deu-me uma amostra da vida norte-americana e agora cabe-me a mim mostrar-lhe o que a Inglaterra tem para oferecer — declarou a actriz.

Julie Andrews, que viveu nos Estados Unidos nestes últimos dez anos, acrescentou: Agora

queremos viver aqui permanentemente.

A actriz está, presentemente, a rodar um filme na Inglaterra, película na qual contracena com Omar Sharif.

**«LUCIEN»** — Louis Malle está a rodar o seu novo filme, intitulado «Lucien», de que é autor do argumento juntamente com Patrick Modiano. A acção situa-se durante a ocupação: para fugir ao seu meio social, um adolescente do Sudoeste da França inscreve-se na Ges-

tapo, acabando por fugir com os israelitas que tinha de prender. Louis Malle confiou todos os papéis a actores amadores. «Lucien» é encarnado por Pierre Blaise.

**TOPOL: UMA NOVA VERSÃO DE ROMEO** — Topol, o protagonista de «Um Violino no Telhado», será o principal intérprete de outra comédia musical. Trata-se de uma nova versão do «Romeu e Julieta», de Peter Ustinov, cujo título será agora «R. Ama J.».

**«BARRY LYNDON»** — Depois dos seus dois últimos filmes, «2001 Odisseia no Espaço» e «Laranja Mecânica», Stanley Kubrick tenciona transpor para o cinema o romance de William Makepeace Thackeray «Barry Lyndon». O aventureiro irlandês será encarnado por Ryan O'Neal. Como principal intérprete feminino figura a Marisa Berenson.

## Cinema no Mundo

## O preço dos bilhetes de cinema em discussão na Corporação dos Espectáculos

A Direcção da Corporação dos Espectáculos reuniu, sob a presidência do dr. Manuel Teles e com a participação do vice-presidente, sr. Pedro Martins Fernandes, dos vogais Giuseppe Bastos, Jorge Brum do Canto, Manuel Martins e Hermínio de Ferreira Nunes.

Por convite compareceu, também, Vasco Morgado.

A primeira parte dos trabalhos foi ocupada pela discussão do processo relativo à intervenção governamental na fixação dos preços dos bilhetes de cinema, com detalhada análise das implicações que essa medida poderá ter na economia do sector.

No seguimento da reunião foi registado pelos presentes o acordo obtido nas negociações respeitantes à fixação do montante mínimo da subvenção de hospedagem devida aos artistas teatrais e músicos em digressão.

A última parte da reunião decorreu com a presença do presidente do Grémio Nacional dos Empregados da Diversão Pública, estrangeiros e nacionais, sr. António de Almeida, e do sr. António de Almeida, e do sr. António de Almeida.

## Artur Garcia e Gina Maria em França



## Trespasa-se

LOJA NA RUA BRAAMCAMP, LOCAL DE GRANDE MOVIMENTO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 827.

## VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

### LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA COMEDIA INGLESA

19.45 h. e 21.45 h.

21.45 h. e 23.45 h.

23.45 h. e 25.45 h.

25.45 h. e 27.45 h.

27.45 h. e 29.45 h.

29.45 h. e 31.45 h.

31.45 h. e 33.45 h.

33.45 h. e 35.45 h.

35.45 h. e 37.45 h.

37.45 h. e 39.45 h.

39.45 h. e 41.45 h.

41.45 h. e 43.45 h.

43.45 h. e 45.45 h.

TEATRO Tel. 32 74 93

### CAPITÓLIO

6.º MES

Grupo D M. 18 anos

Uma divertida comédia em 3 actos

19.45 h. e 21.45 h.

21.45 h. e 23.45 h.

23.45 h. e 25.45 h.

25.45 h. e 27.45 h.

27.45 h. e 29.45 h.

29.45 h. e 31.45 h.

31.45 h. e 33.45 h.

33.45 h. e 35.45 h.

35.45 h. e 37.45 h.

37.45 h. e 39.45 h.

39.45 h. e 41.45 h.

41.45 h. e 43.45 h.

43.45 h. e 45.45 h.

45.45 h. e 47.45 h.

47.45 h. e 49.45 h.

49.45 h. e 51.45 h.

51.45 h. e 53.45 h.

53.45 h. e 55.45 h.

55.45 h. e 57.45 h.

57.45 h. e 59.45 h.

59.45 h. e 61.45 h.

61.45 h. e 63.45 h.

63.45 h. e 65.45 h.

65.45 h. e 67.45 h.

67.45 h. e 69.45 h.

69.45 h. e 71.45 h.

71.45 h. e 73.45 h.

73.45 h. e 75.45 h.

75.45 h. e 77.45 h.

77.45 h. e 79.45 h.

79.45 h. e 81.45 h.

AFRICA

JAPÃO

1840

AFRICA

JAPÃO

1840

Ao longo da história da humanidade, os povos de diferentes culturas e civilizações foram se encontrando e trocando experiências. A exposição «AFRICA JAPÃO 1840» apresenta a história da relação entre os dois povos, desde o primeiro contacto em 1840 até aos dias de hoje. A exposição é organizada pelo Ministério da Cultura e do Património Nacional e pelo Ministério da Economia e Finanças. A exposição é aberta ao público a partir de 10 de Junho e vai até 10 de Setembro. A entrada é gratuita.

DL/ESPECTÁCULOS

# Festival de Cinema Apolo 70

A propósito do 2.º aniversário do Estúdio Apolo-70, e tal como aconteceu no ano passado, Lauro António realizou, de 26 de Maio a 2 de Junho, um pequeno Festival de Cinema, totalmente constituído por antecessoras. Eis uma brevíssima análise dos 7 filmes exibidos:

**LUZ VERMELHA** (AZY-LUM), de Roy Ward Baker. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: Inglaterra, 1972. Filme de «suspense» dentro dos moldes tradicionais, bastante bem realizado. Quatro histórias de loucos, contadas pelos próprios, ao jovem médico que procura emprego na casa de

saúde (estranha) onde estão internados. Emocionante, inquietante, interessante — mas o maior mistério é a tradução portuguesa do título: não há qualquer lua, nem qualquer vermelha.

**MEDEIA** (MEDEA), de Pier Paolo Pasolini. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: Itália, 1969. Que poderemos dizer desta pouco vulgar obra? Pasolini, de

que os portugueses viram há uns anos um bem ambíguo «Evangelho Segundo São Mateus» (que pessoalmente consideramos uma fita falhada, extremamente pouco imaginativa) e de que os portugueses muito ouviram falar a propósito de «Decameron» e «Contos da Cantuária» (dois filmes comerciais em absoluto, mas «bonitos», «bem feitos» e «picantes»), esse Pasolini escreveu e dirigiu este «Medeia» de

uma forma plena de intelectualismo, «difícil», esotérica. Maria Callas, vedeta de ópera, em 1969 na berra, arrasta-se ao longo do filme a fingir de «grande dama». De uma forma geral, e arriscando-se às acusações dos fanáticos da lentidão e da ilegibilidade, resumiremos dizendo que o filme é muito chato.

**MATADOURO 5** (SLAUGHTERHOUSE), de George Roy Hill.

Classificação: maiores de 18 anos. Produção: E.U.A., 1972. Uma história de ficção científica (?) de Kurt Vonnegut: um homem-farrapo e o seu cão-farrapo vivem sos. Mas o homem foi esfarrapado na guerra, foi feito prisioneiro, estava em Dresden em 1945, quando a cidade foi arrasada por um bombardeamento. Já em tempo de paz, casado e com filhos que serão a repetição da sua vida (noutras guerras, com motivações idênticas), escapa de um acidente de avião. Mas perde a noção do tempo e do espaço, ganhando simultaneamente a aguda consciência de que **tem que comunicar** a sua experiência vivida. **tem** que dizer a verdade sobre Dresden e as suas crianças, os motivos das guerras e os outros mundos do nosso universo. Realidade e sonho, recordação e imaginação tornados indistintos, num belo filme que roça o surrealismo, a poesia. Um novo nome a fixar: Michael Sachs, menino e homem, ingenuo e, à sua custa, bem experiente. Uma boa promessa de um grande actor.

**COMBOIOS RIGOROSAMENTE VIGIADOS** (OSTRE SLEDOVANE VLAKY), de Jiri Menzel. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: Checoslováquia, 1966. Um filme realmente notável, de um autor que se estreia entre nós. E que belo exemplo de humor e poesia: um humor paralelo ao do seu contemporâneo Milos Forman, todo ele feito da pequena observação, da naturalidade quotidiana. Mas que, ao contrário, nunca se baseia na crueldade, mas na simpatia humana. Menzel parece amar as pessoas, compreendê-las, sorrir-lhes. Mas não só: o seu herói tímido, a um passo da frustração, encontra com o amor a grande revolução. Na linha dos surrealistas, o encontro com a mulher é também o encontro com a vida e a verdade — o indivíduo transforma-se profundamente. Desinteressado da vida, do mundo que o rodeia, da guerra, ele entrará totalmente na acção, sujara

as mãos, irá até ao sacrifício final. A mudança individual, base da mudança da sociedade, pelo menos, base da **tentativa**. E uma mudança que desencadeia ventos, despenteia pessoas, parte vidros.

**ALFREDO, ALFREDO**, de Pietro Germi. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: Itália, 1973. Uma comédia italiana, dentro de uma tradição que tem muitos anos: humana, mordaz, plena de crítica de costumes. Excelentes intérpretes Germi já fez melhor, mas de qualquer modo o filme é um excelente divertimento.

**ENSINA-ME A VIVER** (HAROLD AND MAUDE), de Hal Ashby. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: E.U.A., 1972. Talvez o melhor filme de todo o pequeno Festival. Mas com certeza o mais original na história e na forma. O estranho e o poético encontram-se entre um jovem (16, 17 anos?) e uma velha senhora livre de 79 anos. Um filme em que Harold, o jovem, se «suicida» umas 15 vezes, sempre falso — uma falsidade que nos revela os truques do Cinema.

**A PROMESSA**, de António de Macedo. Classificação: maiores de 18 anos. Produção: Portugal, 1973. Pouco convincente na forma. Um grupo de cidadãos, actores, metido um tanto antinaturalmente numa típica aldeia de pescadores. Mal explorado no tema. Uma promessa daquelas (bem plausível aliás), merecia um desenvolvimento bem diferente (onde está o Buñuel?). O filme, de qualquer modo interessante, vive de um certo «folclorismo», sempre presente na arquitectura, nos trajes e na música.

Resumindo: o segundo aniversário do «Apolo-70» permitiu-nos ver em antestreia pelo menos 3 filmes primorosos: «Matadouro-5», «Comboios Rigorosamente Vigados» e «Harold e Maude». Como «A Promessa», filme português presente em Cannes, é uma curiosidade de obrigatoriedade e «Alfredo, Alfredo» diverte a valer, a semana de 7 filmes revelou-se de boa percentagem de interesse.

Obrigado e parabéns, Lauro António.

RAUL CALADO

## Crítica de teatro

Carlos Porto

# Teatro diferente no «Primeiro Acto»

«As Aventuras de Zé Pateta, o bom cidadão nos entrefolhos do treme-treme», de Carlos M. Rodrigues. Intérpretes: Carlos Cabral, Clara Joana, S. José Lapa, José Manuel Fanha, Luís Machado. Companhia de «Lídia, a mulher tatuada e os seus actores amestrados». Teatro «Primeiro Acto» (Algés). 3/6/73.

Um autor mais ou menos ignorado, dois actores com experiência, uma actriz principiante e dois actores estreantes juntaram-se e, sem ninguém dar por isso, conseguiram produzir uma coisa de que muita gente anda à procura e outra tanta exige: um espectáculo de teatro que não é um espectáculo de teatro no sentido convencional da expressão; um espectáculo «sem qualidade», no sentido do espectáculo «bem feitinho»; um espectáculo de (relativa) contestação que não parece facilmente recuperável (ou que se recupera a si próprio). Entre a revista do Parque Mayer (versão teatro pobre) e o «vaudeville» de Bairro Alto — «As Aventuras de Zé Pateta» situam-se numa zona de linguagem que estava por descobrir, ou por redescobrir.

Um texto que nem sempre evita o fácil (o humor rasteiro que faz a popularidade dos «Parodiantes») nem o cliché, consegue, no entanto, descascar mitos e místicas que constroem (destroem) o nosso quotidiano (o glorioso Benfica; Amália, a gloriosa; o marialismo de «boite»; a publicidade; a TV; o faduncho, etc.). Há uma

intriga ténue mas que surge ao longo do espectáculo, tornando-o coeso; joga-se em triângulo: uma jovem que arrancou uma paixão de morte ao «Zé Pateta» e pisca-o-olho a outro tipo com um nome muito complicado e tem «Porschs» que se farta.

O espectáculo não tem intervalo e divide-se em quadros ou sequências: estas interpenetram-se, situam-se entre um fluxo e um refluxo que ajudam a criar o ritmo trepidante que o marca. Uma dessas sequências é um autêntico «desarrincanco» — em causa a caricatura do velho, castigo fado bastante aguardado (com Clara Joana). O fado propriamente dito inscreve-se num «contexto dramático» que constitui uma situação de «fado de faca e alguidar», à nossa boa maneira: a fadista recebe a notícia de que a filha tentara suicidar-se (sem grande vontade de morrer) por causa das pancadas que recebia do amante. Esta «anedota fatalista» e o fado que a ilustra ou reflecte/impulsiona participam do fluxo e refluxo a que me referi.

Não é possível trazer aqui a riqueza de sinais de gozo que o espectáculo contém — é aí, aliás, que reside um dos seus segredos. Resta saber se alguns dos códigos utilizados serão entendíveis por aquele público a quem especialmente são dirigidos.

Nem tudo é riqueza, contudo, como já insinuei. O espectador não pode resolver o problema de saber onde começa e acaba o que no espectáculo

é fruste ou falhado porque é um pouco disso «que ele vive»: da técnica de fazer bem e da técnica de parecer fazer mal, tanto mais que entre os actores há os com experiência e estudo e os sem uma coisa e outra. É o caso, por exemplo, de saber ou não dançar, de saber ou não cantar, e da importância que isso tem em relação à eficácia do espectáculo.

O corte no real não é tão fundo como seria para desejar, e, por vezes, o superficial implica riscos maiores do que o silêncio. Não seria possível ir mais longe? Acreditado, tanto mais que se trata de uma primeira experiência. Uma das cenas me parece francamente falhada: aquela em que se quis fazer «sério» em contraste com as «brincadeiras» restantes. De qualquer forma, estou convencido de que estas «Aventuras de Zé Pateta», com a sua carga crítica, a sua crueldade (insuficiente), o seu humor (por vezes excessivamente rosa), a sua diferença (onde é que eu já vi isto?) — é espectáculo capaz de incomodar alguma gente e de divertir outra, justificando-se nessa duplicidade.

Ainda por cima, surge aqui uma actriz que virá a dar que falar — S. José Lapa — e dois actores que comunicam, cada um a seu modo, com notável facilidade (José Manuel Fanha e Luís Machado); Carlos Cabral faz um «Zé Pateta» com o sal e a pimenta necessários. Pena que Clara Joana não consiga, também por culpa de uma personagem mais difícil, menos integrável no tom, não apresente os mesmos sinais de

libertação, embora demonstre igual intencionalidade.

O texto surge como se fosse dos próprios intérpretes (e é esse o maior elogio que lhe poderia fazer), por vezes com achados de estalo. O mesmo da encenação que existe por não existir.

Tudo, repito, transmitido e representado com a indispensável dose de gozação que o espectador compartilha.

Reparo: acabei por fazer uma crítica (?) a um espectáculo que intencionalmente se coloca à margem de funções como esta: desculpem lá (é a deformação semi-profissional).

CARLOS PORTO

O espectáculo pode ser visto no «Primeiro Acto» (Algés), nos dias seguintes: 9, 10, 16 e 17 de Junho (às 21.45).

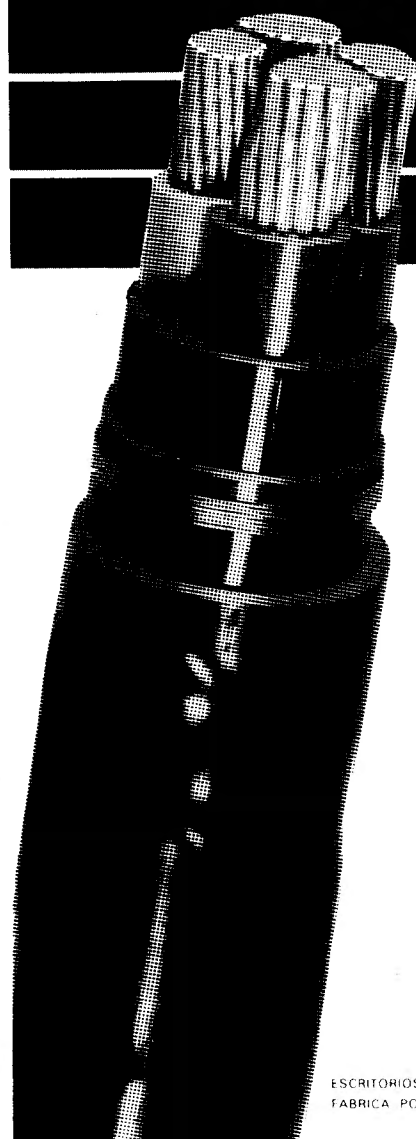
## ALIAMOS PROGRESSO

## AO NOSSO

## PRESTÍGIO

## NO ÂMBITO

## TÉCNICO



## CABOS DE ALUMÍNIO COMPACTADO

maior flexibilidade  
montagem mais fácil  
maior economia  
assistência técnica garantida



FABRICA DE CONDUTORES ELECTRICOS  
DIOGO D'AVILA, LDA.

ESCRITÓRIOS: CAMPO PEQUENO 21-1 LISBOA 1 TEL 76 61 69 76 42 48 76 61 94 95 96 (3 LINHAS)  
FABRICA: PORTELA DA AJUDA LISBOA 3 TELEFONES 97 03 51 52 53 54 55 56 LINHAS

## A CAÇA À DROGA



A droga é normalmente considerada como um dos maiores flagelos do Universo. Formam-se autênticos bandos de traficantes cujos responsáveis são constantemente procurados pela polícia. Um deles, um misterioso «André», controlava e orientava uma rede de heroína. Sobre a «caça» que conduziu à sua prisão, o número de Junho de Selecções do Reader's Digest inclui um interessante relato. Não perca este número. Compre hoje mesmo o seu exemplar.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joel Augusto Barbas. Rua de S. Marcos, 15 — REGUENGOS DE MONSARAZ



## EGIPTO E LÍBANO

11.150\$00

10 dias. Partidas 31 Agosto e 14 Setembro

## ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA

11.650\$00

3 Programas. 8, 11 ou 14 dias Partidas semanais

## MOSCOVO E LENINEGRADO

10.950\$00

8 dias. Partidas 16 e 30 Setembro

Estes são três dos programas de CAPRISTANOS TURISMO para as suas férias. Temos muitas outras sugestões. Consulte-nos.

Uma organização. Exite.



CAPRISTANOS TURISMO, LDA.  
Av. Duque de Loulé, 47-A/Tel. 560171/LISBOA

# SOCIEDADE FINANCEIRA PORTUGUESA, S.A.R.L.

## RELATÓRIO E CONTAS DO ANO DE 1972

### Relatório do Conselho de Administração

Durante o ano de 1972, a preocupação dominante da gestão da Sociedade centrou-se em consolidar acções anteriormente empreendidas e no lançamento de novos projectos, dentro do âmbito do programa delineado de acordo com a orientação inicial, exposta no relatório de 1970, embora tenham sido tomados em conta ajustamentos aconselhados ou impostos pelas circunstâncias. Convirá, por isso, ter presente o primeiro relatório do Conselho de Administração, onde se traçaram, de acordo com o Estado, directrizes fundamentais que se afigurava então deverem informar e orientar a actividade desta nova instituição de crédito. Decorrido um triénio de trabalho, será oportuno, ao prestar contas, não nos limitarmos aos números da Contabilidade, havendo também que procurar o confronto da orientação esboçada com a realidade executada.

Afirmou-se, então, no citado relatório de 1970 que:

«os empreendimentos públicos e privados atingem hoje tal dimensão que não basta a capacidade de um único estabelecimento de crédito para sistematizar e resolver o seu enquadramento financeiro. A Sociedade pode assim surgir como plataforma de cooperação entre várias entidades para projectar, interna e externamente, sob a forma de consórcios ou outras associações, as necessidades de financiamento — e as técnicas especiais que lhe são exigidas — de grandes empreendimentos em territórios portugueses ou mesmo no exterior; como em alguns casos a associação de empresas virá a exigir a integração total ou parcial de actividades, a Sociedade poderá contribuir para esse fim mediante estudo e eventual intervenção no processo de fusão. Exemplos da primeira espécie encontram-se no esquema financeiro do empreendimento de Cabora Bassa que, pelo seu volume, complexidade e responsabilidade do Estado, dificilmente poderia ser gerido por entidade privada. A participação da Sociedade em consórcios ou empreendimentos com outros Bancos permite igualmente lançar iniciativas que de outro modo seriam comprometidas ou diferidas a sua concretização, sem contar que a associação com grandes empresas multinacionais virá reforçar a posição nacional que de outro modo surgirá como dependente, em virtude da reduzida dimensão da maior parte das entidades privadas portuguesas.»

Dentro deste espírito, a assistência financeira da Sociedade tem vindo a registar sensível aumento e a revestir diversas modalidades, dela beneficiando número crescente de sectores da economia metropolitana e ultramarina. Todavia, para melhor ilustrar a preocupação de atingir os objectivos atrás citados, iremos, de seguida, referir-nos, especialmente, para além do projecto de Cabora Bassa, à acção desenvolvida pela Sociedade Financeira Portuguesa nos transportes marítimos e na indústria de celulose.

Continuámos, naturalmente, a execução do contrato com o Estado relativo a aspectos financeiros do empreendimento de Cabora Bassa, mantendo-se o elevado grau de colaboração com o Gabinete do Plano do Zambeze e com os Ministérios das Finanças e do Ultramar sempre que se revelou necessária a cooperação da Sociedade Financeira Portuguesa no estudo e resolução de problemas de vária ordem e diverso grau de complexidade, decorrentes da invulgar dimensão do projecto e da fase já adiantada da sua realização. Destaquem-se, neste domínio, não só a participação da Sociedade, em representação do Ministério das Finanças, nas negociações de acordos financeiros de assinalável importância para a economia do projecto, mas igualmente a sua intervenção, em ligação com a Junta Nacional da Marinha Mercante, com vista ao exercício da preferência do pavilhão nacional nos transportes marítimos do equipamento para Cabora Bassa. No âmbito do mencionado contrato com o Estado e em execução dos compromissos dele emergentes ou de novas funções assumidas, a Sociedade concorreu, até ao momento, com financiamentos que se aproximam dos dois milhões de contos.

A actividade da Sociedade Financeira Portuguesa, no sector dos transportes marítimos, incidiu, fundamentalmente, de acordo com a orientação governamental, no esforço de renovação da frota da marinha mercante nacional, condição indispensável para uma participação mais significativa no tráfego internacional. Afiguram-se apreciáveis os resultados já obtidos, se tivermos em conta a colaboração prestada pela Sociedade na aquisição de 19 novas unidades, incluindo três graneleiros, a que corresponde um acréscimo de cerca de 220 000 T. D. W., envolvendo um volume de investimentos que se aproxima do milhão e meio de contos. Este esforço, em que teve papel relevante a Empresa Insulana de Navegação, terá, certamente, aberto o caminho para a renovação global da marinha mercante a que se tem procedido nos últimos anos, e que não teria sido possível sem a orientação e estímulo constantes de Sua Excelência o Ministro da Marinha. A fusão da Empresa Insulana de Navegação com a Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos, conjuntamente com a expansão verificada na frota de navios graneleiros de carga seca, proporcionaram às empresas expressivo aumento de receitas anuais, as quais se elevaram de cerca de 400 000 contos em 1970 para próximo de um milhão de contos em 1972.

Deste modo e com o previsto aumento, a curto prazo, do capital da Empresa Insulana de Navegação, é de presumir ficar reunidas condições francamente favoráveis à expansão projectada, quer no plano dos transportes nacionais, quer na sua participação no tráfego internacional. No que respeita à indústria de celulose, destaque-se, no domínio da colaboração com entidades bancárias nacionais, a garantia prestada pela Sociedade Financeira Portuguesa a fornecedores estrangeiros de equipamento para a instalação de uma unidade fabril, cujo arranque se anuncia para breve, com produção estimada em cerca de 400 toneladas por dia, na sua quase totalidade destinadas à exportação, prevendo-se uma receita anual da ordem dos 700 000 contos. Igualmente há que referir a concessão, a outra empresa metropolitana do mesmo sector, de apoio fi-

nanceiro que lhe permitiu oportuna adopção da política de vendas mais adequada, em período de baixa conjuntura, dos seus produtos de exportação, que orça 80 000 toneladas e corresponde a valor que ultrapassa 300 000 contos.

Registe-se, também, a participação da Sociedade Financeira Portuguesa na concretização de importante complexo integrado, florestal e industrial, a erigir pela CELANGOL — Celulose de Angola, S. A. R. L., neste Estado, onde irá instalar-se uma fábrica com a capacidade inicial de 200 000 toneladas por ano, a ampliar até 400 mil toneladas. Prevê-se, na primeira fase do empreendimento, um volume de vendas, orientadas para o mercado europeu, da ordem dos 1 200 mil contos, do que resultará volume apreciável de afluxo de divisas para Angola.

O apoio global ao sector da celulose, quer em meios financeiros, quer em garantias, excederá os dois milhões de contos.

Saliente-se, por fim e ainda neste sector industrial, a colaboração prestada pela Sociedade no estudo de outros projectos, em Moçambique e no Brasil, no sentido de completar o esquema de investimentos previsto, tendo por objectivo essencial os mercados da América do Sul e do Japão.

Ainda no referente ao Ultramar, pode afirmar-se que atingiu, igualmente, expressão interessante, e revestiu várias formas, o apoio facultado pela Sociedade Financeira Portuguesa, em resposta a solicitações provenientes tanto do sector privado como do público. Tal apoio traduziu-se em financiamentos e garantias, de que predominantemente beneficiaram os sectores da energia, metalomecânica, transportes e comunicações em Angola e Moçambique e, quanto a este Estado, será de sublinhar a colaboração sempre pronta da Sociedade para a resolução de dificuldades temporárias de natureza cambial. Por outro lado, houve oportunidade de participar em estudos e iniciativas de marcado interesse, mormente nos mencionados Estados, onde, para além dos empreendimentos de Cabora Bassa e da CELANGOL, já referidos noutros passos deste relatório, se deverá referir a participação na PROESA — Sociedade de Empreendimentos Económicos de Angola, S. A. R. L., e, em colaboração com esta, na sua primeira iniciativa, concretizada na constituição de uma sociedade de economia mista — a Sociedade de Fomento do Quicuchi, S. A. R. L. — que nos surgiu com elevado interesse económico e social. Registe-se, também, o lançamento de empreendimentos que a Sociedade Financeira Portuguesa promoveu e apoiou, quer no campo do fabrico de mobiliário para escritório e equipamento escolar, quer de supermercados em Angola e, mais especialmente, na indústria de algodão, com a próxima entrada em regime de exploração normal da TEXTOM — Têxtil de Lourenço Marques, S. A. R. L. Esta nova unidade, cuja produção anual está programada para 16 500 000 metros de tecidos, trará grande benefício para a economia de Moçambique, sendo de salientar que as suas vendas anuais, estimadas em 200 000 contos, virão a traduzir uma redução de importações de valor aproximado.

Prosseguem, entretanto, estudos e diligências respeitantes a outros projectos de apreciável dimensão, como seja o da eventual instalação de uma unidade no sector do alumínio, que poderá interessar Angola e Moçambique e contribuir para melhor aproveitamento da energia eléctrica disponível de Cabora Bassa.

Refira-se, também, que, em colaboração com o Banco Totta & Açores e com importantes grupos locais, se ultimaram os trabalhos relativos à instalação, em Macau, do Banco do Oriente, cuja actividade se julga possível iniciar ainda no corrente ano. Espera-se, deste modo, que a presença de uma instituição com as características do novo Banco possa contribuir validamente, não só para o desenvolvimento daquela Província, como para proporcionar mais perfeito conhecimento de algumas praças do Extremo Oriente, que representam fontes importantes de recursos financeiros, e, até, servir de ponto de partida para a prospecção de interessantes mercados potenciais no plano comercial.

Quanto à projecção da Sociedade Financeira Portuguesa no exterior, comecemos por recordar a orientação traçada inicialmente. Nesse sentido se transcrevem alguns passos do relatório de 1970. Assim, no seu início, salientava-se:

«De acordo com o texto e o espírito do diploma, entendia-se que a nova entidade surgiria como elo da ligação de um conjunto de actividades públicas e privadas de feição monetária e financeira. Entre estas evidenciavam-se as relações com o exterior no plano creditício e ainda as operações sobre títulos, em particular quando representativos de dívidas de residentes em Portugal; aliás, as intervenções a que o Estado vinha sendo solicitado nessa matéria aconselhavam não só a coordenação, mas também o estabelecimento de organismo com técnica e flexibilidade suficientes para actuar no mercado internacional onde as mutações rápidas e o grau de tecnicismo, dificilmente se ajustam ao funcionamento de órgão burocratizado sujeito às regras da Administração Pública.»

Afirmava-se, mais adiante que:

«A evolução da vida financeira e económica mostrou, em nosso entender, o interesse e utilidade do estabelecimento de uma instituição com rapidez de actuação compatível com o dinamismo dos mercados internacionais. E foi de facto para esse sector que convergiram os primeiros esforços da Sociedade, tendo em conta não só o seu enquadramento estatutário, mas também o conjunto de elementos que no início da sua actuação foram citados como apoio indirecto e interesse imediato do Estado.»

E, finalmente, sublinhava-se que:

«A actividade no estrangeiro pressupõe, porém, e

ainda, formas de ligação monetária e financeira que no malmente se consolidam ou institucionalizam através de associações com estabelecimentos de crédito. O caminho seguido pelos países mais evoluídos consiste em acompanhar os seus empreendimentos no estrangeiro; dada evidente ausência de investimentos directos de empresa portuguesas, mas em face da igualmente evidente presença de muitos portugueses no exterior, orientámo-nos pelo critério de tentar actuar em locais onde residissem portugueses de nacionalidade ou de origem. Fomos assim conduzidos a procurar associações com estabelecimentos em países com fortes aglomerados de portugueses: recentes ou antigos; surgiu, como primeiro passo, num visão ampla, a tentativa de retomar ou ampliar a participação no Brasil, a qual permitiria ainda dar conteúdo aspectos da comunidade luso-brasileira e à orientação geral do Governo. Assim foi feito. Poderia, porém, per-se, numa visão imediata, que a fixação em locais de emigração recente contribuiria também para esse objectivo; mas a autêntica luta pela obtenção dos depósitos de emigrante português que, em especial em França, vinha sendo conduzida através dos mais variados processos: desaconselhava a entrada da Sociedade nesse tipo de concorrência; haverá antes que criar algo que permita a emigrante aplicar os seus recursos de modo rentável e seguro, quanto possível dentro do circuito português. A iniciativa da Sociedade de se concertar com instituição de crédito na Europa não conduziu ainda a resultado e a outra iniciativa, de inícios de 1970, de criar, em colaboração com Bancos Comerciais, fundo ou fundos de investimento, trabalhando em Portugal e no estrangeiro, espera-se que possa vir a ser brevemente concretizada no âmbito da orientação geral do Ministério das Finanças e dos estatutos da Sociedade Financeira Portuguesa.»

Neste largo objectivo, merece especial destaque a assicção com expressivos grupos financeiros no Brasil. Cor base na sua experiência e difusão no campo financeiro internacional e na orientação de contribuir para o reforço da Comunidade Luso-Brasileira, a Sociedade Financeira Portuguesa fez realizando um conjunto de associações económicas e financeiras com instituições privadas brasileiras, de molde a concretizar, na ordem prática, tais aspectos comunitários, que tornavam, igualmente, possível, fecunda colaboração nos planos internacionais e internos de cada país. E, assim, tomou a Sociedade participação significativa no complexo financeiro do Banco Português do Brasil. Já no ano em curso, esta participação viria a ser substituída e reforçada com novo e prestigioso associado — o Banco Itaú — que ocupa lugar cimeiro entre os Bancos privados brasileiros. Por força desta associação, dispõe, agora, o Itaú de 468 agências em todo o Brasil, passando a constituir a maior rede particular bancária naquele país e nas suas instalações trabalham cerca de 13 000 colaboradores, atingindo os seus activos mais de 100 milhões de contos. Estes indicadores reflectem a dimensão de um grande Banco, que constitui elemento importante de um complexo de assinalável projecção na economia brasileira — as Instituições Financeiras Itaú — dispondo de meios de acção para cooperar numa autêntica concretização dos aspectos económicos e financeiros da Comunidade Luso-Brasileira. Consolida-se, deste modo, com o firme apoio das autoridades dos dois países, uma associação de largo alcance no contexto de uma Comunidade que se deseja e antevê cada vez mais sólida.

É de inteira justiça, neste aspecto, prestar a devida homenagem a Sua Excelência o Presidente do Conselho, cuja orientação firme e permanente apoio tornaram possível a concretização de uma iniciativa de tal vulto. Por seu turno, as autoridades brasileiras colaboraram eficazmente na realização dos anseios comuns, pelo que lhes é devida uma palavra de merecido reconhecimento. Ainda no domínio das relações internacionais, assinala-se a nossa participação, conjuntamente com o Instituto de Crédito Moçambique, no Banco Comercial de Malawi, onde a orientação do sector público foi no sentido de se manter, dentro da esfera de cooperação portuguesa, posição que poderia, eventualmente, sair de mãos nacionais.

Na linha de orientação inicialmente traçada, a actividade da Sociedade Financeira Portuguesa não poderia deixar de continuar a desenvolver-se nos mercados europeu e norte-americano. Com este fim, prosseguiram, por isso, os esforços tendentes à obtenção de participações em instituições de crédito de mercados estrategicamente situados na vida financeira e monetária internacional, designadamente em Genebra, Luxemburgo e Londres. Encontra-se hoje a Sociedade não só em condições de captar directamente recursos no exterior, mas de seguir da melhor maneira a evolução dos mercados internacionais do dinheiro, sem estar dependente de elementos que lhe são proporcionados pelos próprios interessados na realização de operações. De acordo com os objectivos fixados, multiplicaram-se, naturalmente, os contactos com os mercados internacionais de capitais, onde se tem procurado e vai firmando posição que se julga de inegável interesse podendo concluir-se que a Sociedade Financeira Portuguesa representa actualmente uma das instituições portuguesas com maior difusão e aceitação no plano internacional.

Como tivemos ensejo de referir no primeiro relatório da Sociedade continuamos a defender que Portugal, de modo genérico, e Lisboa, em especial, dispõem de condições invulgares para operar no mercado financeiro e monetário internacional. Para tanto, haverá, necessariamente, que contar com actuação mais flexível do sistema monetário e financeiro em especial no que respeita às operações internacionais, aos problemas fiscais a elas ligados; desta forma, aumentar a possibilidade de aproveitar oportunidades, recursos e elementos que contribuiriam para um enquadramento mais efectivo na actividade económica internacional. Não se tem cansado nesse sentido, e a internacionalização da vida portuguesa no plano económico não tem vindo a ser acompanhada de concomitantes aspectos financeiros. Uma orientação desnatureza conduziria a alterar algumas rotinas que ainda care-

# SOCIEDADE FINANCEIRA PORTUGUESA, S.A.R.L.

terizam entidades que actuam no domínio monetário e financeiro, mas afigura-se que valeria a pena tentar o esforço, que poderia dar ao País uma posição correspondente ao prestígio que têm a sua mceda e as entidades políticas e financeiras.

No que respeita à actividade consultiva tem a Sociedade Financeira Portuguesa prestado a sua colaboração aos sectores público e privado no estudo de empreendimentos da mais variada natureza, quer directamente, quer através de empresas especializadas, algumas das quais se constituíram por sua iniciativa e em colaboração com Bancos nacionais e entidades estrangeiras. Proporcionou-se, desta forma, à Sociedade Financeira Portuguesa a possibilidade de colaborar no estudo de projectos de grande dimensão e a de, por outro lado, dar o seu contributo para o esclarecimento de situações importantes para a tomada de decisões de natureza pública ou privada.

Não se atingiram, ainda, alguns objectivos prosseguidos, desde o início, pela Sociedade Financeira Portuguesa, designadamente nos domínios dos fundos de investimento e da gestão de fortunas privadas, continuando, todavia, a aguardar-se que seja possível ver reunidas, em futuro próximo, condições propícias à sua progressiva realização.

Não queremos, por fim, deixar de referir um aspecto importante para a Sociedade Financeira Portuguesa que é o do seu novo aumento de capital, agora para dois milhões de contos, dando, assim, cumprimento à previsão do Art.º 5.º dos seus Estatutos e sequência ao aumento já verificado e de que haviam participado a Banca Comercial e a Fundação Gulbenkian. Esperamos, em breve, poder concretizar esta operação, já aprovada em princípio pelo Ministério das Finanças, a qual virá reforçar sensivelmente os meios de acção da Sociedade e alargar a sua composição accionista.

Menção especial há que fazer a Sua Excelência o Presidente do Conselho, pela compreensão, estímulo e constante apoio nos passos mais significativos autenticamente novos da actuação da Sociedade Financeira Portuguesa.

A Suas Excelências os Ministros das Finanças, Secretários e Subsecretários de Estado do Tesouro é justo manifestar apreço pela orientação transmitida e pela atenção dedicada, e sempre presente, à nossa actividade. Igualmente são credores do nosso reconhecimento Suas Excelências os Ministros da Defesa Nacional, do Ultramar e da Marinha e Secretário de Estado do Fomento Ultramarino, nos quais sempre encontramos boa receptividade e ajuda valiosa em tudo quanto respeita às suas esferas de acção.

Queremos, também, registar o nosso agradecimento aos Governos das Províncias Ultramarinas, pelo magnífico espírito de colaboração que presidiu a todos os contactos havidos a esse nível.

Apraz-nos sublinhar o clima de compreensão sempre existente nos trabalhos conjuntos com o Gabinete do Plano do Zambeze, entidade com a qual temos colaborado estreitamente em múltiplos problemas, sobretudo relacionados com o projecto de Cabora Bassa.

Das instituições de crédito metropolitanas e ultramarinas com que se verificaram mais frequentes contactos recebemos sempre preciosa colaboração.

Não poderíamos, ainda, deixar de salientar e agradecer o magnífico acolhimento dispensado por parte do avultado número de instituições de crédito estrangeiras, com as quais trabalhamos em clima de grande simpatia e compreensão.

Na ordem interna, é de mencionar o reforço observado nas Comissões Consultivas (Operações Internacionais e sobre Títulos), que passaram a contar com a colaboração dos Senhores Embaixador Dr. José Manuel Fragoso e Dr. Manuel Roquette Ricciardi, individualidades que, certamente, representam prestígio e assinalável competência nas matérias em causa. Perdeu, porém, esta Sociedade a presença de qualificado membro da Comissão Consultiva para Operações Internacionais — o Senhor Dr. Manuel Espírito Santo — acontecimento que profundamente nos estristeceu no plano pessoal e muito nos afectou no âmbito operacional, pois, desde o início, nos honrava com a sua inestimável colaboração e sempre acompanhou e aconselhou com o maior interesse as actividades internacionais desta Sociedade.

Ao Conselho Fiscal é de inteira justiça dedicar uma palavra de muito reconhecimento pela colaboração valiosa e permanente que continuou a dispensar à actividade da Sociedade Financeira Portuguesa.

Finalmente, queremos testemunhar aos empregados e colaboradores o nosso merecido reconhecimento pela dedicação e eficácia que continuaram a evidenciar. Sem tais atributos, não teria sido possível realizar o que já conseguimos.

Nos termos legais e estatutários, terminam agora os seus mandatos o Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Senhor Arthur Cupertino de Miranda, o 1.º Secretário, Dr. Abel Pinto Repolho Correia, o 2.º Secretário, Doutor Alberto Pinheiro Xavier e os suplentes, Dr. Domingos Othen Gonçalves e Dr. Raul da Silva Pereira; os Administradores, Dr. Alexandre Carlos de Magalhães de Almeida Fernandes e Doutor Nuno José Espinosa Gomes da Silva; e os vogais do Conselho Fiscal, Doutor Rui José da Conceição Nunes e Dr. Alberto de Oliveira Pinto. Todos são reelegíveis.

Alexandre de Almeida Fernandes  
Luís Maria Teixeira Pinto — Presidente  
Nuno Espinosa Gomes da Silva

## Proposta de Distribuição de Resultados

Depois de deduzidas as provisões e amortizações tecnicamente aconselháveis no montante de Escudos 38 134 080\$53, o lucro líquido apurado, depois de adicionado o saldo que transitou do ano anterior, fixou-se em Esc. 67 424 331\$27. Nos termos do art.º 26.º dos Estatutos, o lucro líquido terá a seguinte aplicação:

|                                                 |                |
|-------------------------------------------------|----------------|
| a) 10 por cento para o Fundo de Reserva Legal   | 6 742 433\$10  |
| b) 10 por cento para o Fundo de Reservas Livres | 6 742 433\$10  |
|                                                 | 13 484 866\$20 |

O remanescente, no valor de Esc. 53 939 465\$07, ficará à disposição da Assembleia Geral para os fins previstos nas alíneas c) e d) do art.º 26.º dos Estatutos

Balço em 31 de Dezembro de 1972

## ACTIVO

### Disponível e Realizável

|                                            |                   |                                     |
|--------------------------------------------|-------------------|-------------------------------------|
| Caixa                                      | 569 502\$60       |                                     |
| Depósito no Banco de Portugal              | 18 226 183\$79    |                                     |
| Depósitos noutras Instituições de Crédito  | 480 361 045\$38   | 499 156 731\$77                     |
| Correspondentes no Estrangeiro             | 467 982 035\$90   |                                     |
| Carteira de Títulos                        | 796 983 142\$70   |                                     |
| Carteira Comercial                         | 300 660 994\$90   |                                     |
| Letras sobre o Estrangeiro                 | 13 123 172\$20    |                                     |
| Empréstimos e Contas-Correntes Cauçionados | 16 421 306\$70    |                                     |
| Devedores e Credores                       | 1 096 550 043\$14 |                                     |
| Accionistas                                | 265 838 000\$00   |                                     |
| Empréstimos a mais de um ano               | 3 847 706 213\$72 | 6 805 264 909\$26 7 304 421 641\$03 |

### Imobilizado

|                                          |               |                             |
|------------------------------------------|---------------|-----------------------------|
| Participações Financeiras                |               | 787 777 647\$60             |
| Despesas de Constituição e de Instalação |               |                             |
| Custo                                    | 4 406 509\$30 |                             |
| Amortização                              | 4 139 227\$20 | 267 282\$10                 |
| Mobiliário e Material                    |               |                             |
| Custo                                    | 1 720 884\$90 |                             |
| Amortização                              | 438 709\$80   | 1 282 175\$10               |
| Outros Valores Imobilizados              |               |                             |
| Custo                                    | 203 759\$00   |                             |
| Amortização                              | 39 011\$40    | 164 747\$60 789 491 852\$40 |

### Outras Contas do Activo

|                                        |  |                   |
|----------------------------------------|--|-------------------|
| Contas Transitórias e de Regularização |  | 108 461 554\$88   |
|                                        |  | 8 202 375 048\$31 |

### Contas de Ordem

|                                           |                   |                                   |
|-------------------------------------------|-------------------|-----------------------------------|
| Valores de Conta Alheia                   |                   | 32 396 309\$02                    |
| Valores Recebidos em Caução               |                   | 1 213 602 664\$50                 |
| Devedores por Garantias e Avals Prestados | 1 615 836 925\$38 |                                   |
| Devedores por Aceites                     | 257 415 711\$00   |                                   |
| Devedores por Créditos Abertos            | 84 313 089\$60    | 1 957 565 725\$98                 |
| Outras Contas de Ordem                    |                   | 230 515 155\$00 3 434 079 854\$50 |
|                                           |                   | 11 636 454 902\$81                |

## PASSIVO

### Exigível

|                                                     |                 |                                   |
|-----------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------|
| Exigibilidades Diversas                             |                 | 3 504 510\$70                     |
| Correspondentes no Estrangeiro                      |                 | 4 029 938 509\$20                 |
| Devedoras e Credores                                |                 | 1 579 373 885\$82                 |
| Estado Português:                                   |                 |                                   |
| Empréstimos e Suprimentos                           | 155 000 000\$00 |                                   |
| Conta Aplicação de Promissórias de Fomento Nacional | 200 000 000\$00 | 355 000 000\$00 5 967 816 905\$72 |

### Não exigível

|                                        |  |                 |
|----------------------------------------|--|-----------------|
| Contas Transitórias e de Regularização |  | 208 467 173\$69 |
| Provisões Diversas                     |  | 66 700 156\$88  |
| Mais-Valia da Carteira de Títulos      |  | 339 641 603\$75 |
|                                        |  | 614 808 934\$32 |

### Capital e Reservas

|                          |  |                   |
|--------------------------|--|-------------------|
| Capital                  |  | 1 500 000 000\$00 |
| Fundo de Reserva Legal   |  | 5 662 438\$50     |
| Outros Fundos de Reserva |  | 46 662 438\$50    |
|                          |  | 1 552 324 877\$00 |

### Resultados

|                             |  |                   |
|-----------------------------|--|-------------------|
| Lucros e Perdas:            |  |                   |
| Saldo do exercício anterior |  | 141 853\$44       |
| Resultado do exercício      |  | 67 282 477\$83    |
|                             |  | 67 424 331\$27    |
|                             |  | 8 202 375 048\$31 |

### Contas de Ordem

|                                          |                   |                                   |
|------------------------------------------|-------------------|-----------------------------------|
| Credores por Valores de Conta Alheia     |                   | 32 496 309\$02                    |
| Credores por Valores Recebidos em Caução |                   | 1 213 602 664\$50                 |
| Garantias e Avals Prestados              | 1 615 836 925\$38 |                                   |
| Aceites                                  | 257 415 711\$00   |                                   |
| Créditos Abertos                         | 84 313 089\$60    | 1 957 565 725\$98                 |
| Outras Contas de Ordem                   |                   | 230 515 155\$00 3 434 079 854\$50 |
|                                          |                   | 11 636 454 902\$81                |

O Técnico de Contas — Armando Gil Cardeira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

## Anexo ao Balço

Nos termos do disposto no Art.º 20.º do Decreto-Lei n.º 42 946, de 27 de Abril de 1970, indicam-se, por categorias, as operações resultantes da aplicação dos capitais facultados pelo Estado Português constantes do Balço sob a designação «Empréstimos e Suprimentos do Estado Português — Conta Aplicação de Promissórias de Fomento Nacional»:

|                                                                                                                                                                                                              |                |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| 1. — Operações realizadas com os meios facultados pelo empréstimo de 100 000 contos, de acordo com o contrato de 22 de Dezembro de 1970, cujo saldo, em 31 de Dezembro de 1972, era de Esc.: 50 000 000\$00: |                |
| Indústria transformadora                                                                                                                                                                                     | 15 000 000\$00 |
| Distribuição e Transportes                                                                                                                                                                                   | 37 437 883\$10 |
|                                                                                                                                                                                                              | 52 437 883\$10 |

2. — Operações realizadas com os meios facultados pelo empréstimo de 50 000 contos, de acordo com o contrato de 27 de Julho de 1972:

|                                                                         |                |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------|
| Empreendimentos do sector de energia, no âmbito do III Plano de Fomento | 50 359 377\$50 |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------|

3. — Operações realizadas com os meios facultados pelo empréstimo de 100 000 contos, de acordo com o contrato de 19 de Maio de 1972:

|                                                                         |                 |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Empreendimentos do sector de energia, no âmbito do III Plano de Fomento | 100 796 754\$75 |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------------|

Continua na pagina seguinte

## Visitadas as instalações da Empresa J. Pimenta

Os participantes do II Colóquio Nacional da Indústria de Construção realizaram ontem, no prosseguimento das suas sessões, uma visita de estudo à instalação-sede da empresa J. Pimenta, S.A.R.L. e ao complexo industrial de Talaide (Paço de Arcos).

Receberam os visitantes o dr. Afonso Coelho Pinto, presidente da Assembleia Geral, dr. Agostinho Baptista, dr. Adriano Matos e eng.º Santos Matos, do Conselho Fiscal e os membros do Conselho de Administração, sr. João Pimenta, sr. Luís Pimenta, dr. Castro Rosa, eng.º Mário Martins, sr. Lázaro Carmo Viegas e o sr. Pires Araújo.

Depois de um almoço com que a empresa brindou os visitantes, o sr. João Pimenta usou da palavra focando alguns aspectos que afectam a construção civil em geral, e a sua empresa em particular, declarando a dada altura que «constitui um paradoxo o condicionamento rigoroso a que está sujeita a publicidade. Como poderá uma empresa fazer chegar ao conhecimento dos mais variados profissionais os salários que pretende pagar, se isto lhe é vedado através dos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Olímpio P. Machado — S. BRÁS DE ALPORTEL

anúncios?»

Em seguida, efectuou-se a visita às instalações fabris do Complexo Industrial de Talaide, onde os visitantes apreciaram as secções de extracção, britagem e classificação de calcários, centrais de betão pronto e sua colocação em obra, pré-fabricação de elementos de betão, fabricação de estruturas metálicas e de caixilharia de alumínio e fabricação de mobiliário (para aplicação própria e para abastecimento do mercado interno).

Ao terminar a visita, a empresa ofereceu ainda um beberefe numa adega que possui naquelas instalações fabris.

### Concurso de montras

Um dos números das Festas dos Santos Populares está destinado a despertar o maior interesse. É o Concurso de Montras, organizado pela União de Grémios dos Lojistas de Lisboa, patrocinado pela Câmara Municipal para disputa de vários troféus e prémios pecuniários, galardoando o bom gosto, a originalidade, o sentido comercial e o sabor popular, a propaganda dos produtos nacionais e a iluminação. O certame será inaugurado pelo presidente do Município, coronel Silva Sebastião, na noite do dia 10.

# II COLÓQUIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

## O trabalho em horas extraordinárias a exemplo do que sucede em França defendido no colóquio

Não contemplando aspectos de incentivo à produtividade, nem faculdades relativas ao trabalho em horas extraordinárias, a legislação portuguesa aplicada à construção civil foi considerada desactualizada e atentatória dos verdadeiros interesses desta actividade no Colóquio da Construção Civil que está a decorrer no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e terminará hoje com a leitura das conclusões.

O eng. Nelson Montes perguntou por que motivo os operários da construção civil não podiam trabalhar em horas extraordinárias, mesmo quando o desejavam se o faziam no estrangeiro. Lembrou que os nossos salários-base já não estão muito desactualizados em relação aos que se pagam em França, por exemplo, mas que naquele país a actividade do trabalhador é melhor remunerada à custa de horas extraordinárias.

Sobre o assunto, um dirigente

do colóquio disse ao «Diário de Lisboa»:

«O problema exige estudo imediato das entidades competentes para, através da sua resolução, se eliminar um factor que estimula a emigração. A legislação, no entanto, tem que ser elaborada com fundo moral significativo para impedir a exploração do trabalhador. Este só deverá fazer horas extraordinárias se estas forem bem remuneradas e se ele puder ter poder de decisão.

A legislação vigente foi pu-

blicada quando havia abundância de mão-de-obra mas, hoje, já está ultrapassada por novos conceitos.

O eng. Nelson Montes apresentou um trabalho bem elaborado pondo em confronto as conclusões aprovadas no I Colóquio da Construção Civil, realizado em Maio de 1970 e as medidas tomadas posteriormente pelo Governo. No que se refere à instituição de sistemas que incentivem a participação do pessoal técnico e operário nas actividades das empresas e contribuam para a redução dos tempos de inactividade que se verificam com frequência na execução das obras, o eng. Nelson Montes salientou que os sistemas de remuneração com incentivos ainda se encontram pouco evoluídos, devido à carência de regulamentação aplicável. Criticou, também, o facto de não ter sido criado, como se propunha, um Grupo de Coordenação das Actividades de Formação Profissional assim como Centros de Formação para monitores a nível nacional e regional. Enunciou também, algumas medidas que foram preconizadas pelo colóquio e postas em prática pelo Governo.

### UMA COMUNICAÇÃO DO GABINETE DA ÁREA DE SINES

O Gabinete da Área de Sines apresentou uma comunicação intitulada «A área de Sines e a construção em Portugal» em

que se afirma nomeadamente: «com base numa determinada taxa de actividade e mostrando os estudos feitos a possibilidade do complexo industrial de Sines atrair, já em 1980, uma população entre 80 e 110.000 habitantes, podemos prever o número de habitações necessárias ao longo dos anos até tal data. E assim para tal afluxo que nos devemos preparar tanto mais que, só numa posição de colaboração eficaz com outros sectores poderemos, mais facilmente, em curto prazo, realizar o projecto em curso de valorizar tal região».

O relatório calcula as necessidades de mão de obra em cerca de 18.000 técnicos e operários.

Depois de elaborado um projecto de conclusões este foi debatido, esta manhã, num plenário com elevada intervenção de participantes no colóquio.

A reunião foi encerrada às 15.30 durante uma sessão a que presidiu o secretário de Estado da Indústria, eng. Hermes dos Santos. Proferiu um discurso depois da leitura das conclusões, o presidente do Grémio do Norte sr. eng. Leonel Igreja Pereira o qual a certa altura afirmou: «O País tem necessidade de ver cumprido vasto programa de obras que constituirão as infra-estruturas do progresso que se impõe».

Nas conclusões reafirma-se de novo que o País necessita de edifícios para habitação da ordem dos 500 000 fogos.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Bernardino Nunes (Quiosque) — PORTO BRAN- DÃO

## SOCIEDADE FINANCEIRA PORTUGUESA

Conta de Lucros e Perdas do Exercício de 1972

Continuação da pagina anterior

### DÉBITO

|                                                   |                 |                 |
|---------------------------------------------------|-----------------|-----------------|
| Juros e Comissões a nosso cargo                   | 122 351 806\$58 |                 |
| Contribuições e Impostos                          | 3 022 116\$20   |                 |
| Despesas com o Pessoal:                           |                 |                 |
| Remunerações dos Órgãos Sociais                   | 570 000\$00     |                 |
| Remunerações dos Empregados e Outros Servidores   | 6 618 850\$20   |                 |
| Encargos Sociais Obrigatórios                     | 464 827\$40     |                 |
| Outros Encargos                                   | 186 777\$20     | 7 840 454\$80   |
| Despesas Gerais:                                  |                 |                 |
| Publicidade                                       | 417 289\$40     |                 |
| Conservação de Instalações, Mobiliário e Material | 91 674\$90      |                 |
| Outras Despesas                                   | 5 941 231\$19   | 6 450 195\$49   |
| Encargos Diversos                                 |                 | 1 946 185\$49   |
| Provisões e Amortizações:                         |                 |                 |
| Dotações para Provisões Diversas                  | 36 417 502\$03  |                 |
| Dotações para Contas de Amortização               | 1 716 578\$50   | 38 134 080\$53  |
| SALDO                                             |                 | 67 424 331\$27  |
|                                                   |                 | 247 169 170\$36 |
| CRÉDITO                                           |                 |                 |
| Saldo do Exercício Anterior                       |                 | 141 853\$44     |
| Juros e Comissões a nosso favor                   | 202 430 677\$18 |                 |
| Resultados em Operações Cambiais e Sobre Títulos  | 37 015 128\$14  |                 |
| Rendimento de Títulos de Crédito                  | 5 822 196\$14   |                 |
| Outros Rendimentos, Receitas e Lucros             | 1 759 315\$46   | 247 027 316\$92 |
|                                                   |                 | 247 169 170\$36 |

O Técnico de Contas — Armando Gil Cardeira

### Relatório e Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas

Tal como no período anterior do seu mandato, durante o exercício de 1972 o Conselho Fiscal, tendo em atenção a legislação aplicável, procedeu regularmente à verificação das contas e valores da Sociedade Financeira Portuguesa.

No decorrer dos seus trabalhos, o Conselho obteve quer da Administração quer dos colaboradores da Sociedade todos os esclarecimentos considerados necessários, bem como a apresentação dos elementos e documentos relativos às conferências realizadas.

Procedeu o Conselho à análise dos elementos contabilísticos referentes a 31 de Dezembro de 1972, considerando que o Balanço e a conta de Lucros e Perdas, exprimem com exactidão os valores activos e passivos da Sociedade e os encargos e receitas do exercício e que, tal como o relatório da Administração, satisfazem inteiramente as prescrições legais e estatutárias.

Os critérios valorimétricos adoptados na determinação dos valores que figuram no Balanço obedeceram aos preceitos técnicos mais ajustados às características da actividade da Sociedade, enquadrando-se, ao mesmo tempo, nas regras oficialmente definidas.

O relatório do Conselho de Administração dá uma ima-

### O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

gem necessariamente sintética mas suficientemente elucidativa do que tem sido a intervenção da Sociedade Financeira Portuguesa, seja no plano nacional, seja no plano internacional, em sectores do maior interesse para a economia do espaço português.

O saldo da conta de Lucros e Perdas, feitas as amortizações e provisões julgadas convenientes ascendeu a 67 424 331\$27, exprimindo e confirmando a evolução ascendente dos resultados positivos da Sociedade desde o início da sua actividade.

Deste modo, o Conselho Fiscal submete à consideração dos Senhores Accionistas o seguinte parecer:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1972;
- 2.º — Que o saldo da conta de Lucros e Perdas seja aplicado de acordo com a proposta do Conselho de Administração;
- 3.º — Que seja aprovado um voto de louvor ao Conselho de Administração e a todos os colaboradores da Sociedade.

Lisboa, 9 de Maio de 1973

Alberto de Oliveira Pinto  
José Bernardo Veloso Falcão e Cunha — Presidente  
Rui José da Conceição Nunes

**CASCAIS**  
Pavilhão dos Desportos

**nexus**  
apresenta

**dias 16 e 17 de Junho**  
às 21,30 h.

**Blood & Sweat & Tears**

**VINEGAR JOE**

**AO VIVO!**

Grupo B-10 anos

### BILHETES À VENDA NOS SEGUINTE LOCAIS:

|                                   |                                 |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| NEXUS                             | Rua Passos Manuel, 4-C - LISBOA |
| Discoteca MELODIA                 | Rua do Carmo                    |
| Discoteca UNIVERSAL               | Rua do Carmo                    |
| Discoteca do CARMO                | Rua do Carmo                    |
| Discoteca SASSETTI                | Rua Visconde Valmor             |
| Discoteca SASSSETTI               | Rua Nova do Almada              |
| Discoteca SINFONIA                | Avenida de Roma                 |
| Discoteca APOLO 70                | Avenida Júlio Diniz             |
| Agência ABEP                      | Restauradores                   |
| PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS | (nos dias dos espectáculos)     |

Os BLOOD, SWEAT & TEARS gravam em exclusivo para Discos distribuídos por RÁDIO TRIUNFO, LDA. (Est. MELODIA - Lisboa e Porto)

Grupo B-10 anos

DL/GERAL

## em 3 linhas

Estão concluídas as obras dos escalões de Carrapatelo e do Alto Rabagão, dos aproveitamentos hidroeléctricos do Douro Nacional e do sistema Cávado-Rabagão, respectivamente.

drigues e a dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Alves Alexandre

Nomeada, também, por dois anos, investigadora da mesma

Universidade a dr.<sup>a</sup> Maria Adélia Gonçalves Dinis.

Está aberto concurso de provas públicas para provimento de um lugar de professor extraordinário do 3.º grupo de disciplinas da Escola Superior de Medicina Veterinária.

## ADMISSÃO DE MAIORES A EXAMES LICEAIS

Foi determinado pelo ministro da Educação Nacional que a experiência pedagógica que alterou o disposto no Art. 1.º do Decreto-Lei n.º 44.413, de 23 de Junho de 1962, seja modificada,

permitindo que, até à fixação de legislação adequada, podem ser admitidos a exames do ensino liceal os alunos que completem 18 anos até 31 de Dezembro

do ano em que o requerem, mesmo que não tenham efectuado matrícula ou, tendo-a efectuado, a anulem até ao primeiro dia de aulas do 3.º período lectivo.

O dr. Quirino dos Santos Mealha foi nomeado vogal extraordinário da 1.ª Secção do Conselho Superior da Acção Social.

Foi concedida à Federação de Municípios de Trás-os-Montes e Alto Douro a participação do Estado de 1 207 850\$00 para trabalhos de electrificação de diversos lugares do concelho de Boticas.

Vão ser pavimentados os arruamentos de acesso ao castelo de Estremoz, para o que foi concedida uma comparticipação à Câmara Municipal.

Foram contratados para exercerem os cargos de assistentes eventuais, além do quadro, da Universidade de Lourenço Marques o eng.º António José Marques Guimarães Ro-

## Visita a Vilamoura

Cumprindo o programa anual de visitas de carácter técnico aos principais empreendimentos do País, deslocou-se ao Algarve, para visitar Vilamoura, a secção portuguesa da Sociedade dos Engenheiros civis de França.

A comitiva, constituída pelos eng.ºs, José Filipe Rebelo Pinto, Andrade Harter, Roberto de Espregueira Mendes, Maurice Chatelain, António Pereira dos Santos, José Maria Mercier Marques, Pedro Moura Brás Arsenio Nunes, João Adrião de Sequeira, João Carlos Gonçalves e Rodrigo Coelho Gonçalves, acompanhados das respectivas esposas, foi recebida pela administração da empresa.

Visitadas as instalações, a obra que maior curiosidade despertou entre os visitantes foi a marina de Vilamoura, cujos trabalhos de construção decorrem em ritmo acelerado a fim de que, em Junho de 1974, possa albergar 507 barcos de recreio.

A zona envolvente da marina, de características urbanas, clubes náutico, hotéis, restaurantes, «boites», bares e «pub», centros comerciais e recreativos, etc. — foi objecto de concorrido curso internacional, segundo o projecto em execução da autoria do arquitecto inglês Erik Lyons, seleccionado entre os vinte e um apresentados.

Após a visita foi oferecido um almoço.

## Inválidos do Volante

Os Inválidos do Volante (Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses), comemoram no dia 24 o 23.º aniversário da sua fundação, com várias cerimónias. Haverá ainda um almoço e jantar de confraternização, entre internados, sócios e seus familiares e amigos da instituição.



## os novos

# DATSUN

## (160 B - 180 B - 180 HT)

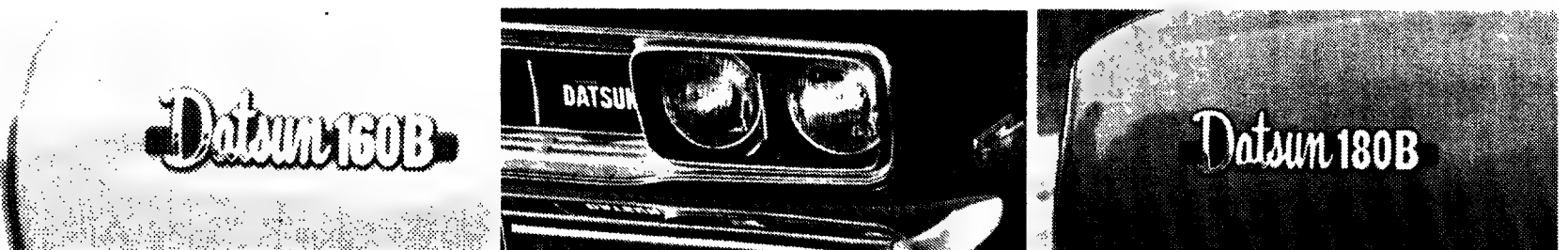


É importante conhecer, para se determinar o rumo certo, a decisão favorável, a que mais convém.

Numa escolha proveitosa, é importante conhecer os Datsun 160B, 180B e 180HT: os seus motores de concepção moderna com árvore de camas à cabeça; carroçarias N.U.B.C. (garantia máxima

em caso de acidente); suspensão independente nas 4 rodas, para estabilidade perfeita; travões de disco, servo-freio, circuito duplo de travagem e válvula repartidora; interiores de luxo, completa instrumentação, bancos reclináveis, total insonorização. Em suma: ainda mais potência, mais segurança, mais conforto.

E é, também, muito importante conhecer que, como para todos os Datsun, o ENTREPOSTO oferece a garantia de sempre: por uma manutenção mínima, o máximo de quilometragem.



**ENTREPOSTO**

Avenida Duarte Pacheco, 21-A Tels. 68 51 75/6/7/8 • Rua D. Estefânia, 118-A (ao Arco do Cego) — Tels. 55 32 71 55 33 10 • Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 88-A Tels. 76 54 80 LISBOA • Praça de Moscavide (aos Olivais) — Tels. 31 40 60/1/2/3/4/5/6/7/8/9 • ALMADA — Avenida Eng. Frederico Ulrich, 39 B • CASCAIS — Avenida Eng. José Frederico Ulrich, Lote 1 — Tel. 28 46 66 • FARO — Rua General Teófilo da Trindade, 9-11 — Tel. 2 35 21 • LEIRIA — Rua Machado dos Santos, 25 — Tels. 2 54 52/3 • PORTIMÃO — Avenida do Dique

Concessionários em todo o País

## DI/GERAL

## Nos Olivais

# ENCERRADO (PELA UNICOOPE) UM ESTABELECIMENTO COOPERATIVO CONTRA A VONTADE DOS SÓCIOS

A UNICOOPE, União Cooperativa Abastecedora, S. C. R. L., encerrou a Secção Local de Lisboa e Arredores, sita no Bairro dos Olivais. Nesse sentido a direcção central dirigiu aos associados daquela secção uma circular, datada de 28 de Maio último, comunicando-lhes a decisão do encerramento. «A contínua falta de rentabilidade da loja dos Olivais, praticamente desde que foi aberta, há cinco anos e também as nulas perspectivas de expansão futura, nas condições actualmente criadas, obrigou-nos após muitas hesitações a tomar a decisão que se impunha: termos de encerrá-la», lê-se no citado documento, onde se assinala ainda ser reduzida a vida associativa daquele posto cooperativo.

Por tal motivo os sócios deste estabelecimento reuniram extraordinariamente a fim de analisarem o encerramento do seu «Dómus».

## MÉTODOS ANTIDEMOCRÁTICOS E ANTICOOPERATIVIS- TAS

A abrir a sessão, o presidente da mesa da assembleia local, sr. António Cabral, considerou que aquela decisão era «uma atitude unilateral». «Este assunto prosseguiu não deveria ser resolvido por uma simples comunicação da direcção, mas sim após reunião numa assembleia local.»

Pode dizer-se que era geral o desagrado da massa associativa face à atitude dos dirigentes da

Unicoope.

O encerramento do posto dos Olivais afirmou, então o sócio sr.

ser imprimida ao movimento cooperativo por parte da direcção da Unicoope. É precisamente

## PLANO DE ACTIVIDADES DA SECÇÃO LOCAL

Entretanto, a Secção Local dos Olivais elaborara o seguinte plano de actividades:

«Como plano de actividade para o corrente ano, a Comissão Local pretende realizar os seguintes trabalhos, conforme programa aprovado em reunião própria:

a) Iniciar um contacto activo com os sócios já existentes.

b) Iniciar junto dos restantes consumidores uma campanha com vista à angariação de novos sócios.

c) Exercer uma crítica permanente aos serviços prestados pelo DOMUS a fim de que seja eliminada, completamente ou na medida do possível, a deficiente prestação de serviços que tem existido até ao presente.

Para a realização de tais trabalhos serão necessários determinados meios que de momento esta Comissão Local não dispõe. Desses meios destacamos:

Criação e manutenção daquele mínimo de burocracia que é indispensável. Deste mínimo apontamos:

a) Um ficheiro de sócios, com permanente actualização, apto a fornecer aos sócios elementos pedidos, como o capital que cada um tem na UNICOOPE.

b) Elementos estatísticos sobre a actividade económica do DOMUS, para que todos os sócios possam acompanhar a sua vida comercial.

Existência de um jornal de parede. Vemos nele uma maneira de se poder estabelecer um contacto

permanente com associados e não associados.

Necessidade de emitir 5 ou 6 circulares (350 cada) ao longo do ano, para a manutenção do contacto que se pretende e deseja.

Está ainda no nosso espírito promovermos reuniões com sócios, com certa frequência, para discussão dos problemas do movimento cooperativo em especial de âmbito local. Para que tal trabalho possa dar os frutos desejados há necessidade de, num futuro que desejamos breve, arranjar um local onde o possamos fazer e onde deverá ser montado o tal mínimo de burocracia indispensável à realização dos trabalhos propostos. O DOMUS actual não tem capacidade para servir, simultaneamente, de posto de vendas, sede e salão de reuniões. A não encontrarmos solução para isto, mostra-nos a experiência dos nossos antecessores que as possibilidades de êxito para o nosso trabalho serão diminutas.

O êxito no campo comercial virá, como consequência da nossa vitória no campo associativo. É neste campo que os investimentos poderão dar melhores frutos, pois só com um associativismo com uma base forte conseguiremos vencer as grandes cadeias de supermercados capitalistas, apolados como estão na sua fortíssima base financeira e máquina de propaganda orientada para a alienação do público consumidor e sua consequente exploração.

nos sócios, e é esse o seu mais im portante capital, que a direcção da Unicoope é incapaz de compreender o trabalho associativo desenvolvido pela comissão local. Além do mais, os processos utilizados pela direcção revelam uma atitude de manifesto desprezo pelos sócios, que colocados perante um facto consumado nem sequer têm oportunidade de poder decidir daquilo que lhes diz respeito. Tais métodos nada têm de democráticos nem de cooperativistas.»

A mesma opinião manifestavam outros elementos presentes, como o sr. António Ricardo, que afirmou:

A comissão local discorda profundamente do teor falso e tendencioso dos termos em que é redigida a circular da direcção central, comunicando aos sócios a decisão do encerramento.

## 230 FAMÍLIAS SEM ESTABELECIMENTO COOPERATIVO

Assim, e recusando que fossem nulas as perspectivas de expansão da cooperativa um elemento da comissão local referiu todo o trabalho desenvolvido na angariação de sócios, realizado de porta em porta, o que originou um aumento de vendas substancial a partir de Janeiro.

Em Maio disse o sr. Joaquim Graça o estabelecimento distribuiu bens de consumo no valor de 115 contos. Isto significa que se abasteceram naquela «pequena loja» (como lhe chama a direcção

central), cerca de 230 famílias.

Considerando-se que no aspecto de gestão a comissão local nada podia fazer os serviços de gestão da Unicoope estão centralizados no Porto um outro sócio refutou o argumento invocado pela direcção central sobre a ausência de vida associativa naquele «Dómus». Neste sentido salientou o programa de actividades elaborado pela secção local para o ano em curso.

## CADEIA DE SUPERMERCADOS

Os presentes na assembleia geral aprovaram uma moção discordando dos termos em que a direcção central decidiu o encerramento do posto de Olivais, e lamentando que a mesma não tenha levado em conta o trabalho da comissão local e a efectiva participação dos sócios na vida do «Dómus».

Entretanto, vão ser entabuladas negociações com os dirigentes da Unicoope, a fim de se manter aberto aquele posto, passando o mesmo a pertencer à Cooperativa Unicentral.

Isto apesar das críticas expressas na assembleia em que um dos presentes (delegado à assembleia geral e conselheiros regionais) acabaria por afirmar:

Por aquilo que vemos observando o movimento cooperativo está a encaminhar-se para a formação de uma cadeia de supermercados escusando-se, portanto, a colocar o adjectivo «cooperativos» junto à palavra «supermercados».

## Os pequenos canudos

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Meninos, vão para a escola — costuma dizer o trabalhador residente numa das novas «urbanizações» da margem sul, aqui bem perto de Lisboa. Os dois filhos, de facto em idade escolar, descem à rua e o pai, cumprindo um ritual de estranha ironia, espreita pela janela e atira-lhes uma bola.

Não temos nada contra as bolas, evidentemente. Antes pelo contrário. Acha-mos é exagerado que o tempo de escola tenha de ser substituído por uma útil e agradável brincadeira que devia ser simples complemento. A verdade dramática é esta: na povoação, com rendas acima de mil escudos e uma população elevada, não tem escola. Carece de outras coisas, como a electricidade em grande parte (salva-se a zona de vivendas, a «rua dos ricos» como lhe chamam as vozes do povo). Mas a falta da escola constitui uma lacuna muito grave, numa zona urbana em explosão, muito afastada já no espaço e no tempo, dos «bucólicos» passeios invernais de milhares de crianças do interior que têm de atravessar serras e freguesias para assistirem às aulas. Algo está mal para os lados da Cruz de Pau.

Simultaneamente, decorrem os exames do ensino primário para adultos. Concelhos há onde o número de candidatos continua a aumentar. Sabemos, por exemplo, que no de Sintra foram constituídos 29 júris, cabendo a cada um examinar 23 adultos. Faça o leitor contas de cabeça. E poderá pensar, como nós, que, em certos aspectos, algo existe de positivo neste aumento de candidaturas, se reflectir um maior interesse pela cultura. Mas será essa a realidade? E conhecido que, por lei, o diploma da instrução primária se tornou necessário para quase todas as actividades. O pequeno documento é um alvo que se procura de olhos espantados, de espírito violentado dada a incapacidade, aos 40 e 50 anos de desinformação, para apreender subtilidades inacessíveis. Neste campo, o veredicto dos júris mais de uma análise de consciência do que de uma atitude objectiva. Trata-se de um problema de consciência, de facto, mas também para o País, tanto mais que muitos desses candidatos são jovens deficientes mentais que não lograram vencer as dificuldades em idade escolar.

E por isso, afinal, que associamos as duas notícias. Em tempo de escolaridade obrigatória, é preciso garantir a existência de instrumentos que a justifiquem e apliquem. E preciso que haja escolas e professores, pelo menos. Onde elas são precisas. Para evitar que a terrível herança do analfabetismo se prolongue indefinidamente. Para evitar que um deficiente mental, cuja recuperação é objectivamente possível na primeira infância, ande pelos anos fora à conquista desesperada de um exame que legalize o seu indesejável direito ao trabalho, a sua passagem de aprendiz clandestino a trabalhador de facto e de direito.

## A GESTETNER EM ÉVORA

A GESTETNER, LDA. convida V. Ex.<sup>a</sup> a visitar a sua exposição de Duplicadores a stencil Fotocopiadoras Duplicadores offset Máquinas de endereçar, nos dias 6, 7 e 8 de Junho das 17 às 23 horas para inauguração da sua filial de ÉVORA.

*Gestetner*

Rua do Machede, 42-ÉVORA

## O MAIS SELECIONADO SORTIDO EM :

Enxovais para noivas, para bebés, roupas de casa, roupas de mesa, jogos de cama ou panos a metro, linhos, turcos, etc.

*Lavores femininos*

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D

**LAVORES**

RUA AUREA, 179

DL/NACIONAL

# Em 1 de Julho deixarão de circular eléctricos entre a Praça de Espanha, Carnide e Benfica

-revela hoje a revista MOTOR

A revista «MOTOR», publica da esta manhã, revela que em 1 de Julho deixarão de circular eléctricos entre a Praça de Espanha, Carnide e Benfica, começando, assim, o desmantelamento daquelas linhas de eléctricos que serão substituídas por carreiras de autocarros. Aquela revista especializa-

da em automobilismo anuncia ainda que, em 1 de Setembro, entrarão ao serviço os novos conjuntos rodoviários do triângulo Hospital de Santa Maria-Praça de Espanha-Sete Rios, o que significa que será posto termo, definitivamente, à passagem de nível do Rego.

As linhas de eléctricos que

vão ser eliminadas naquela data são as carreiras 1 (Praça do Chile-Benfica); 1-B (Sete Rios-Benfica); 5 (Largo do Carmo-Benfica); 13 (Praça do Chile-Carnide); e 13-A (Sete Rios-Carnide).

Esta medida faz parte de um plano de três anos e meio, a iniciar brevemente, destinado

a eliminar todas as carreiras de eléctricos existentes em Lisboa.

O conjunto rodoviário a que o «Motor» faz ampla referência e que ilustra com grandes fotografias, compreende a ligação da Avenida 28 de Maio entre o desvio para o Hospital de St.ª Maria e a Praça de Sete Rios e da Avenida António Augusto de Aguiar entre a Praça de Espanha e a Avenida que serve a entrada principal do Hospital de Santa Maria desembocando em frente ao edifício da Universidade Católica. Estas grandes artérias, já asfaltadas, são apoiadas por saídas em trevo conseguidas por intermédio de dois viadutos, já concluídos.



Um aspecto do viaduto já concluído que servirá o cruzamento das avenidas de 28 de Maio e António Augusto de Aguiar

Referindo-se à criação de estações rodoviárias urbanas no Campo Grande (que o «Diário de Lisboa» já revelou com larga soma de pormenores) e em Sete Rios, a revista «Motor» acentua: «O planeamento dos transportes colectivos em Lisboa é fundamental para aliviar a capital dos problemas de trânsito que a sufocam. Esse planeamento só pode fazer-se através de uma arti-

culação perfeita entre a rede de metropolitano e a rede de autocarros, o que parece, finalmente, estar em curso.» O «Motor» aplaude a decisão da Câmara Municipal e da Companhia Carris de eliminarem as carreiras de eléctricos na cidade substituindo-as pelas carreiras de autocarros, único transporte colectivo rodoviário que

pode interessar a uma cidade como Lisboa cujas artérias são, em média, estreitas e não suportam nas mesmas faixas os lentos e ortodoxos eléctricos, os autocarros e o trânsito dos veículos ligeiros. «Na Europa — diz a revista «Motor» — que insere também relatos das últimas competições automobilísticas e outros assuntos ligados à actividade automobilística — só Bruxelas e algumas cidades alemãs mantêm uma rede de eléctricos, mas estes funcionam como transportes urbanos de via rápida, circulando em faixas que lhes estão exclusivamente destinadas, nas margens das grandes avenidas.»

## O "mistério" da Duarte Pacheco



A imaginação supre todas as carências — como diria «monsieur» de La Palisse, se por acaso passasse naquele local da auto-estrada, junto ao viaduto Duarte Pacheco, onde, como se vê na gravura, alguém pintou numa barraca que é, ao mesmo tempo, moradia, oficina de reparações e armazém de ferro-velho e quinilharias, o seguinte letreiro a letras bem gordas: AVENIDA DUARTE PACHECO, n.º 20. O erro de ortografia é o de somenos. O que mete espécie é que o número vinte seja ali colocado, naquele sítio, visto que a contagem da Av. Duarte Pacheco começa do lado das Amoreiras, em ordem crescente, sendo o Liceu «Charles Lapiere» os números 40, 42 e 46. Mistério. Mas como estas coisas nada têm a ver com a lógica, pode pensar-se que o dono da barraca em causa, decidiu dar um número a dita, meramente publicitário. E acertou no vinte.

## O CASO DA MORTE DE RIBEIRO DOS SANTOS

A Polícia Judiciária remeteu ao Tribunal Militar Territorial o resultado das suas investigações sobre o caso da morte do estudante José António Ribeiro dos Santos, ocorrida em 12 de Outubro último.

As investigações iniciais couberam à D.G.S., mas foram posteriormente transferidas para a Judiciária («DL» de 26 de Janeiro). O processo encontra-se agora na fase que a lei define como «sumário da culpa».

A fase de «sumário da culpa», específica do direito processual criminal militar, equivale aproximadamente

à de «instrução contraditória» nos tribunais civis. O cometimento do processo ao 2.º Tribunal Militar Territorial (Santa Clara) de ve-se à norma que mandou tornar extensiva aos funcionários da D.G.S. a jurisdição militar.

O processo está entregue ao juiz-auditor civil daquele tribunal, assistido pelo promotor de justiça militar. O arguido nomeou seu advogado dr. Pedro Cabrita. A família de Ribeiro dos Santos constituiu-se assistente no pleito e é representada pelo dr. Joaquim Mestre.

## Datas dos exames do Ciclo Preparatório

Foram já fixadas as datas das provas escritas dos exames do Ciclo Preparatório, e que são:

### 1.ª CHAMADA

Dia 18 de Junho — (2.ª feira) Língua Portuguesa — 15 horas; História e Geografia de Portugal — 17 horas; Dia 19 de Junho — (3.ª feira) Ciências da Natureza — 15 horas; Matemática — 17 horas; Dia 20 de Junho — (4.ª feira) Francês — 15 horas; Desenho — 17 horas; Dia 22 de Junho — (6.ª feira) Trabalhos

Manuais — 15 horas.

### 2.ª CHAMADA

Dia 25 de Junho (2.ª feira) Língua Portuguesa — 15 horas; História e Geografia de Portugal — 15 horas; História e Geografia de Portugal — 17 horas; Dia 26 de Junho (3.ª feira) Ciências da Natureza — 15 horas; Matemática — 17 horas; Dia 27 de Junho (4.ª feira) Francês — 15 horas; Desenho — 17 horas; Dia 28 de Junho (5.ª feira) Trabalhos Manuais — 15 horas.

**DR. JOAQUIM CAPÊLO DE CARVALHO BOAVIDA FALECEU PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA**

Olímpia Orvalho Teixeira Boavida e mais família participam o falecimento, no passado dia 3, de seu muito querido marido e parente e que amanhã, dia 9, às 11,30 horas, no Altar-Mor da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO  
Telef. 534167

artes  
plásticas

## SALÃO DE ARTE EM LUANDA

Organizado pela Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Luanda, realiza-se em Agosto o VII Salão de Arte Moderna daquela cidade. Podem concorrer artistas portugueses e estrangeiros residentes em território nacional, com obras que ainda não tenham sido apresentadas ao público, em Luanda, nas modalidades de pintura, escultura, desenho, gravura ou qualquer outra expressão que possa ser incluída no âmbito das artes plásticas.

Os concorrentes da metrópole podem entregar as obras na Sociedade Nacional de Belas Artes, até às 18 horas do dia 6 de Julho, acompanhadas dos currículos dos autores e da indicação do respectivo preço.

## EXPOSIÇÃO DE BESUGO

E inaugurada hoje, às 18 horas, no posto de turismo de Faro, uma exposição de pintura do artista Vicente Besugo, que pode ser visitada todos os dias das 9 e 30 às 19 horas, até 18 do corrente.

## JÚLIO RESENDE NA «PRISMA 73»

Está patente ao público, na Galeria Prisma 73, uma exposição de pinturas e desenhos de Júlio Resende, destinados à nova edição ilustrada da obra de Fernando Namora «Retalhos da Vida de um Médico».

## CARLOS TEIXEIRA NO ESTORIL

E inaugurada amanhã, às 21 e 30, no salão de exposições das Arcadas do Parque — Estoril, uma exposição de pintura de Carlos Teixeira, que estará aberta todos os dias, até 22, das 10 às 22 horas.

## HERDADES

### VENDEM-SE

Uma coutada, preço 9500 contos, mais duas não coutadas, preços 2500 e 4500 contos. Bons locais. Não têm encargos. Sou o dono. Carta para Apartado, 1147, Lisboa-1.

## NOIVOS

As alianças e prendas da OURIVSARIA DA MODA dão felicidade RUA DA PRATA, 257

## EXCURSÕES abreu

EM AUTOPULLMAN DE LUXO

### EUROPA MARAVILHOSA

Partidas todos os sábados — 32 dias  
Espanha - França - Itália - Áustria - Suíça - Alemanha - Holanda - Bélgica e Inglaterra

### ESPAÑA e FRANÇA

Partidas: 23/7, 13 e 26/8 - 15 dias

### OCIDENTE EUROPEU

Partidas: 30/6, 28/7, 11/8, 1 e 22/9 - 22 dias  
Espanha - França - Itália e Suíça

### VERÃO AMENO

Partidas: 2/9 - 23 dias  
Espanha - França - Luxemburgo - Alemanha - Holanda - Bélgica e Inglaterra

### SAGA ESCANDINAVA

Partidas: 26 e 30/6, 24 e 31/7 - 36 dias  
Espanha - França - Inglaterra - Bélgica - Holanda - Alemanha - Dinamarca - Suécia - Noruega - Alemanha Leste e Berlim

### ANDALUZIA

Partidas: 1 e 15/9 - 10 dias

### ESPAÑA, ANDORRA e LOURDES

Partidas: 1/9 - 10 dias

### abreu desde 1940

LISBOA - Av. Liberdade, 160  
Telef. 520021 (15 linhas)  
PORTO - Av. dos Aliados, 207  
Telef. 37931 (16 linhas)  
COIMBRA - Rua da Seta, 2  
Telef. 37011/37013

## DIV/ESTRANGEIRO

# Gaddafi quer proibir o consumo de álcool no mundo

TRIPOLI, 8 (UPI-ANI) (por Edmond Hajj) Quando o dirigente da Líbia, coronel Moamar Gaddafi assumiu o poder em Setembro de 1969, uma das suas primeiras medidas foi mandar encerrar todos os bares do país.

Em 1.º de Janeiro de 1973, Gaddafi estendeu a proibição sobre o álcool aos diplomatas estrangeiros. Numa entrevista recente, o coronel declarou que a Líbia irá muito em breve submeter uma proposta às Nações Unidas, exigindo a proibição mundial.

«O álcool tem efeitos venenosos sobre o cérebro humano — explicou o dirigente, que conta trinta e um anos. — Se

todos observassem as leis do Islão, os problemas mundiais ficariam resolvidos».

Gaddafi talvez consiga banir o álcool da face da terra. Mas qualquer visitante terá de encerrar na Líbia o facto real de não conseguir uma única bebida alcoólica, mesmo que percorra de uma ponta à outra o país desértico e escassamente povoado.

Residentes estrangeiros de há longa data disseram que ainda é possível arranjar de vez em quando uma garrafa de whisky no mercado negro, por quinze dinares (cerca de um conto). Talvez existam essas garrafas de whisky, mas eu não consegui arranjar uma só, du-

rante uma recente visita de dez dias.

As minhas esperanças renasceram num pequeno restaurante, quando o proprietário árabe — que não é Líbio — reconheceu a minha pronúncia estrangeira e perguntou: «O que é que deseja beber? Whisky? Gin e água tônica, ou talvez um rum com coca-cola?»

O palavreado não passou, afinal, de uma brincadeira. O que mais se assemelha a uma bebida alcoólica, disponível em qualquer lado, é sumo de uvas. O rótulo na garrafa informa que é «um aperitivo sem qualquer conteúdo alcoólico».

A proibição do álcool por Gaddafi enquadra-se na linha da sua campanha geral para o regresso às verdades do Corão — uma pedra basilar da «revolução cultural», que lançou recentemente.

Afirma-se no Corão: «Tu, que acreditas nos intoxicantes e nos jogos de azar... és apenas um impuro, o produto do demónio. Despreza-os, portanto, para que consigas ser bem sucedido».

Mesmo antes de Gaddafi ter

derrubado o rei Idriss, a venda de álcool na Líbia era proibida por lei, mas poucos respeitavam a proibição e os bares e restaurantes vendiam bebidas alcoólicas abertamente. Mas o mesmo não acontece agora, com o regime militar a fazer cumprir as suas ordens.

A medida do dirigente líbio para retirar os privilégios diplomáticos sobre bebidas alcoólicas destina-se a cortar a entrada às últimas gotas de álcool no mercado negro.

Para as pessoas que gostam de uma bebida ou duas — entre eles dois mil e oitocentos norte-americanos e três mil ingleses, a maioria dos quais trabalham na Líbia para companhias petrolíferas — parece que vai haver um Verão comprido — e, sobretudo, «seco».



Paul Getty, considerado um dos homens mais ricos do mundo, ao lado de seu filho George, de 48 anos, que apareceu morto em circunstâncias ainda não esclarecidas. Entre os dois um cão de luxo, que Zsa Zsa Gabor ofereceu a Paul Getty (Telefoto UPI-Teleimpressa-DL)

## «GALERIAS ROLDÃO»

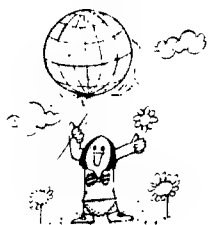
Máquinas fotográficas, filmar projectar e sonoras, das mais reputadas marcas «Mundiais», acessórios, rolos a preços de interesse.

Av.º Almirante Reis, 13 E. Metro do Intendente.



motor revista

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Roque RUNA



CANÁRIAS 8/15 dias

VIAGEM EM AVIAO

ESPECIALMENTE FRETADO

Partidas todas as 5.ª feiras de

Julho a Setembro

Preços a partir de

2.770\$00

Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA 8/15 dias

VIAGEM EM AVIAO

ESPECIALMENTE FRETADO

Partidas todas as 3.ª e 5.ª

feiras de Junho a Setembro.

Preços a partir de

3.400\$00

Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

TORREMOLINOS 8/15 dias

VIAGEM EM AUTOCARRO

COM AR CONDICIONADO

Partidas todas as 3.ª e 5.ª

feiras de Junho a Setembro.

Preços a partir de

2.320\$00

Estadia em regime de pensão completa.

VIAGENS APOLO

Informações e inscrições—Rua

Rosa Araújo, 2—Tel.: 536971

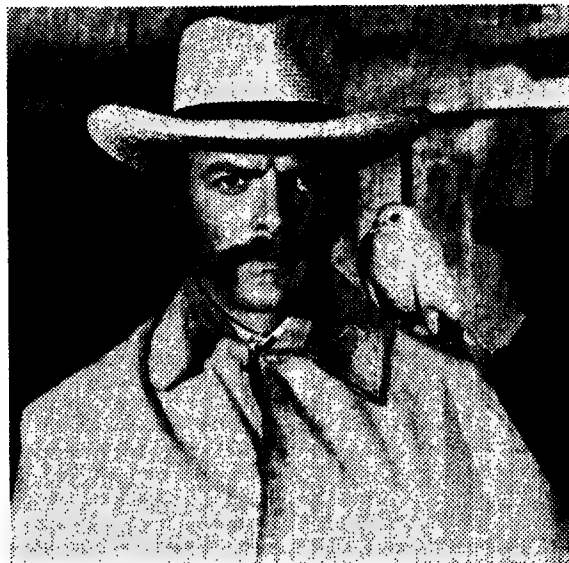
LISBOA



na sua rota pelo mundo

Quando usava os punhos e empunhava a pistola havia um «SANTO» arraial! mas...

## O SEU NOME ERA



## ESPÍRITO SANTO

...apesar dos homens maus lhe terem chamado outros (e variados nomes...)

COM GINNIANNI GARKO\* PILAR VELASQUEZ \* PAUL STEVENS

Excl.: SOFL. VES - Grupo C/ 14 anos

HOJE, ÀS 21.45 ESTREIA NO EDEN

# Arquitecto-gangster procurado pela polícia francesa

PARIS, 8 (F.P.). — Todas as Polícias da França procuram o arquitecto-gangster internacional Jacques Mesrine que ontem efectuou uma bem imaginada fuga do tribunal de Compiègne onde comparecia para responder por cheques sem cobertura. Mesrine feriu

com um tiro, aliás sem gravidade, um sargento da Polícia. Dado no Canadá por «inimigo público número um», Jacques Mesrine é um homem alto, bonito, sempre bem vestido. Tem 37 anos e é originário duma família de meios. Tirou o diploma de arquitecto, e ainda hoje não se sabe como da arquitectura passou ao banditismo.

## Cinco gêmeos

LIESTAL, 7 (R.). — Nasceram num hospital desta cidade os primeiros cinco gêmeos da Suíça — anuncia-se hoje em Liestal.

A notícia acrescenta que há todas as probabilidades de que sobrevivam.

O hospital não revela a identidade dos pais, limitando-se a dizer que a mãe, que foi submetida a uma cesariana, se encontra bem.

«Estreou-se» em Paris, com alguns assaltos à mão armada e passou depois à conquista do Mundo». Roma, Caracas, S. Francisco. Por onde passa deixa um rastro de assaltos a bancos, roubos de carros, etc. Em 1969, estando no Canadá, rapta um milionário americano, e para o libertar têm de lhe pagar 200.000 dólares. Em todo o caso sempre foi parar à cadeia, da qual se evade com vários cúmplices em Agosto de 1969. Com a cabeça a prêmio (200.000 dólares) Mesrine passa aos Estados Unidos onde é acusado de ter morto um fun-

cionário das alfândegas. Extra-ditado para o Canadá, é condenado a 10 anos de cadeia. Nova evasão, Agosto de 1972. A evasão é sangrenta pois vem a matar dois guarda-caças que o surpreenderam acampado nas margens do lago de São Luiz de Blandfort.

Volta a França, e recomeça a ronda dos assaltos, a qual se acompanha duma série de ajustes de contas entre bandidos em que Mesrine parece ter papel, pois atribuem-lhe a morte de 6 deles. Em Março, numa rusga é descoberto, mas foge depois de ferir um polícia. A Polícia põe-lhe uma emboscada, conseguindo prendê-lo na sua casa de Boulogne no Sena. «Bem, apanharam-me desta vez, disse Mesrine aos policiais. Mas não tarda que tenham de andar à minha procura. Em todo o caso os senhores são uns ases, mas não me teriam apanhado se eu estivesse armado.»

## PLANO DE SEGURANÇA DE NIXON:

### Arrombamentos e escuta de telefonemas internacionais

NOVA IORQUE, 8 (FP) — O «New York Times» publicou extractos de três memorandos redigidos por Tom Huston, colaborador próximo de Bob Haldeman, na Casa Branca, dizendo respeito ao famoso plano de segurança interna a que se referiu o presidente Nixon a 22 de Maio último, dizendo que reconhecia ter aprovado em Julho de 1970 um plano com vista a segurança interna. Mas cinco dias depois rejeitava-o perante as objecções de Edgar Hoover, o então director do FBI (Segurança Federal). Segundo aqueles extractos o plano previa:

1) Os arrombamentos como meio de instalar aparelhos electrónicos de vigilância em

casas de particulares ou em instalações de grupos políticos suspeitos.

2) Ligação a mesas de escuta dos telefones de suspeitos utilizando as linhas internacionais.

3) Vigilância do correio.

4) Colocação de informadores nas universidades mais agitadas.

Os extractos publicados pelo jornal enchem mais de uma página. Um dos memorandos de Huston fazia o sumário do plano de segurança submetido à aprovação do presidente Nixon. O segundo dirigia-se aos directores das agências federais de informação (FBI, Ser-

viços Secretos, etc.), informando-os da aprovação dada às recomendações do comité especial encarregado do plano. O terceiro era dirigido a Haldeman e dizia respeito às deliberações do comité especial e aos meios táticos a seguir para vencer a oposição de Edgar Hoover.

Neste último memorando, Huston aconselhava Haldeman a evitar que o presidente desse a sua aprovação por escrito. Como meio para convencer Hoover, os protagonistas do plano aconselhavam «um encontro de choque» de Hoover com o presidente Nixon que terminaria com a oferta de uma fotografia com dedicatória do presidente.

# Homenagem de Brandt aos seis milhões de judeus mortos pelos nazis

JERUSALEM, 8 (R) — O chanceler Willy Brandt tornou-se o primeiro chefe de um Governo da Alemanha Ocidental a visitar oficialmente Israel e o seu primeiro acto formal depois da chegada a Jerusalém foi prestar homenagem aos seis milhões de judeus da Europa assassinados pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial.

Numa cerimónia solene, Willy Brandt aproximou-se da chama memorial aos judeus mortos durante a guerra e recitou o salmo 103, que pede perdão por erros cometidos e louva o deus da justiça.

Embora se soubesse antecipadamente que o primeiro acto formal do chanceler ao chegar a Israel para uma visita de cinco dias seria visitar o Memorial Yad Vashem, aguardava-se apenas que o chefe do Governo de Bona depusesse uma coroa de flores, após um curto serviço religioso.

Mas, à última hora, o programa foi modificado de modo a permitir ao chanceler Willy Brandt fazer uma visita ao Museu Yad Vashem, onde existem em exposição provas relativas ao instaurar do nazismo na Alemanha e à sua política de extermínio da judiaria europeia, incluindo relíquias e modelos dos campos de morte alemães.

Anteriormente, Willy Brandt chegara a bordo num avião militar ao aeroporto internacional de Lydda, perto de Telavive, onde foi recebido com todas as honras.

**JAMAIS PODEREMOS ESQUECER OU PERDOAR.**

Tanto no aeroporto como em

Jerusalém, para onde o chanceler seguiu em helicóptero, estavam em vigor grandes medidas de segurança. Mas os únicos incidentes que esmaltaram a sua chegada a Israel foram manifestações aliás, que o chanceler não viu feitas por 40 jovens fora do aeroporto e por um número semelhante que conseguiu ultrapassar o portão do Memorial Yad Vashem transportando cartazes a dizerem: «Jamaís poderemos esquecer ou perdoar», e «O sabão judaico não poderá ser esquecido» (alusão aos nazis transformarem as gorduras dos judeus cremados nos fornos crematórios em sabão). Todavia, não houve complicações, porque os manifestantes se comportaram pacificamente.

O chanceler Willy Brandt tinha a esperá-lo membros do gabinete israelita, chefiados pelo primeiro ministro. Golda Meir, que louvou Brandt pela sua posição antinazista e pelos seus esforços para conseguir a paz.

A sr.<sup>a</sup> Golda Meir disse que Willy Brandt era bem vindo a Israel, com toda a estima devida a um homem «que no período mais negro para a raça humana e especialmente para o povo judeu, juntou as suas forças aquelas que combatiam o nazismo. Estamos aqui para cumprimentar V. Excelência pela coragem que sempre demonstrou e pela sua visão do futuro iniciando um processo de movimentos em demanda da paz, movimentos esses pelos quais V. Excelência foi justicadamente galardoado com o Prémio Nobel da Paz».

Em resposta, o chefe do Governo da Alemanha Ocidental disse que o que aconteceu no

passado jamais se tornará a repetir «a soma de sofrimentos e de horror não pode ser apagada da consciência do povo israelita, tal como não pode também apagar-se da consciência do povo alemão, mas a cooperação continua a caracterizar-se pelo ambiente histórico e moral das nossas experiências passadas e presentes».

O chanceler, que, tal como a sr.<sup>a</sup> Golda Meir, falou em inglês, garantiu que tanto ele como os seus compatriotas respeitavam profundamente tudo o que até agora foi conseguido pelo Estado judeu, «criando, no espaço de um quarto de século e no meio de tempestades adversas, um estado democrático que oferece um lar seguro a um povo que tão perseguido foi».

Willy Brandt mostrou-se vivamente impressionado pela visita ao Museu Yad Vashem, examinando tudo atentamente e quase sem falar com os seus acompanhantes. A certa altura, parou durante alguns minutos a examinar um mapa do expansionismo nazi durante a guerra e um outro marcando os locais dos campos de concentração alemães, debruçando-se também atentamente a examinar um modelo de um dos campos de extermínio.

## EMOÇÃO E RESPEITO

Depois, Willy Brandt, na face de quem eram visíveis os traços de emoção e de respeito, entrou no grande salão memorial onde um violinista tocava, em solo, no seu instrumento uma melodia parecida com um queixume. O chanceler postou-se em frente da chama eterna aos mortos

judeus vítimas do nazismo. No chão, em volta da chama vêem-se gravados os nomes dos nefandos campos de concentração nazis. Um coro de raparigas cantava o salmo «Das profundezas da nossa aflição eu gritei por Ti Senhor», e foi então rezada uma oração, em hebraico, à memória dos seis milhões de judeus assassinados, seguindo-se a recitação da visão dos ossos secos, excerto do livro de Ezequiel, versículo 38. «Então o Senhor disse-me, filho do homem, estes ossos representam toda a casa de Israel...»

Willy Brandt depois de pôr uma coroa de flores no túmulo que encerra as cinzas dos mártires. Após ter ficado no mais absoluto silêncio durante um minuto, o chanceler da Alemanha Ocidental começou a murmurar o Salmo 103.

Logo a seguir a esta cerimónia comovente, Willy Brandt seguiu de automóvel para o gabinete privado da sr.<sup>a</sup> Golda Meir e vonversou com o primeiro-ministro israelita durante 90 minutos, enquanto entidades superiores dos dois países realizavam debates sobre o Médio Oriente numa outra sala.

Entretanto, ontem à noite, Brandt exprimiu o desejo sincero do seu país de que Israel e os seus vizinhos árabes possam encontrar um caminho para a paz, exprimindo também a esperança de que o secretário geral das Nações Unidas e outros Governos tenham êxito em iniciarem um processo destinado a uma solução rápida do conflito do Médio Oriente.

Falando num banquete dado em sua honra, o chefe do Governo alemão rejeitou, todavia, sugestões de que iria agir como mediador.

Disse que a Alemanha Ocidental desempenhará melhor um papel no conflito do Médio Oriente mostrando o seu próprio exemplo da maneira como tem resolvido problemas similares com os países seus vizinhos da Europa Central e da Europa de Leste.

Ao mesmo tempo, Brandt declarou que o Estado de Israel foi edificado para garantir ao povo judeu o direito a viver e

a ser livre.

Falando em inglês, o chefe do Governo de Bona disse: «Como alemão, e falando pela grande maioria dos meus compatriotas, posso dizer o seguinte: «sem a aceitação da nossa participação de responsabilidade pelos crimes que o nazismo cometeu, abusando do nome da Alemanha, a nossa liberdade como nação de créditos firmados não poderia oferecer confiança. As três décadas que nos separam dos tempos de horror do nazismo não agiram de modo a que tivéssemos esquecido aquilo que não deve nem pode ser esquecido ou perdoado».

O chanceler, numa aparente referência à impaciência da juventude na Alemanha por estar constantemente a ser lembrada a respeito do holocausto nazi,

advertiu que, entretanto, nasceram a crescerem gerações de alemães autoconfiantes que não querem estar bloqueadas pelos muros do receio e do ódio.

Willy Brandt disse que o facto de ter sido capaz de se deslocar a Israel como chefe de um Governo alemão depois de tudo o que aconteceu é sem dúvida uma prova de coragem e do poder da razão, garantindo: «Acima de tudo foi necessária muita paciência e inúmeros exemplos de boa vontade».

Referindo-se às primeiras conversações que teve ontem com a sr.<sup>a</sup> Golda Meir e que duraram três quartos de hora, o chanceler disse que a troca de opiniões sobre assuntos internacionais serão sem dúvida úteis para ambas as partes e «talvez também para terceiros».

## A atitude dos trabalhistas perante a CEE mantém-se inalterável

LONDRES, 8 (F.P.) — Se o Partido Trabalhista voltar ao Poder negociará de novo as condições da entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, afirma o documento de política geral publicado hoje pelo «Labour», fazendo suas a maior parte das resoluções votadas a este respeito pelo Congresso de 1972.

O documento afirma que no caso dessas novas negociações não resultarem, o Partido Trabalhista não se considerará obrigado pelo tratado de adesão assinado pelo Governo conservador. Antes, submeterá ao povo britânico as razões que lhe fazem considerar inaceitáveis as condições de entrada e consultá-lo a se fôr o caso de retirar a Inglaterra das comunidades europeias.

O documento diz que a nova negociação deve principalmente abranger os seguintes cinco assuntos:

a) Deverão ser introduzidas importantes modificações na política agrícola comum de modo a que esta cesse de ameaçar o comércio mundial de produtos alimentares e que os produtos baratos não-europeus possam continuar a ter acesso ao mercado alimentar britânico.

b) Encontrar novos métodos mais justos para o financiamento do orçamento da C.E.E. O Partido não aceita nem as taxas que foram os recursos próprios das comunidades nem os objectivos financiados por esses fundos.

c) O Partido Trabalhista rejeita a manutenção das paridades fixas entre as moedas, como se prevê na futura união monetária e económica europeia. Os problemas monetários dos países europeus não podem ser resolvidos senão um âmbito mundial.

d) O Parlamento britânico deverá conservar «os poderes necessários para prosseguir uma política regional, industrial e fiscal eficaz». A balança dos pagamentos ingleses e o pleno emprego devem ser defendidos.

e) Melhores garantias para os interesses económicos da «Commonwealth» e dos países em vias de desenvolvimento.

O facto da Grã-Bretanha ser actualmente membro da C.E.E. não diminui em nada o seu poder de nova negociação, diz o documento, salientando: «Temos um direito de veto em certos casos», e «a opinião mundial está mais próxima da nossa posição de ter de haver modificações» no funcionamento.

Uma nova terra... Uma nova esperança...

Um novo sonho...

Max von Sydow  
Liv Ullmann

A MELHOR ACTRIZ DO ANO  
—New York film critics—

os emigrantes

—THE EMIGRANTS—

"Um dos melhores 10 filmes do ano"

Distribuido por  
COLUMBIA & WARNER

GRUPO C 14 anos

Technicolor®

Arg. Jan Troell and Bengt Forslund Bas. na novela de Vilhelm Moberg Prod. Bengt Forslund Real. Jan Troell

H O J E  
-Estreia às 21.45 no

CINEMA CASTIL



O chanceler Willy Brandt, em Jerusalém (segundo a contar da esquerda, na primeira fila), prestando homenagem aos seis milhões de judeus mortos. (Telefoto UPI-Teleprensa-DL)

## DIÁRIO NACIONAL



Capitão miliciano Francisco Negrão Pinto de Mesquita, 1.º sargento Nelson da Costa Santos e soldado Domingos Antunes Correia

### MILITARES A CONDECORAR NO DIA DE PORTUGAL

Além dos já referidos, serão também condecorados com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, durante as cerimónias do próximo domingo, Dia de Portugal, entre outros, os seguintes militares: capitão miliciano Francisco Negrão Pinto de Mesquita, alferes miliciano Manuel Afonso Pires de Andrade, alferes miliciano graduado Luís Manuel de

Carvalho Caldeira Cordovil, 1.º sargento de Infantaria Nelson da Costa Santos, furriel miliciano José Escóval Lopes, 1.º cabo Fernando Ribeiro da Silva, António Nogueira dos Anjos, António Vieira de Jesus, Luís Manuel Rodrigues Feitor, Joaquim Antunes da Costa, José Rodrigues Martins, Viriato da Silva Nunes e João Henriques

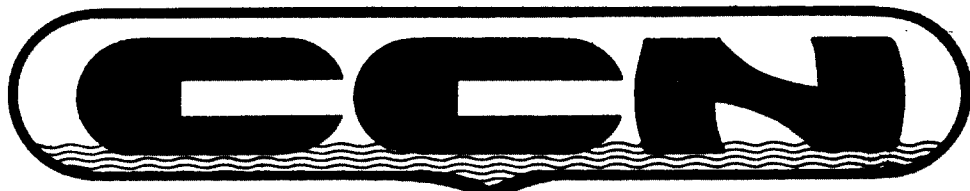
Antunes e soldados Edmundo Rodrigues da Silva, Fernando Fernandes da Costa, Silvestre Joaquim Lanitas Candeias, António Joaquim Moreira Barbosa e Domingos Antunes Correia. As cerimónias em Lisboa (Terreiro do Paço), bem como as que se realizam em outras cidades do País, iniciar-se-ão, como já dissemos, às 10 horas.

### As obras do estacionamento da Alameda devem começar este mês

A construção do parque de estacionamento previsto para a Alameda D. Afonso Henriques, cujo início esteve marcado para Abril, ainda não começou. Junto da E. S. L. I. — empresa concessionária — sublinhamos que as obras devem começar este mês, mas não conseguimos saber a que se deve o atraso. Assim está inevitavelmente comprometido o início do funcionamento do parque para Fevereiro do próximo ano, data que che-

gou a ser anunciada. Entretanto no relatório do conselho de administração da E. S. L. I., revela-se que o parque dos Restauradores ficou mais caro do que fora previsto no estudo económico realizado antecipadamente. Afirma-se no relatório: «O custo da construção excedeu de forma significativa o que foi considerado no estudo económico para efeito da definição do

investimento a realizar e da fixação das tarifas horárias de utilização. Verificou-se este facto não só por se terem introduzido melhorias em relação ao projecto inicial e de se terem verificado aumentos, não previsíveis, do nível geral de remunerações do pessoal, mas, sobretudo, pelas importantes alterações introduzidas ao projecto apresentado a concurso, devido a imposições da Câmara Municipal de Lisboa.»



companhia colonial de navegação

### O ministro das Obras Públicas visitou a zona do Barreiro

O titular das pastas das Obras Públicas e das Comunicações, eng.º Rui Sanches, acompanhado pelo seu secretário, funcionários superiores e técnicos dos dois ministérios, deslocou-se hoje ao distrito de Setúbal para estudar e resolver com as autoridades locais pretensões regionais em matéria de melhoramentos e visitar os locais onde se projectam empreendimentos ou beneficiações.

Aquele membro do Governo chegou à vila da Moita por volta das 9 e 30, sendo recebido no edifício dos Paços do Concelho pelo governador-civil do distrito, presidente da Câmara e demais entidades camarárias e oficiais.

Ali se efectuou a primeira sessão de trabalhos, em que foram apresentados cerca de vinte e cinco problemas do maior interesse para o concelho, na sua maioria relacionados com remodelação da rede de saneamento, estação depuradora de esgotos e emissários, edifício escolar com 8 salas e cantina, construção do mercado municipal e passagem superior sobre a linha férrea junto à estação: abastecimento de água e saneamento, construção do bairro de habitações económicas, com 600 fogos, edifícios escolares com 16 salas e cantina e pavimentação de ruas, na Baixa da Banheira, e aquisição de terreno para a construção da nova escola do ciclo preparatório e do novo mercado em Alhos Vedros. Foram pedidas participações do Estado, algumas das quais chegam a 90 por cento, assim como subsídios não remíveis.

Terminada a sessão, o ministro esteve no edifício escolar e no Parque Municipal em construção e nos terrenos onde se pretende construir a Escola do Ciclo Preparatório e a sede do 1.º de Maio Futebol Clube Sari-lhense. Da parte da manhã esteve ainda em Alhos Vedros e na Baixa da Banheira, onde efectuou visitas de trabalho.

#### MELHORAMENTOS NO BARREIRO

Após o almoço no refeitório da Escola do Ciclo Preparatório do Barreiro, o ministro presidiu, na Câmara Municipal, a mais uma sessão de trabalho. O presi-

dente do município expôs as principais pretensões e necessidades do concelho, dado o interesse para o seu desenvolvimento e satisfação da numerosa população. Entre elas avultam a passagem superior — viaduto — que tem como justificação o descongestionamento do fluxo de tráfego ferroviário sobre as várias passagens de nível existentes na Rua D. Manuel I. O projecto está em aprovação e o valor da obra situa-se entre 20 a 30 mil contos, instalações dos serviços municipalizados, cuja obra está orçada em 5 766 620\$, remodelação e ampliação do edifício dos Paços do Concelho, cuja estimativa totaliza um máximo de 15 mil contos, construção de uma piscina, orçada em 5 283 192\$40, construção do Palácio da Justiça, melhoramentos de acesso à estação do Barreiro-Mar, am-

pliação da rede de abastecimento de água, cuja obra está orçada em 38 650 contos, arruamentos no Barreiro e povoações do concelho na importância total de 106 231 150\$28, estradas e caminhos municipais orçados em 6 673 310\$00, escolas primárias e liceus, construções de um bloco de 8 habitações destinadas a praças mais qualificadas da Corporação de Bombeiros do Sul e Sueste e das sedes de alguns clubes e da Sociedade Democrática União Barreirense «Os Franceses», colectividade centenária e cuja obra está projectada em cerca de 5 mil contos.

Depois da demorada reunião, em virtude da importância dos problemas apreciados, o ministro efectuou diversas visitas. No seu regresso a Lisboa, o eng.º Rui Sanches esteve ainda em Palhais e Coia.

### "Os trabalhadores eventuais do Instituto de Estatística aguardam aumento"

Do sr. dr. Amaro D. Guerreiro, director do Instituto Nacional de Estatística, recebemos o seguinte esclarecimento:

«No número de 20 de Abril último, o jornal que V.Ex.ª superiormente dirige publicou a notícia em epígrafe. Para esclarecimento do assunto nela versado, ofereço-me-me informar o seguinte:

1. O Decreto n.º 76/73, de 1 de Março, que aumentou os vencimentos, salários ou outras remunerações principais dos servidores do Estado, não contempla explicitamente a situação de certo pessoal, nomeadamente a do pessoal eventual do Instituto Nacional de Estatística.

2. No entanto, o mesmo Decreto estabeleceu que as remunerações principais de certos servidores de Estado não vinculados por adequado título de provimento poderiam ser revistos nos termos legais usados para a sua determinação.

3. Assim, este Instituto provi-

denciou imediatamente no sentido de conseguir o aumento das remunerações do seu pessoal eventual, tendo obtido despacho de concordância de S.Ex.ª o ministro de Estado em 14 de Março p.p.

4. Em cumprimento de outra disposição legal, tornava-se necessário obter também a concordância do Ministério das Finanças, que foi concedida por despacho de S.Ex.ª o secretário de Estado do Orçamento de 12 de Abril p.p., anterior à publicação da notícia desse jornal.

5. Os aumentos de remunerações autorizados pelos despachos referidos em 3 e 4 têm efeito a partir de 1 de Março, tal como os dos restantes funcionários do Instituto, e já vêm incluídos nas remunerações correspondentes do mês de Abril, a pagar nos primeiros dias de Maio.

Prestados estes esclarecimentos, apresento a V.Ex.ª os meus cumprimentos».

### Alterações ao trânsito em Setúbal

SETUBAL, 8. — A Câmara Municipal na sua última reunião determinou as seguintes alterações ao trânsito: Avenida Luísa Todi (faixa norte), trânsito proibido no sentido poente-nascente, no troço da Avenida, a partir da Praça Marques de Pombal; faixa sul da mesma Avenida, trânsito proibido no sentido nascente-poente, no troço poente da Avenida a partir da Praça Marques de Pombal; Rua Barão do Rio Zêzere, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Rua do Gás, proibido voltar à esquerda

na Avenida Luísa Todi; Rua Marques da Costa, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Rua Ocidental do Lago, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Rua Plácido Stichini, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Rua São João de Deus, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Travessa da Anunciada, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi; Largo António Joaquim Correia, proibido voltar à esquerda na Avenida Luísa Todi.

### Terminal de telecomunicações em Nampula

A cidade de Nampula vai ter um terminal de telecomunicações, segundo um telegrama da Lusitânia. A obra será adjudicada no próximo dia 20. A cidade de Nampula ganhou grande importância nos últimos anos, especialmente depois que o comando-chefe das Forças Armadas para ali se transferiu. Uma forte corrente defende, naquele Estado, que Nampula seria a Capital mais acertada para Moçambique.

### Confraternização alentejana

Integrado nas comemorações do 50.º aniversário da sua fundação, a Casa do Alentejo promove no domingo, às 13 horas, o tradicional almoço de confraternização alentejana, que decorrerá na sede daquela colectividade.

### APARTAMENTO A LUGA - SE

BEM MOBILADO, SÓ P.º CAVALHEIRO, ÁREA SALDANHA, C/ SALA, QUARTO, COZINHA E C.º BANHO.  
RESPOSTA P/ ESCRITO A  
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 65 - 5.º - DT.º — LISBOA

#### PARTIDAS

#### DESTINOS

#### LINHA DE AFRICA

##### «UÍGE»

a sair em 14 de Junho  
às 16 horas

Com escala prévia por Las Palmas, para: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.

##### «IMPÉRIO»

a sair em 16 de Junho  
às 16 horas

Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

##### «INF. D. HENRIQUE»

a sair em 18 de Junho  
às 16 horas

Com escala por Las Palmas, para: LUANDA e LOBITO.

##### «AMBOIM»

a sair em 25 de Junho

Vindo dos portos do Mediterrâneo, com escala prévia por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CAPE TOWN, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

##### «INF. D. HENRIQUE»

a sair em 13 de Julho  
às 12 horas

Com escala pelo Funchal para: LUANDA, LOBITO, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.

##### «BENGUELA»

a sair em 17 de Julho

Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CAPE TOWN, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA.

##### «LOBITO»

a sair em 20 de Julho

Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: SÃO TOMÉ, CABINDA (\*), LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.

##### «PORTO»

a sair em 20 de Julho

Vindo dos portos do Norte da Europa, com escala prévia por Leixões, para: CAPE TOWN, P. ELISABETH (\*), E. LONDON, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (\*).

(\*) — SE NECESSÁRIO.

DL/NACIONAL

## FEIRA DO LIVRO

# Livros de bolso na curva das vendas

A Feira do Livro vai a entrar dentro de dois dias, após uma existência apagada e em tudo igual à dos anos anteriores.

Pela nossa parte, e antes de um balanço crítico, continuamos a apresentar aos leitores a mercadoria que os livreiros puseram à venda e o grau de aceitação que encontrou no público comprador.

A Prelo Editora ocupa o espaço central com livros de crónicas, de cinema e fotografia. Não admira por isso o mais vendido seja a «Iniciação à fotografia» que regista uma saída à volta dos 50 exemplares diários. Melhor comprado que os livros de crónicas está a ser o ensaio «Sobre de Lenine», o qual a 20\$00 encontra 20 leitores diários. «O Cavalo do Lenço Amarelo é Perigoso», «Emigrados e Ofendidos» e «Os Putos», terão uma venda de 100 exemplares cada, ao longo dos 20 dias da Feira segundo as estimativas que nos forneceram. Outros livros que registam uma saída média de 15 exemplares em cada dia são: «Na Pátria do Socialismo», «A Agricultura Socializada em Cuba» e «Portugal através de alguns números». Os escritos sobre as razões da «Sinofilia Ocidental» têm uma saída à volta dos 4 exemplares. A Prelo contava fazer sair durante a Feira «A Novela e o Leitor» de José Tengarrinha, mas que por razões de distribuição só aparecerá a 15 deste mês.

A Editorial Logos aposta no karate e no xadrez, assuntos que se estão a vender muito bem (20 por dia). Também Jorge Amado e José Mauro de Vasconcelos produzem romances com grande aceitação. Já o «Kissinger — o número dois — mais poderoso do mundo — super K — o homem que acabou a guerra do Vietnam» não encontra leitores em grande quantidade (4 por dia). Mas de todos o que se vende mais é «Enterrem meu coração na curva do rio», talvez o livro mais vendido nesta Feira e que neste pavilhão já encontrou mais de 200 compradores.

Editorial Presença — em Livro do Dia «A Comuna», «O Amor» e «Ivanov», um ensaio, um romance e uma peça de teatro, portanto. Na mostra «A História da Filosofia e Enciclopédia da Vida Sexual». No escaparate desta destacam-se as obras de teatro (Anouilh, Tchekhov...) a colecção Bibliotecas Ciências Humanas, a colecção dos Clássicos e «Origem da Família, da Propriedade e do Estado», que é o livro mais procurado (30 exemplares diários). «A Psiquiatria em Questão» não encontra leitores,

mas «Os Poemas» de Brecht têm uma saída à roda dos 20 exemplares. Igual saída regista a «História me absolverá» de Fidel. Quanto aos romances o que se vende mais é Sartre.

A Quadrante mistura no escaparate os livros de técnica, género «Manual de Antenas», «O Curso de Televisão» com o «Anti-duhring». No caso vendem os livros técnicos (15 exemplares) contra 10 saídas para o anti-Duhring. Mas o que se vende melhor ainda está a ser «Resumo», livro de poemas. Também «Computadores Digitais» foi outra obra que já esgotou.

A Difusora Bíblica vende Bíblias (40 por dia) e Novos Testamentos (10). Os livros «Televisão», «A. B. C do Torno» e «Transistores e seus circuitos» têm uma saída à volta dos 6 exemplares. Os Missionários Capuchinhos, estão também a vender, entretanto, livros da Editorial Franciscana e das Edições Salesianas, mas destas editoras só saem diariamente uns 15 livros.

A Editorial Pórtico dedica os 50 por cento a «Insucesso Escolar» e à «Droga», este segundo nomeadamente tem batido recordes de venda. Também os «Saber Castigar» e «Educar com Liberdade e Autoridade» encontram boa saída (30 por dia). Os livros técnicos de orientação no mundo do Marketing (Manual do Vendedor Moderno, etc) são comprados a uma média que ronda a vintena.

Quanto à Estampa dedica o escaparate às suas colecções: Teses, Teoria e Praxis, e ainda à Mitologia Geral em 6 volumes. Como novidades de Feira apareceram «contribuição para a crítica da Economia Política», «O Capitão Cap» e «Literatura e Sociedade». O que se vende mais? Talvez o Manual de Economia Política, «História das Ideologias», e a «Génese do Socialismo Científico». Um pormenor interessante está em saber que Breton, Cortazar e Arrabal não encontram leitores.

A Verbo montou 3 pavilhões. No primeiro destacam-se «A arte popular em Portugal», «O Tejo»... no escaparate central. No lateral aparecem livros de pintura, História, «Portugal Romano» tem uma saída à volta dos 15 exemplares diários. «O Surrealismo» regista umas 10 saídas.

O que se vende mais na Verbo? Pois, os livros RTP que continuam a vender-se aos 200 exemplares em cada dia que passa. Destes, os mais comprados são «A Aparição», «Os Lusíadas» e «O Médico em Casa». Não é que tenham muito interesse — disseram-nos, mas a camada curiosa é o que quer. No pavilhão dois,

vendem-se bem «A Arte em Portugal» da Verbo Juvenil (40 por dia) e «O meu livro de Lavores». Um livro que esgotou foi «O Meu Livro de Cozinha». No pavilhão três é inteiramente ocupado com livros infantis que se estão a vender às centenas.

A Arcádia vendeu bem «A Funda» e bate os seus recordes com o «Ser ou não ser deputado» (40-50 diários). «Os contos de Marquês de Sade» também ocupam lugar de destaque e vendem-se na média dos 15 diários. Igual saída encontra a «Estrutura da Sociedade Portuguesa». O que não se vende é o «poster» dedicado a Picasso, talvez por causa dos 100\$00 disseram-nos. No pavilhão dois a Arcádia vende John dos Passos (Livro do Dia), Edgar Poe, História da Arquitectura Moderna, «Chacal

Anatomia de Um Crime». Mas o romance que se vende melhor é «Amar não é pecado» (30) e a tal Anatomia (20). As reflexões de um cineasta de Eisenstein têm uma procura diária de 10 exemplares.

A Ibis vende bem a Colecção das Mil e Uma Noites (50 saídas) e ainda «Nem Só de Caviar Vive o Homem» (38). «A Segunda Guerra Mundial» e «Os Boínas Verdes» registam uns 20 compradores por dia.

As Edições Paulistas vendem um livrinho «Sexo e Adolescência» que é para gente dos 14 aos 20 anos mas que também vai muito bem aos casados», segundo nos informaram. «Enterrem-me com as botas» e «Quo Vadis» com 20 saídas cada dão a imagem do que mais se vende neste pavilhão.

## CONSÓRCIO

### EURO-SUL-AFRICANO EM ANGOLA

LUANDA, (L.) — Concluíram-se as negociações entre a Companhia Mineira do Lobito e um consórcio euro-sul-africano com vista ao aproveitamento do minério de ferro de baixo e médio teor de Cassinga — anunciou a Emissora Oficial de Angola. Aquele consórcio asso-

ciar-se-á à Mineira para a montagem e instalação de uma unidade industrial com instalações em Cassinga e em Moçâmedes (junto do porto mineral de Saco de Giraul) destinada à pelletização do minério que deve entrar em funcionamento em 1977 — acrescentou.

## Concertos públicos

Integrados nas Festas dos Santos Populares, estão marcados para amanhã os seguinte concertos públicos:

Às 18 horas, no Jardim da Estrela, pela banda da Carris; às 21, 30 na Praça do Império, pela banda da Sociedade Musical União do Beato, e, às 21,45, no Campo Grande, pela banda

dos Bombeiros Voluntários de Fanhões.

O programa dos festejos compreende, também amanhã, nas piscinas municipais, o concurso infantil Primeira Braçada (1.ª eliminatória), organizado pela Associação de Natação de Lisboa, com o patrocínio da Câmara Municipal.

...Mãe,  
olha  
a nossa  
máquina!



# Miele

## MÁQUINAS PARA LAVAR LOUÇA

Ela reconhece, ao primeiro olhar, a máquina MIELE que introduziu em casa um novo e amplo ritmo de vida. A mãe dedica-lhe mais tempo. Há estilos de vida que exigem tempo livre. Tempo livre dos problemas diários de lavagem da louça.

**Miele** — a mais cara ... a mais avançada na sua técnica.

MIELE PORTUGUESA, LDA.  
Rua Reinaldo Ferreira, 31 A-C  
Tel. 72 67 91 — Lisboa  
Rua do Campo Alegre, 636  
Tel. 69 30 64 — Porto

Desejo receber, gratuitamente, documentação sobre as máquinas de lavar louça

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

a devolver à MIELE PORTUGUESA, LDA.  
Rua Reinaldo Ferreira, 31 A-C — Lisboa

DL

## Bailes em Oeiras

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras leva hoje a efeito mais um baile popular no mercado desta vila. Seguir-se-ão outros, no mesmo local, nos dias 9, 10, 12, 13, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 28, 29, 30 e no dia 1 do mês de Julho, tendo todos a colaboração de diversos conjuntos musicais.

## FEIRA DO LIVRO

O MOVIMENTO EDITORIAL PORTUGUÊS  
Exposto na maior Livraria do País  
Das 17 às 24 horas — Av. da Liberdade

DL / GERAL

## Dizem os leitores

### OS PREÇOS DOS ARTIGOS EXPOSTOS

O sr. Alfredo Lino, nosso leitor de Lisboa, escreve-nos uma carta em que, entre outras considerações, se refere ao problema dos preços dos artigos expostos nas montras de numerosas casas comerciais da Baixa lisboeta. Afirma aquele nosso leitor:

«A Baixa lisboeta é mais especialmente o Chiado, por onde em tempos passaram os fiscais da I.G.A.C., continua a expor nas montras artigos sem preço ou com as etiquetas vol-

tadas num descuido que se revela intencional, tão grande e generalizada seria a coincidência para o considerarmos casual, como a esperteza saloia dos seus autores desejaria que fosse. Quem já visitou outros países para além dos Pirineus, não desconhece que uma das provas de honestidade (e outras há como, por exemplo, a ausência de abatimentos nos preços fixos) do comércio, é precisamente não ter medo nem vergonha de expor os

preços dos artigos expostos nas montras. A sua ausência ou a sua camuflagem mascara, a par de uma desobediência punível, uma intenção inconsciente que visa directamente o consumidor de cuja defesa tanto se fala. Essa intenção oculta tem um nome pejorativo que a decência nos impede de pronunciar e do qual, em maior ou menor medida, todos nós já fomos vítimas, se não coniventes pelo menos silenciosas.

Se em vez de admoestações paternalistas, a fiscalização se

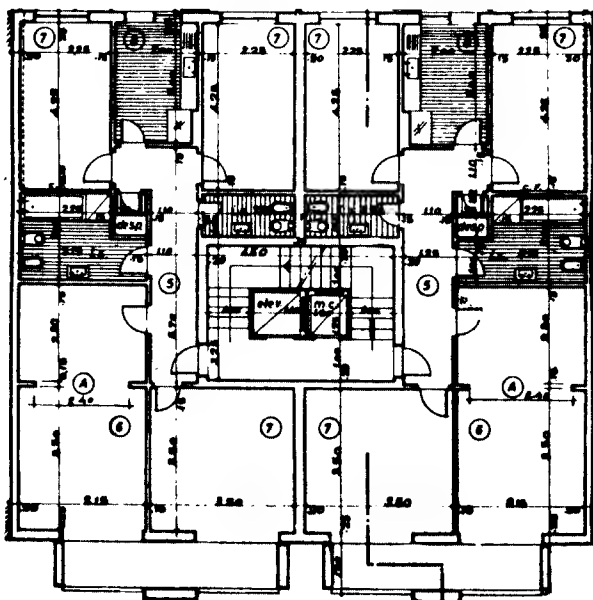
exercesse com rigor, o consumidor poderia então estar certo de estar a ser protegido por quem de direito. De outro modo, com paliativos e sermões e um oportuno baixar de olhos, não se diga que a fiscalização se faz, pois transgressões que estão patentes a qualquer hora do dia — e até da noite — a quem circule pelo Chiado ou pela Baixa, jamais poderiam nem deviam passar despercebidas ao olhar atento de quem tem por missão específica zelar pelo cumprimento da lei.»

# ANDARES

## VEMDEM-SE

### EM LISBOA

Travessa Escola Araújo  
(à Estefânia)



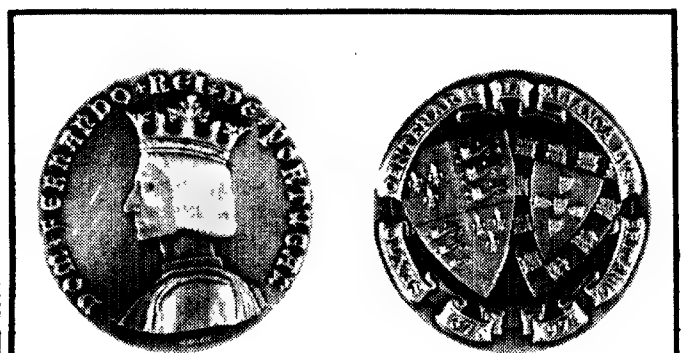
4 CASAS ASS. COM GOLA POR 1200 CONTOS  
BOM INVESTIMENTO DE CAPITAL

VENDE  
**NUNO SALVAÇÃO BARRÊTO**

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.

Escritório:  
RUA BERNARDO LIMA, 45-4.º - LISBOA

TELEFONES:  
40332 / 536473



Medalha comemorativa do sexto centenário da Aliança Luso-Britânica, da autoria do escultor Nrumidico, mandada cunhar pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros

**JORNALISTA**  
**António Pacheco**

PORTO, 7 — Vítima de enfarte do miocárdio, foi internado de urgência no Serviço de Cardiologia do Hospital Geral de Santo António, o nosso prezado camarada da delegação de «O Século» nesta cidade, António Augusto Lopes Pacheco, director do Sindicato Nacional dos Jornalistas e procurador à Câmara Corporativa.

S. R.

MINISTÉRIO  
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO  
DA INDÚSTRIA

**DIRECÇÃO-GERAL  
DOS SERVIÇOS  
ELÉCTRICOS**  
**EDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Lagoa em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/50248 para o estabelecimento, na freguesia de Carvoeiro, no referido concelho, de uma linha mista a 15 kV, com 868 m (parte aérea com 636 m e parte subterrânea com 212 m) do poste n.º 2 da linha Carvoeiro-Senhora da Rocha ao posto de transformação do Hotel D. Sancho, em Carvoeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Junho de 1973.

O Engenheiro Chefe  
Guilherme Martins

### “A LEI DO MAIS FORTE”

Na carta que nos enviou o nosso leitor António da Fonseca, de Lisboa, relata-se mais um (dos muitos e diários) atropelos aos direitos do peão e que a seguir transcrevemos:

«Apenas um desabafo para fazer que parece vivermos a «Lei do mais forte» e, neste caso que acabo de observar, passado na Almirante Reis, numa passagem para peões onde uma velhinha atravessava e em que um automobilista, homem bastante novo sorrindo, apitou e acelerou no firme propósito de assustar a senhora que não tendo forças para a corrida, se estatelou na estrada placa central da avenida — felizmente sem gravidade aparente.

O automobilista não viu, ou fez que não viu, o acidente e lá seguiu rumo ao Martin Moniz.

Só um santo, creio eu, se não revoltará perante esta falta de civilidade e por isso me revolto também. Como é diferente o comportamento dos automobilistas no nosso país — de alguns, certamente, mas que constituem a grande maioria — comparado com o que ainda há poucos meses pude observar em países estrangeiros! Entre nós assenhoriam-se das ruas, e até dos passeios, e como que impunemente expulsam ou matam peões. Até quando?»

MUITA TÉCNICA E ALGUNS TÉCNICOS A CONCEBERAM

UM TÉCNICO APRESENTA E DEMONSTRA

UM TÉCNICO CUIDADOSO A ASSISTE

UM TÉCNICO EXPERIENTE NOS CONSULTARÁ

É A **TEKNIKA**

É UM DOS NOSSOS VENDEDORES ESPECIALIZADOS

É MEMBRO DO NOSSO LABORATÓRIO, TREINADO PELA G. C., DO JAPÃO

É **VOCÊ**

CALCULADORAS ELECTRÓNICAS COM VISOR OU IMPRESSÃO, PERCENTAGEM AUTOMÁTICA COM IDL, CÁLCULO TÉCNICO, FACTURAÇÃO, SALÁRIOS, I. T., ETC.  
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO, SEM COMPROMISSO, AOS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL IBERÁSIA — Importadores & Exportadores, Lda.  
R. Alberto Aldim, 22-C-D — T. 975027 — Alfragide

Nome .....  
Firma .....  
Morada .....  
Telefone .....

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA  
**HOSPITAL DE SANTA MARIA**

Concursos de alimentação  
para o 3.º trimestre de 1973

|                                    |                         |
|------------------------------------|-------------------------|
| Batatas .....                      | Conc. Público n.º 55/73 |
| Legumes frescos e hortaliças ..... | Conc. Público n.º 56/73 |
| Frutas .....                       | Conc. Público n.º 57/73 |
| Ovos .....                         | Conc. Público n.º 58/73 |
| Criação .....                      | Conc. Público n.º 59/73 |
| Carnes diversas .....              | Conc. Público n.º 60/73 |
| Peixe .....                        | Conc. Público n.º 61/73 |

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 6 de Junho de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES  
a) Manuel Bioso Pina de Jesus



TRANSUL

HORÁRIO PROVISÓRIO DE 15 DE JUNHO A 15 DE SETEMBRO DE 1973

Car.º n.º 36 — C. CAPARICA-LISBOA (P. Espanha)

Percursos: COSTA DE CAPARICA-ALCANTARA-PRAÇA DE ESPANHA

| Partidas da C. Caparica |          | Part. de Lisboa (P. Espanha) |          |
|-------------------------|----------|------------------------------|----------|
| 7.00                    | 14.00    | 0.30 c)                      | 16.30    |
| 7.15 b)                 | 14.30    | 7.30                         | 17.00    |
| 7.30                    | 15.00    | 8.00                         | 17.30    |
| 7.45 b)                 | 15.30    | 8.30                         | 18.00    |
| 8.00                    | 16.00    | 9.00                         | 18.15 b) |
| 8.15 b)                 | 16.30    | 9.30                         | 18.45 b) |
| 8.30                    | 17.00    | 10.00                        | 19.00    |
| 8.45 b)                 | 17.30    | 10.30                        | 19.15 b) |
| 9.00                    | 18.00    | 11.00                        | 19.30    |
| 9.15 b)                 | 18.30    | 11.30                        | 19.45 b) |
| 9.30                    | 19.00    | 12.00                        | 20.00    |
| 10.00                   | 19.30    | 12.30                        | 20.15 b) |
| 10.30                   | 20.00    | 13.00                        | 20.30    |
| 11.00                   | 20.30    | 13.30                        | 20.45 b) |
| 11.30                   | 21.00    | 14.00                        | 21.00    |
| 12.00                   | 21.30    | 14.30                        | 21.30    |
| 12.30                   | 22.00    | 15.00                        | 22.00    |
| 13.00                   | 23.00    | 15.30                        | 22.30    |
| 13.30                   | 24.00 a) | 16.00                        | 23.30    |

- a) Só se efectua aos Domingos e Feriados Nacionais Equiparados.
- b) Não se efectua aos Domingos e Feriados Nacionais Equiparados.
- c) Só se efectua às segundas-feiras e dias imediatos a Feriados Nacionais Equiparados.

Efectuam-se extraordinários sempre que o movimento justificar

Nikkormat



2 maio a 30 junho

instanta

Rua Nova do Almada, 55-Lisboa 2

instanta castil  
Edifício Castil-Rua Castilho-Lisboa 1

foto camera  
Rua Garrett, 40-Lisboa 2

VISITE A EXPOSIÇÃO **Nikon**

O «Team BIP», versão 73, tripulando dois Lola T 292, vai continuar em provas de calendário deste ano. No próximo fim-de-semana, no Autódromo do Estoril, os carros estarão pela primeira vez em Portugal, onde efectuarão testes privados de novos motores.

BARREIRO. Integrado  
nas comemorações do Dia  
da França Livre em  
1946.

coordenados por Emílio Santa  
na presidência de Antônio por  
sua família. A família de Santa  
na é a família de Santa na.

**LOURENÇO MARQUES.**  
—(ANI)— O escritor Miguel Torga, que se encontra a efectuar um safari em Moçambique, vai visitar as obras de construção da barragem de Cabora Bassa e a Ilha de Moçambique, antes de regressar a Lisboa.

Correspondendo às exigências  
da expansão económica do distrito de Leiria  
e para maior eficiência de contactos  
com as actividades económicas locais  
o Banco de Fomento Nacional  
acaba de abrir a sua nova Delegação em Leiria  
no Largo de Santana, 8

agora  
em  
**LEI**

Correspondendo  
da expansão  
e para ma  
com as  
o Ban  
acab  
no

**RESSO · EXPANSÃO · DES  
VOLVIMENTO · PROGRESSO  
ENTO · PROGRESSO · EXPA**

DESENVOLVIMENTO · PROGRESSO · EXPANSÃO

DESENVOLVIMENTO · PROGRESSO · EXPANSÃO

DESENVOLVIMENTO · PROGRESSO · EXPANSÃO

— ALL —

1. Address \_\_\_\_\_  
 2. City \_\_\_\_\_  
 3. State \_\_\_\_\_  
 4. Zip \_\_\_\_\_  
 5. Telephone \_\_\_\_\_  
 6. Business \_\_\_\_\_  
 7. Home \_\_\_\_\_  
 8. Mobile \_\_\_\_\_  
 9. Other \_\_\_\_\_  
 10. E-mail \_\_\_\_\_  
 11. Web \_\_\_\_\_  
 12. Other \_\_\_\_\_  
 13. Other \_\_\_\_\_  
 14. Other \_\_\_\_\_  
 15. Other \_\_\_\_\_  
 16. Other \_\_\_\_\_  
 17. Other \_\_\_\_\_  
 18. Other \_\_\_\_\_  
 19. Other \_\_\_\_\_  
 20. Other \_\_\_\_\_  
 21. Other \_\_\_\_\_  
 22. Other \_\_\_\_\_  
 23. Other \_\_\_\_\_  
 24. Other \_\_\_\_\_  
 25. Other \_\_\_\_\_  
 26. Other \_\_\_\_\_  
 27. Other \_\_\_\_\_  
 28. Other \_\_\_\_\_  
 29. Other \_\_\_\_\_  
 30. Other \_\_\_\_\_  
 31. Other \_\_\_\_\_  
 32. Other \_\_\_\_\_  
 33. Other \_\_\_\_\_  
 34. Other \_\_\_\_\_  
 35. Other \_\_\_\_\_  
 36. Other \_\_\_\_\_  
 37. Other \_\_\_\_\_  
 38. Other \_\_\_\_\_  
 39. Other \_\_\_\_\_  
 40. Other \_\_\_\_\_  
 41. Other \_\_\_\_\_  
 42. Other \_\_\_\_\_  
 43. Other \_\_\_\_\_  
 44. Other \_\_\_\_\_  
 45. Other \_\_\_\_\_  
 46. Other \_\_\_\_\_  
 47. Other \_\_\_\_\_  
 48. Other \_\_\_\_\_  
 49. Other \_\_\_\_\_  
 50. Other \_\_\_\_\_  
 51. Other \_\_\_\_\_  
 52. Other \_\_\_\_\_  
 53. Other \_\_\_\_\_  
 54. Other \_\_\_\_\_  
 55. Other \_\_\_\_\_  
 56. Other \_\_\_\_\_  
 57. Other \_\_\_\_\_  
 58. Other \_\_\_\_\_  
 59. Other \_\_\_\_\_  
 60. Other \_\_\_\_\_  
 61. Other \_\_\_\_\_  
 62. Other \_\_\_\_\_  
 63. Other \_\_\_\_\_  
 64. Other \_\_\_\_\_  
 65. Other \_\_\_\_\_  
 66. Other \_\_\_\_\_  
 67. Other \_\_\_\_\_  
 68. Other \_\_\_\_\_  
 69. Other \_\_\_\_\_  
 70. Other \_\_\_\_\_  
 71. Other \_\_\_\_\_  
 72. Other \_\_\_\_\_  
 73. Other \_\_\_\_\_  
 74. Other \_\_\_\_\_  
 75. Other \_\_\_\_\_  
 76. Other \_\_\_\_\_  
 77. Other \_\_\_\_\_  
 78. Other \_\_\_\_\_  
 79. Other \_\_\_\_\_  
 80. Other \_\_\_\_\_  
 81. Other \_\_\_\_\_  
 82. Other \_\_\_\_\_  
 83. Other \_\_\_\_\_  
 84. Other \_\_\_\_\_  
 85. Other \_\_\_\_\_  
 86. Other \_\_\_\_\_  
 87. Other \_\_\_\_\_  
 88. Other \_\_\_\_\_  
 89. Other \_\_\_\_\_  
 90. Other \_\_\_\_\_  
 91. Other \_\_\_\_\_  
 92. Other \_\_\_\_\_  
 93. Other \_\_\_\_\_  
 94. Other \_\_\_\_\_  
 95. Other \_\_\_\_\_  
 96. Other \_\_\_\_\_  
 97. Other \_\_\_\_\_  
 98. Other \_\_\_\_\_  
 99. Other \_\_\_\_\_  
 100. Other \_\_\_\_\_  
 101. Other \_\_\_\_\_  
 102. Other \_\_\_\_\_  
 103. Other \_\_\_\_\_  
 104. Other \_\_\_\_\_  
 105. Other \_\_\_\_\_  
 106. Other \_\_\_\_\_  
 107. Other \_\_\_\_\_  
 108. Other \_\_\_\_\_  
 109. Other \_\_\_\_\_  
 110. Other \_\_\_\_\_  
 111. Other \_\_\_\_\_  
 112. Other \_\_\_\_\_  
 113. Other \_\_\_\_\_  
 114. Other \_\_\_\_\_  
 115. Other \_\_\_\_\_  
 116. Other \_\_\_\_\_  
 117. Other \_\_\_\_\_  
 118. Other \_\_\_\_\_  
 119. Other \_\_\_\_\_  
 120. Other \_\_\_\_\_  
 121. Other \_\_\_\_\_  
 122. Other \_\_\_\_\_  
 123. Other \_\_\_\_\_  
 124. Other \_\_\_\_\_  
 125. Other \_\_\_\_\_  
 126. Other \_\_\_\_\_  
 127. Other \_\_\_\_\_  
 128. Other \_\_\_\_\_  
 129. Other \_\_\_\_\_  
 130. Other \_\_\_\_\_  
 131. Other \_\_\_\_\_  
 132. Other \_\_\_\_\_  
 133. Other \_\_\_\_\_  
 134. Other \_\_\_\_\_  
 135. Other \_\_\_\_\_  
 136. Other \_\_\_\_\_  
 137. Other \_\_\_\_\_  
 138. Other \_\_\_\_\_  
 139. Other \_\_\_\_\_  
 140. Other \_\_\_\_\_  
 141. Other \_\_\_\_\_  
 142. Other \_\_\_\_\_  
 143. Other \_\_\_\_\_  
 144. Other \_\_\_\_\_  
 145. Other \_\_\_\_\_  
 146. Other \_\_\_\_\_  
 147. Other \_\_\_\_\_  
 148. Other \_\_\_\_\_  
 149. Other \_\_\_\_\_  
 150. Other \_\_\_\_\_  
 151. Other \_\_\_\_\_  
 152. Other \_\_\_\_\_  
 153. Other \_\_\_\_\_  
 154. Other \_\_\_\_\_  
 155. Other \_\_\_\_\_  
 156. Other \_\_\_\_\_  
 157. Other \_\_\_\_\_  
 158. Other \_\_\_\_\_  
 159. Other \_\_\_\_\_  
 160. Other \_\_\_\_\_  
 161. Other \_\_\_\_\_  
 162. Other \_\_\_\_\_  
 163. Other \_\_\_\_\_  
 164. Other \_\_\_\_\_  
 165. Other \_\_\_\_\_  
 166. Other \_\_\_\_\_  
 167. Other \_\_\_\_\_  
 168. Other \_\_\_\_\_  
 169. Other \_\_\_\_\_  
 170. Other \_\_\_\_\_  
 171. Other \_\_\_\_\_  
 172. Other \_\_\_\_\_  
 173. Other \_\_\_\_\_  
 174. Other \_\_\_\_\_  
 175. Other \_\_\_\_\_  
 176. Other \_\_\_\_\_  
 177. Other \_\_\_\_\_  
 178. Other \_\_\_\_\_  
 179. Other \_\_\_\_\_  
 180. Other \_\_\_\_\_  
 181. Other \_\_\_\_\_  
 182. Other \_\_\_\_\_  
 183. Other \_\_\_\_\_  
 184. Other \_\_\_\_\_  
 185. Other \_\_\_\_\_  
 186. Other \_\_\_\_\_  
 187. Other \_\_\_\_\_  
 188. Other \_\_\_\_\_  
 189. Other \_\_\_\_\_  
 190. Other \_\_\_\_\_  
 191. Other \_\_\_\_\_  
 192. Other \_\_\_\_\_  
 193. Other \_\_\_\_\_  
 194. Other \_\_\_\_\_  
 195. Other \_\_\_\_\_  
 196. Other \_\_\_\_\_  
 197. Other \_\_\_\_\_  
 198. Other \_\_\_\_\_  
 199. Other \_\_\_\_\_  
 200. Other \_\_\_\_\_  
 201. Other \_\_\_\_\_  
 202. Other \_\_\_\_\_  
 203. Other \_\_\_\_\_  
 204. Other \_\_\_\_\_  
 205. Other \_\_\_\_\_  
 206. Other \_\_\_\_\_  
 207. Other \_\_\_\_\_  
 208. Other \_\_\_\_\_  
 209. Other \_\_\_\_\_  
 210. Other \_\_\_\_\_  
 211. Other \_\_\_\_\_  
 212. Other \_\_\_\_\_  
 213. Other \_\_\_\_\_  
 214. Other \_\_\_\_\_  
 215. Other \_\_\_\_\_  
 216. Other \_\_\_\_\_  
 217. Other \_\_\_\_\_  
 218. Other \_\_\_\_\_  
 219. Other \_\_\_\_\_  
 220. Other \_\_\_\_\_  
 221. Other \_\_\_\_\_  
 222. Other \_\_\_\_\_  
 223. Other \_\_\_\_\_  
 224. Other \_\_\_\_\_  
 225. Other \_\_\_\_\_  
 226. Other \_\_\_\_\_  
 227. Other \_\_\_\_\_  
 228. Other \_\_\_\_\_  
 229. Other \_\_\_\_\_  
 230. Other \_\_\_\_\_  
 231. Other \_\_\_\_\_  
 232. Other \_\_\_\_\_  
 233. Other \_\_\_\_\_  
 234. <

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

$$1. \quad \text{A} \rightarrow \text{B} \quad \text{A} \rightarrow \text{C} \quad \text{A} \rightarrow \text{D} \quad \text{A} \rightarrow \text{E} \quad \text{A} \rightarrow \text{F} \quad \text{A} \rightarrow \text{G} \quad \text{A} \rightarrow \text{H} \quad \text{A} \rightarrow \text{I} \quad \text{A} \rightarrow \text{J} \quad \text{A} \rightarrow \text{K} \quad \text{A} \rightarrow \text{L} \quad \text{A} \rightarrow \text{M} \quad \text{A} \rightarrow \text{N} \quad \text{A} \rightarrow \text{O} \quad \text{A} \rightarrow \text{P} \quad \text{A} \rightarrow \text{Q} \quad \text{A} \rightarrow \text{R} \quad \text{A} \rightarrow \text{S} \quad \text{A} \rightarrow \text{T} \quad \text{A} \rightarrow \text{U} \quad \text{A} \rightarrow \text{V} \quad \text{A} \rightarrow \text{W} \quad \text{A} \rightarrow \text{X} \quad \text{A} \rightarrow \text{Y} \quad \text{A} \rightarrow \text{Z}$$

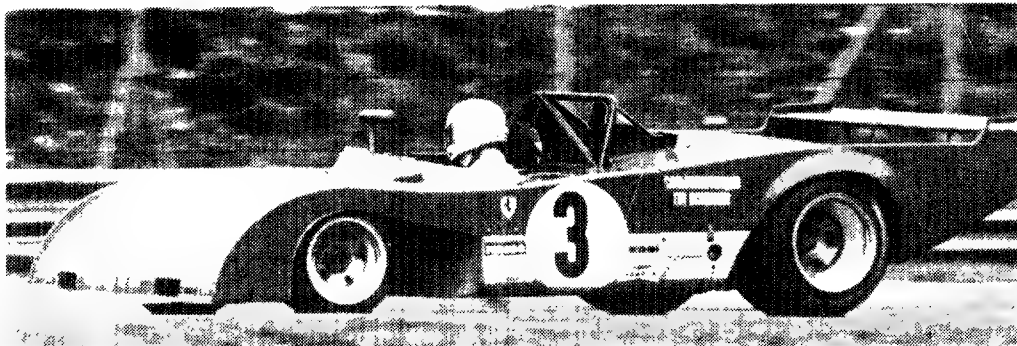
DL / DESPORTOS

AUTOMOBILISMO

24 HORAS DE LE MANS

# MATRA-FERRARI

## O CONFRONTO ESPERADO



A Ferrari procurará justificar a superioridade demonstrada em 72 e o seu primeiro lugar actual no Mundial de Marcas de 73. Os carros deverão utilizar as «caudas longas» já utilizadas em Monza e Spa.

É no fim-de-semana que se realiza a mais célebre prova de resistência em que se disputam presentemente em todo o mundo, as 24 Horas de Le Mans.

O Circuito de La Sarthe já foi aberto para os primeiros treinos no dia 1 de Abril, mas desde ontem até ao próximo domingo estará quase permanentemente ocupado, primeiro com os treinos oficiais, depois com a dura prova de 24 Horas que é um autêntico desafio à resistência de pilotos e «máquinas».

A expectativa natural que rodeia sempre as 24 Horas de Le Mans beneficiará este ano do esperado confronto Matra-Ferrari, que fará reviver alguns dos mais célebres duelos de Le Mans, tais como Ferrari-Ford, Ferrari-Porsche, Ford-Porsche, para não falar senão nos mais recentes. O ano passado, a Matra correu sozinha para a vitória dado que a Ferrari, ao contrário do que se previa, não compareceu, já que os técnicos da marca italiana não tinham a certeza de os motores poderem aguentar as 24 horas da corrida. Por sua vez, contando a Ferrari por vitórias todas as suas participações do Campeonato Mundial de Marcas de 1972, compreende-se que os seus dirigentes da marca italiana não quisessem comprometer, com um desaire em Le Mans, a imagem da superioridade que haviam imposto nas pistas mundiais.

Mas este ano está confirmado. Aos quatro Matra presentes opor-se-ão três Ferrari oficiais. A vantagem de um carro poderá parecer insignificante, mas a Matra tirará, certamente, partido desta superioridade, talvez lançando um dos seus carros como «lebre» nas primeiras horas. Para a marca francesa, uma vitória em Le Mans tem imenso significado, pois, para além da desejada confirmação do mérito que, apesar de tudo, há que atribuir à vitória dos carros azuis no ano passado, há que atender ao

facto de a Matra correr perante o seu público, e com uma equipa totalmente francesa (o que não aconteceu em 72), tendo também 31 pontos de desvantagem que anular em relação à Ferrari, se quiser manter a candidatura ao título mundial.

### QUEM LUTARÁ PELA VITÓRIA ABSOLUTA

Matra e Ferrari reúnem o favoritismo quase absoluto, mas há alguns «outsiders» a considerar, pelo menos para os lugares de honra. Mas não nos podemos esquecer que numa prova de 24 horas os prognósticos são particularmente difíceis e os resultados o mais aleatórios possíveis. A Matra, por exemplo, perdeu logo um dos seus carros na primeira volta das 24 Horas do ano passado e o Porsche Carrera RSR acabou por vencer as 24 horas de Daytona após as desistências dos carros de Sport que tinham dominado as primeiras horas.

Mas, desta feita, os principais «outsiders» da Matra e da Ferrari deverão ser outros Sport-3 litros cuja sorte tem sido diversa nas várias provas do Mundial já disputadas e que serão: Gulf-Mirage, Lola T-282 e Porsche. Os Sport-2 litros não deverão aguentar as 24 horas, pelo que os Carrera RSR e o Ligier JS-2 deverão ser considerados mais favoritos do que aqueles.

Entre os Sport-3 litros, as pretensões são diversas e as

táticas deverão também divergir de forma radical, mas nada melhor do que analisar os recursos técnicos e humanos que as várias marcas dispõem

### MATRA

A Matra-Simca tem o prestígio da sua vitória do ano passado a defender e conta para tal com argumentos importantes, tanto no referente a pilotos como a carros. Em Le Mans, estarão presentes três dos novos Matra MS-670/B, equipados com caixa de velocidades Porsche feitas recentemente para a marca francesa, e um Matra MS-670 de 1972, equipado com a caixa ZF habitualmente utilizada no carro de Larrousse e Pescarolo.

Quanto a pilotos, a «equipa de Matra» passa de quatro a oito elementos, sendo, praticamente, uma verdadeira «selecção nacional» de pilotos franceses. As duas principais equipas, Beltoise/Cévert e Larrousse/Pescarolo, mantêm-se, sendo o terceiro 670/B pilotado por Jean-Pierre Jaussaud e Jean-Pierre Jabouille, enquanto o mais velho dos 670 será entregue a Patrick Depailler e Bob Wollek. Bernard Farentino, o principal piloto da equipa Chrysler de «Rallies», foi indicado como suplente para as quatro equipas, e é possível que acabe por conduzir um dos carros como terceiro piloto.

Os Matra utilizarão em Le Mans os habituais motores com cerca de 480 cavalos (V-12 de 2999 c.c., diâmetro x curso: 79,7 x 50), mas o regime está limitado a 10.000/0.500 rotações por minuto o que lhes dará uma potência utilizável de cerca de 470 cavalos.

Devido à montagem do sistema eléctrico necessário para a parte nocturna da corrida, os Matra pesam 680 kg., cerca de 30 kg. mais do que a versão «1000 km».

### FERRARI:

A Ferrari também apresentará a sua equipa completa, ou seja três carros para Jack Ickx/Brian Redman, Arturo Merzario/Carlos Pace e Carlos Reutemann/Tim Schenken.

E evidente que os carros serão os já conhecidos 312-PB equipados com o motor de 12 cilindros horizontais da Fórmula 1 (2991 c.c., diâmetro x curso: 80 x 49,6) cujo regime também sofrerá (a exemplo dos Matra) uma limitação considerável de utilização em relação às corridas mais curtas. O motor Ferrari que debita cerca de 485 cavalos a 11.500 r.p.m. estará limitado em La Sarthe a 465/470 cavalos a 10.500 r.p.m. para melhor assegurar a sua resistência durante as 24 horas.

Em testes privados, recentemente levados a efeito em Monza, o motor Ferrari, com esta limitação nas rotações máximas utilizáveis, aguentou perfeitamente 24 horas de uso intensivo e é de notar que, nas provas em que a marca italiana tem participado este ano, os motores têm demonstrado uma resistência a toda a prova, o que não tem acontecido com os Matra.

### GULF-MIRAGE:

Sobretudo após a sua inesperada vitória em Spa, a Gulf-Mirage será em Le Mans o grande «outsider» para Ferrari e Matra. Outra coisa não seria de esperar já que esta equipa tem como «cérebro» o maior estratega das 24 Horas de Le Mans, John Wyer.

A ausência dos 1000 km. de Nürburgring foi justificada de duas formas: falta de motores Cosworth revistos e não prejudicar a preparação para Le Mans, pelo que se deve concluir que Wyer pretendeu garantir um «stock» de motores suficientemente grande para estar ao abrigo de qualquer surpresa na prova francesa. Tudo indica também que serão utilizados em La Sarthe os habituais «Spider» com motor V-8 Cosworth DFV (2993 c.c., diâmetro x curso: 85,8 x 64,8) e não aparecerá o «Coupé», muito semelhante aos Porsche 917, com motor V-12 Weslake visto nos treinos de Abril.

O peso dos Gulf-Mirage será semelhante aos dos Matra e do Ferrari, 680 kg e a potência utilizável cifrar-se-á pelos 440/450 cavalos a 10.000 rotações por minuto. Quanto a pilotos, deverão manter-se as equipas habituais Derek Bell/Howden Ganley e Mike Hailwood/Vern Schuppan, mas este último poderá ser substituído por John Watson se este já estiver em condições de se estreiar na equipa com quem

tem um contrato desde o início da época e tem sido substituído por Schuppan devido aos ferimentos sofridos em Brands Hatch quando se despiستou com um Brabham BT-42.

### LOLA:

Graças à continuação do apoio da Antar e dos «Cigarettes de France» deverá reaparecer em Le Mans o Lola T-282 de Reine Wisell e Jean-Louis Lafosse. Depois de Spa, onde a sua participação não foi além dos treinos, o T-282 sofreu alterações nas suspensões e «chassis» numa tentativa para o tornar mais competitivo e evitar os problemas de falta de rigidez notados no início da época. Ligeiramente mais pesado que os outros Sport-2 litros, o T-282 será equipado com o Cosworth DFV, tal como os Cocker-Mirage. O mesmo acontecerá com o Lola T-282 inscrito por Daniel Rouveyran e que será pilotado por este e François Migault.

### PORSCHE:

Não participando oficialmente, a Porsche tem muito poucas hipóteses de uma classificação nos primeiros lugares, mas poderá vir a conseguir, como no ano passado, um lugar honroso no final graças a grande e lendária resistência dos seus motores. Quais serão os Porsche mais rápidos em Le Mans? Os velhos 908/3 ou os Carrera RSR protótipos semi-oficiais inscritos pelo Martini Racing Team? Os 908/3 dispõem do motor de 8 cilindros horizontais (2997 c.c., diâmetro x curso 85 x 66) com 360 cavalos e pesam 650 kg., mas a sua preparação é mais ou menos insuficiente para este género de provas, já que é feita por equipas privadas e a marca alemã só tem seguido de perto o de Reinhold Jöst, precisamente aquele que não estará presente em La Sarthe devido ao acidente sofrido em Nürburgring.

Jöst será, no entanto, um dos pilotos dos Carrera RSR do Martini fazendo equipa com Claude Haldi, sendo a segunda equipa constituída pelos habituais Gijs Van Lennep e Herbert Müller. Para Le Mans, a Martini levará dois protótipos de 310 cavalos e 830 kg. de peso utilizando os pneus mais largos necessários para «encherem» as jantes que são iguais às antigamente utilizadas nos 917.

Os Porsche 908/3 estão inscritos para Juan Fernandez, Christian Poirot e André Wicky, que ainda não designaram o segundo piloto, e para Ortega/Hougen. Além destes há ainda um 908/1 inscrito por George Loos, patrão e piloto do Gelo Racing Team.

### CHEVRON, LOLA E SIGMA DE 2 LITROS

Uma das mais significativas equipas que estaria presente entre os Sport-2 litros era a Bonnier, ou seja o «Team BIP», mas os portugueses resolveram não se deslocar a Le Mans Assim, o Chevron B-23 com motor BMW-Schnitzer de Pierre Maublanc e «Jimmy» Miesusset (dois especialistas de provas de montanha) será, juntamente com o B-23 de José Maria Juncadella/Jorge de Bagration e o Lola T-290 de Jacques Henry/Stalder, o mais significativo do pequeno lote de carros de dois litros, onde a grande novidade será o novo carro japonês Sigma MC-73, pilotado por Tetsu Ikuzawa e Patrick Dal Bo, e que deverá apresentar-se com um motor também de origem japonesa...

Mas os Sport-2 litros não deverão aguentar muitas horas das 24 que durará esta «maratona».

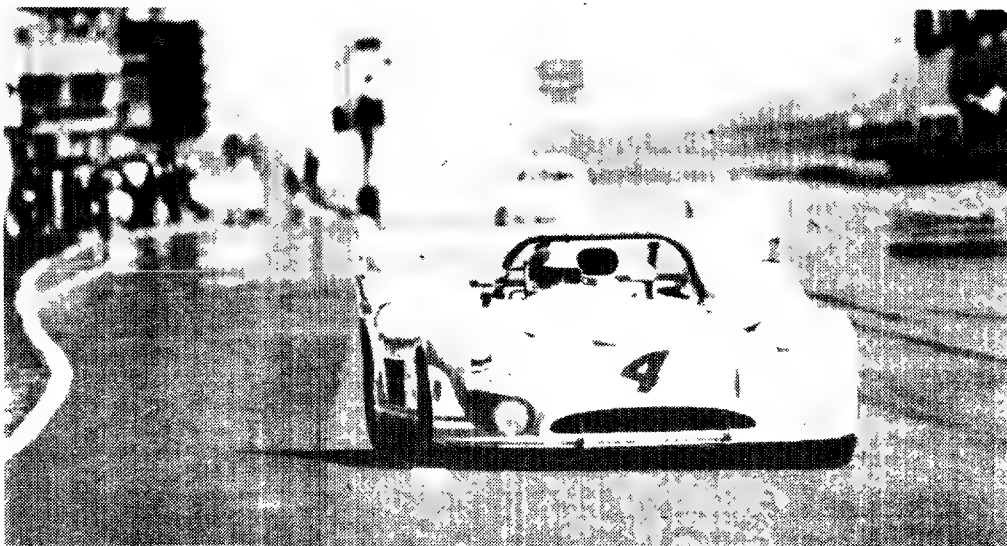
### DUCKHAMS, LIGIER E LOLA T-290/3 LITROS, AS INCÓGNITAS

Completando o grupo dos Sport, e mais particularmente dos Sport-3 litros, encontram-se o Duckhams-Ford, o Ligier JS-2 e um original Lola T-290 equipado com motor de 3 litros... Ford Capri

O Duckhams é um protótipo criado por Alain de Cadenet que também será um dos pilotos. Já o ano passado participou um carro com este nome nas 24 Horas de Le Mans, mas o modelo que Cadenet apresentará em 73 deverá ser «coupé» e não «spider», mas continuará a estar equipado com um motor Cosworth-DFV. Já que, a estar presente em Le Mans, o Duckhams fará a sua estreia, não havendo, portanto, pontos de referência em relação aos outros carros, será uma das incógnitas de La Sarthe, mas não deverá, de nenhum modo, ser uma ameaça para os principais favoritos.

O mesmo acontece com o Lola T-290 de Giorgio Schon e Canonica, inscrito pelo «Jolly Club» de Milão equipado com um motor V-6 de 3 litros de Ford Capri. A resistência do motor já foi demonstrada frequentemente vezes, mas o nível de preparação do carro é desconhecido e os pilotos não são muito mais conhecidos.

O Ligier JS-2 está noutras condições, pois, embora sem regularidade, tem participado em provas do Mundial de Construtores. O motor que o equipa é um três litros Citroën-Maserati V-6 que se tem mostrado bastante resistente, à parte problemas de estanqueidade. Disporá em Le Mans de novas «culassas» de quatro válvulas por cilindro que permitirão o



A Matra utilizará três novos 670/B, mas também um 670 como o que vemos na gravura que apenas deverá sofrer alterações aerodinâmicas na traseira.

## DL/DESPORTOS

aumento da potência para 330 cavalos. Guy Ligier/Jean-Pierre Jarier e Claude Laurent/Martial Delalande deverão formar as duas equipas participantes com estes carros, cuja luta com os Carrera RSR do Martini Racing, também classificados em Sport, mas tendo características de verdadeiros Grande Turismo, será uma das lutas «particulares» a seguir com interesse na próxima edição das 24 Horas de Le Mans.

### GRANDE TURISMO: FERRARI OU PORSCHE?

Os Ferrari Daytona, ou 365 GTB/4, conseguiram em 72 uma classificação de conjunto impressionante, demonstrando uma resistência verdadeiramente notável, mesmo tratando-se de verdadeiras versões para competição. Este ano, os Ferrari voltarão a estar presentes em força para fazer face aos Porsche Carrera RS e 911-S que este ano têm reinado como senhores absolutos em todas as provas de Grande Turismo, excepção feita a Imola, onde um De Tomaso Pantera os bateu.

Serão oito Ferrari Daytona contra sete Porsche Carrera RS, sendo de seguir com especial interesse os Ferrari do «North American Racing Team» e do importador francês Charles Pozzi, bem como o da «Bourie Francorchamps».

Entre os Porsche, os de Erwin Kremer e da Porsche/Sonauto, importador francês da marca alemã, serão, certamente, os mais bem preparados. Mas este duelo deverá ser reforçado por alguns dos carros relegados numa primeira selecção para o grupo dos suplentes e que incluem mais dois Ferrari Daytona, sete Carrera RS e três Porsche 911-S.

Mas os Ferrari e os Porsche não estão sozinhos a discutir a vitória entre os Grande Turismo, já que deverão estar presentes dois ou três De Tomaso Pantera e três ou quatro Chevrolet Corvette.

Para que se ajuize sobre as possibilidades dos vários pretendentes à vitória em G.T., eis as suas características principais:

**Ferrari Daytona:** Motor de 12 cilindros em V com 4390 cc. de cilindrada (diâmetro vezes curso: 81 vezes 71). Potência de 450 cavalos a 8000 rotações por minuto (graças a novas árvores de cames, válvulas e pistons) e 1350 kg de peso.

**Porsche Carrera RS:** Motor de 6 cilindros horizontais com 2806 cc. (diâmetro vezes curso: 92 vezes 70,4) ou 2995 cc. (diâmetro vezes curso: 92 vezes 74). A potência é de cerca de 300/310 cavalos a 8000 rotações por minuto e o peso cerca de 900 kg.

**De Tomaso Pantera:** Motor de 8 cilindros em V com 5763 cc. de cilindrada (diâmetro vezes curso: 101,6 vezes 83,9). Tem mais de 500 cavalos de potência para 120 kg de peso.

**Chevrolet Corvette:** Motor de 8 cilindros em V com 6997 cc. de cilindrada (diâmetro vezes curso: 108,8 vezes 95,5). A potência atinge os 550 cavalos e o peso 1340 kg.

### TURISMO: FORD CAPRI CONTRA BMW, EVIDENTEMENTE...

Ford e BMW vão aproveitar nova oportunidade para um confronto directo da sua resistência e rapidez, fora do Campeonato Europeu de Carros de Turismo. As forças nunca estiveram tão equilibradas como presentemente, mas a Ford parece gozar de uma certa vantagem no que respeita à resistência, factor essencial nas 24 Horas, sobretudo porque em potência, ou seja, em rapidez, o equilíbrio é notório e os pilotos de ambas as partes equivalem-se perfeitamente.

A Ford inscreveu três carros do modelo de 73, um deles através da Ford France e que serão conduzidos, os dois primeiros por Gerry Birrell/Hans Heyer e Dieter Glemser/John Fitzpatrick, sendo o terceiro carro para Jean Vinatier e outro piloto a designar. Um quarto carro é o do «Shark Team» de Jean-Claude Geurie, mas de um modelo já não muito recente. Os carros oficiais disporão de motores V-6 com 2995 cc. de cilindrada (95,8 vezes 69) e 320 cavalos de potência a 7600 r.p.m.. O seu peso será de 930 kg.

Quanto à BMW, as inscrições oficiais são também três, mas uma foi incluída entre os suplentes, o que não admira já que só foram designados os pilotos de duas equipas: Chris Amon/Hans Stuck Jr. e Toine Hezemans/Dieter Quester. A outra inscrição poderá ser aproveitada pela Alpina ou pela Schnitzer no caso de haver muitas ausências entre os inscritos. Entre os efectivos há um outro BMW inscrito por Wicky que designou Paul Mattli como primeiro piloto, faltando designar o segundo piloto, e entre os suplentes conta-se o BMW do «Team Marabout» que poderá ser pilotado por Willy Brailard e José Xhenceval.

Os BMW 3.0 CSI serão equipados com motores de 6 cilindros em linha com 3340 cc. de cilindrada (94 vezes 80). A potência é de cerca de 350 cavalos, mas deverá ser ligeiramente reduzida para favorecer a resistência do motor. Mas a maior potência é a única maneira de a BMW poder suprir o «handicap» de peso que tem em relação à Ford, já que os BMW pesam 1075 kg.

Com a Porsche no segundo lugar do Mundial de Marcas que a Ferrari comanda presentemente com alguma vantagem, as 24 Horas serão essenciais para as esperanças da Matri em relação ao título mundial que a Ferrari está em boa posição para revalidar.

JOSE MIGUEL BARRIOS

## Jogos Juvenis de Abrantes

O I corta-mato organizado pelos Jogos Juvenis de Abrantes, que conforme já foi noticiado, se realiza no próximo dia 10 de Junho, pelas 9.30 horas, nos terrenos anexos ao campo de jogos do Barro Vermelho, nesta cidade, está a despertar vivo interesse entre a camada juvenil, tanto local, como de todos os núcleos abrangidos pelas actividades.

Tratando-se de uma prova para apuramento de 9 elementos dos 3 escalões (A, B e C), que Abrantes apresentará no corta-mato da Moita, em 8 de Julho, os jovens abrantinos preparam-se com entusiasmo, no sentido de conseguir uma classificação que lhes permita participar naquele movimento juvenil, que será uma manifestação de convívio e franca amizade.

Dentro de alguns dias, terá início um curso de xadrez moderno, em que podem participar crianças de ambos os sexos, dos 8 aos 16 anos. Este curso que tem por objectivo a preparação dos participantes para o torneio de xadrez que os Jogos Juvenis de Abrantes vão realizar durante os meses de Agosto e Setembro, terminará com um torneio de iniciação, realizado entre todos os participantes, com análises de jogadas, comentários e esclarecimentos.

A comissão organizadora

dos J.J.A., tenciona convidar um grande mestre do xadrez nacional, para se deslocar a Abrantes, afim de compartilhar com os jovens abrantinos, os seus vastos conhecimentos da modalidade. Se conseguirem tornar em realidade este seu sonho, será grande o passo dado para a promoção e desenvolvimento do xadrez nesta região e esperamos que a Comissão Municipal de Fomento Desportivo, o saiba aproveitar, dando continuidade à actividade dos praticantes, para além da época dos Jogos Juvenis.

## Futebol

### ACTUALIZAÇÃO DE TREINADORES

O Sindicato Nacional dos Treinadores de Futebol leva a efeito, a partir da próxima segunda-feira (às 15 horas), nas instalações da F.N.A.T., em Coimbra, colóquios de actualização profissional dos treinadores de futebol.

São palestrantes o técnico Fernando Riera, treinador diplomado pela Federação de Futebol Chilena, e o professor José Paul, técnico gimnodesportivo diplomado pelo I.N.E.F. e pelo S.N.T.F., que versarão temas do maior interesse para

a classe dos treinadores de futebol.

Fernando Riera falará sobre problemas técnico-tácticos do futebol moderno. José Paul versará assuntos da actualidade gimnodesportiva, especialmente no tocante à fisiologia do futebol.

Estas palestras inserem-se no plano de preparação que o Sindicato pretende levar a efeito no sentido de estabelecer, de futuro, uma qualificação dos treinadores de futebol em actividade.

## OS JOGOS DE MONTREAL

E provável que nos Jogos Olímpicos de 1976, a disputar em Montreal, seja abolida a execução dos hinos nacionais nas cerimónias de atribuição de medalhas — anunciou, na cidade do México, o presidente do Comité Olímpico Internacional, Lord Killanin.

Acrescentou, ainda, ser também provável que o hastear das bandeiras dos países cujos atletas se classifiquem nas três primeiras posições seja igualmente abolido, mas salientou não poder ainda dar elementos concretos.

Lord Killanin, que durante dois dias conferenciou com elementos do Comité Olímpico Me-

xicano, referiu-se ao pedido da Rússia para realizar os Jogos Olímpicos de 1980, dizendo que a União Soviética está tecnicamente apetrechada para organizar os Jogos Olímpicos.

O presidente do Comité Olímpico sublinhou que a apresentação dos pedidos termina em Maio de 1974. E que, até agora, a Rússia é a única candidata.

### UM VERDADEIRO «GHETTO»

Os arquitectos canadianos são hostis à construção duma aldeia olímpica para os Jogos de Montreal em 1976.

Segundo o presidente da Associação dos Arquitectos da Província de Quebec, Jean-Luc Poulin, tendas e «roulottes» resolveriam muito bem o caso. No fim de contas, trata-se de férias.

Numa resolução que acabam de enviar às autoridades de Montreal, assim como aos governos de Quebec e de Ottawa, a Associação dos Arquitectos diz nomeadamente que a construção duma aldeia olímpica custará uma soma enorme, destruirá espaços verdes e constituirá um verdadeiro «ghetto». Acrescenta que não oferecerá mais segurança do que as habitações dispersas.

# O Atlético ignora Baltasar em Alvalade

«Nem queremos ouvir falar na transferência de Baltasar. Até Domingo, interessa-nos, apenas, o jogo com a Cuf». — garantiu-nos esta manhã o dirigente alcantarense Agostinho Gil, que desmentiu o acordo com o Sporting quanto à transferência de Baltasar para os «leões», adiantando ainda:

«Se o Baltasar assinou contrato com o Sporting, o problema é dele. Nós temos um compromisso com o Benfica, válido até à próxima 2.ª feira. Pedimos 1750 contos aos encarnados, e estes (em princípio) concordaram, ficando de nos dar resposta definitiva na 2.ª feira. Até lá, não nos comprometemos com ninguém e também do Sporting tratou do assunto connosco».

No entanto, o defesa-esquerdo alcantarense esteve ontem

em Alvalade, dizendo-se que assinou contrato por 26 contos mensais e ficando destinados ao Atlético 1500 contos, avalizados pelo industrial José Matias. Toda a equipa do Atlético estava convocada para jantar em Alcantara, no restaurante «O furor»; e Baltasar não apareceu, assim como não apareceu na sede do Atlético onde os dirigentes do clube esperaram por ele (ou por emissários do Sporting) até à meia-noite e meia hora de hoje, uma vez que os rumores da ida a Alvalade já tinham chegado aos ouvidos de Rui Severino e Agostinho Gil.

Em igualdade de circunstâncias, o Benfica tem a prioridade, até porque foi o único clube que entrou em negociações sérias com o Atlético», — explicou-nos ainda o chefe do De-



Baltasar: no Sporting?

partamento de Futebol de Alcantara. A propósito: no jantar entre dirigentes e jogadores, efectuado ontem, ficou a certeza de que o prémio do jogo com a Cuf subiu de 1000 escudos (quantia oficial) para 3500 escudos, pois um grupo de sócios suportará o montante extra de dois contos e meio como incentivo aos futebolistas de Alcantara no seu último e derradeiro embate do campeonato.

### FESTIVAL

Ladislau Kubala, seleccionador espanhol de futebol, será igualmente o homem que vai escolher a equipa europeia que defrontará o «team» da América do Sul no «Dia Mundial do Futebol» (15 de Agosto). O encontro terá lugar em Barcelona.

## HÓQUEI EM PATINS

### O TORNEIO DA PRIMAVERA EM VILA FRANCA DE XIRA

Principia amanhã, em Vila Franca de Xira, o Torneio da Primavera, em hóquei patinado, no qual estão inscritas 4 equipas representando alguns estabelecimentos comerciais da vila. Na obra vão estar em actividade 30 jovens, que até agora se iniciaram na prática da modalidade graças à campanha lançada pelo treinador do Vilafranquense, Vítor Pinheiro.

A jornada inaugural engloba a apresentação das equipas participantes e ainda um jogo entre os veteranos do Vilafranquense e um jogo de campeões de Vilanda.

O adepto da modalidade que em Vila Franca de Xira não deixa de acompanhar a actividade da sua equipa representativa tem assim oportunidade de apreciar o trabalho desenvolvido pelo treinador Vítor Pinheiro, que foi o grande impulsor da modalidade na vila.

## "DIÁRIO DE LISBOA"

Da direcção do Sport Clube do Porto, recebemos um cativante ofício no qual se agradece o relevo dado à notícia do êxito alcançado pela classe de ginástica feminina daquele clube na sua apresentação na cidade de Haia.

### O «TOUR» nas lhas

O «Tour» de França de 1974 vai a Inglaterra pela primeira vez nos 70 anos da história desta prova ciclística, havendo uma etapa a terminar em Plymouth. Indica a organização Pretende-se com isso reunir a comunidade, actualmente existente entre França e Inglaterra, com o objectivo de promover o Mercado comum Europeu.

O «Tour» já tem dois portos-países vizinhos à França, mas nunca se foi à China, na Manchúria.



Os Ginto-Matras, os dois principais contendores, em Le Mans, durante a prova de 24 horas. Grande deslize de um dos carros.



# Teatros

## LISBOA

### TURNO D-1 TODA A NOITE

#### AJUDA

Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telefone 638256). Tapada, Calçada da Tapada, 83 A (Telef. 634721).

ALMIRANTE REIS  
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Telef. 41269).

ALTO DE S. JOÃO  
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (Telef. 843571).

ALVALADE  
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Telef. 760658). Marbel, Av. de Roma, 131-A (Telef. 776235). Chinda, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331).

AVENIDAS NOVAS  
Lungenit, Avenida da República, 55 (Telef. 772132). Sa da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Telef. 54672).

BAIRRO ACTORES  
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Telef. 41269).

BAIRRO DA LIBERDADE  
Zenal, Rua A. 182 (Telef. 651840).

BAIXA  
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Telef. 362350).

BENFICA  
Bantiluz, Estrada de Benfica, 444 (Telef. 782606).

CAMPO DE OURIQUE  
Firdor, Rua D. Maria Pia, 514 (Telef. 687949).

CASTELO  
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-A (Telef. 869831).

CONDE BARÃO  
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Telef. 664238).

ENTRECAMPOS  
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Telef. 760658).

ESTEFANIA  
Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Telef. 50593).

ESTRADA DA DAMAIA  
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Telef. 702226).

GRILLO  
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (Telef. 382470).

LAPA  
Alba, Rua de Santana à Lapa, 156 (Telef. 663562).

LUMIAR  
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Telef. 791131).

OLIVAIS  
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Telef. 310581).

PENHA DE FRANÇA  
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Telef. 832580).

PICHELEIRA  
Maruz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-728395).

TURNO D-2  
(ATE ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA  
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Telef. 637563).

ALFAMA  
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef. 866126).

AMOREIRAS  
Amoreira, Praça das Águas Livres, 8-D (Telef. 681515).

ALVALADE  
Libia, Av. da Igreja, 4-B (Telef. 711681). Ceita, Rua Moura Girão, 3-B (Telef. 710621).

ANJOS  
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Telef. 49479).

ARCO DO CEGO  
Providência, Rua D. Filipa, 1-V (Vila Nova, 9-C) (Telef. 70324).

## AREIRO

Lusitana, Avenida de Roma 18-A (Telef. 725443).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO  
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Telef. 310172).

BELEM  
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132).

BENFICA  
Macedo, Estrada do Fogo do Chão, 69-C (Telef. 703697).

CAMPOLIDE  
Nova, R. do Campolide, 297-C (Telef. 687475). Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438).

CAMPO DE OURIQUE  
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955).

ESTEFANIA  
Morgado Lourenço, Largo D. Estefania, 4-5 (Telef. 54808).

GRACA  
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Telef. 862909). Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361).

JUNQUEIRA  
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132).

LAPA  
E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 74 (Telef. 661010).

LUMIAR  
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Telef. 790332).

MOURARIA  
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Telef. 860464).

PEDROUCOS  
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Telef. 610280).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA  
Oliveira Viegas, Rua do Viriato, 29-A (Telef. 48966-553601).

SETE RIOS  
Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef. 780841).

LINHA DE CASCAIS

ALGES  
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 2° 3953).

CAXIAS  
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS  
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039).

OEIRAS  
Central, R. João Teixeira Simões, 8 (Telef. 2430058).

PAREDE  
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 247054).

S. PEDRO DO ESTORIL  
S. Pedro, (Telef. 263052).

MONTE ESTORIL  
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008).

CASCAIS  
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078). A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 28024).

LINHA DE SINTRA

AMADORA  
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Telef. 934589). Campos, R. Elias Garcia, 85 (Telef. 930072).

DAMAIS  
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231).

VENDA NOVA  
Grassol, R. Elias Garcia, 7-C (Telef. 97476).

QUELUZ  
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 95017). Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 (Telef. 95023).

MEM MARTINS  
Químia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 291002).

S. PEDRO DE SINTRA  
Valentim, (Telef. 980456).

SINTRA  
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832).

COLARES  
Abreja, (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE  
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, M 5 (Telef. 23400).

## ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020).

ALMADA  
Nuno Alvares, Av. J. Nuno Alvares Pereira, 39 (Telef. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA  
Aliança, Est. Nacional, 74 (Telef. 224302).

BARREIRO  
Soares, Av. da República (Telef. 2073023).

COVA DA PIEDADE  
Cenqueira, Alfonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254).

MOITA  
Silva Rocha, P. da República, 6 (Telef. 239029).

MONTIJO  
Higien, R. José Joaquim Marques, 42 (Telef. 230370).

SESIMBRA  
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471).

SETUBAL  
Marques, R. Arronches Junqueiro (Telef. 22783). Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Telef. 24558).

SEIXAL  
Godinho, L. da Igreja, 5 (Telef. 2218580).

PORTO

2.º TURNO

SUB-TURNO

Batalha (da), Praça da Batalha, 26. Campo (do), Praça da República, 118. Costa Cabral, Rua Costa Cabral, 1832. Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463. Invicta, Rua do Bonfim, 331.

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292. Fatima, Rua Oliv. Monteiro, 475. Garantia, Rua Fernandes Tomas, 696. Gomes, Rua Matias de Albuquerque, 243. Sa, Rua Vale Formoso, 161. Sarabando, Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO G

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (Telef. 24348). S. José Arcos do Jardim (Telef. 24697).

# Cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)  
Estreia as 21.45 Grupo D (18 anos) Technicolor OS EMIGRANTES com Max Von Sydow e Liv Ullmann. As 15.00 - 17.00 - 19.00 Grupo D (18 anos).

A OBSESSÃO DE JOEL DELANEY (Estacionamento Parque Castil).

CONDES (Tel. 322523/326710)  
Estreia as 21.45 Grupo D (18 anos) Panavision metacolor. Richard Roundtree, Moses Gunn e Kathy Lynn Ames A MARCA DO SHAFT. As 14.00 - 16.30 - 19.00 últimas.

A GRANDE VALSA  
ODEON (Tel. 326283)  
15.15 - 18.15 - 21.30  
Grupo D (18 anos) 4.ª Semana

Alfredo Landa (o Delcadinho) e Conchita Velasco em EMPRESTA-MA POR QUINZE DIAS. Mais audácia nunca se viu em fazer um com um marido e a mulher e o noivo dela.

ALVALADE (Tel. 717480)  
Estreia as 21.45 Eastmancolor Grupo D (18 anos) O CANALHA Claude Brasseur, Marthe Keller. As 15.15 Grupo C (14 anos) O GRANDE CABRIOLA.

TIVOLI (Tel. 50595)  
15.15-18.30 e 21.45  
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana

Technicolor Panavision. Um grande filme de acção, O MEDO É A CHAVE, com Barry Newman e Susy Kendall.

MONUMENTAL (Tel. 555131)  
15.15 e 21.30  
(Grupo D-18 anos) Eastmancolor. CAÇADOR DE ESCANDALOS, com Maurice Ronet, Josephine Chaplin e Vittorio de Sica.

SATELITE (Tel. 555131)  
15.30 - 18.30 e 21.45  
(Grupo D-18 anos) 9.ª Semana

Um filme de António Pedro Vasconcelos PERDIDO POR CEM. José Cunha, Maria Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)  
14.15, 18.30, 18.45 e 21.45  
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana

Colorido. Oscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973. O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA. O filme de Luis Buñuel, Snak-Bar, Pub-The Flag, o melhor encontro gastronómico.

Hoje as 00.15 Grupo D (18 anos) GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE.

AVIZ (Tel. 47163)  
15.30 - 21.45  
2.ª Semana

CONTINUARAM A CHAMAR ME TRINITA. 15.30 - 18.15 - 21.30.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)  
15.15 - 21.30  
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana

Harley Mills, George Sanders. NOTTE SEM FIM. Baseado na obra de Agatha Christie (Metrol Alameda).

EUROPA (Tel. 66016)  
As 21.30 Grupo D (18 anos). 4.ª Semana

O LADRÃO VEIO PARA JANTAR. Ryan, O Neal, Jacqueline Besset. As 15.15 Grupo D (18 anos).

A MAO DE FERRO  
TARDES INFANTIS Grupo A (anos). Sábado e Domingo ASTER X E CLEOPATRA.

POLITEAMA (Tel. 326303)  
15.15 - 18.30 e 21.45  
(Grupo B-0 anos)

Color-scope. O DIABO BRANCO. Steve Reeves as 00.30.

Ciclo Terror à Meia-Noite. Hoje, A MASCARA DO DEMONIO. Amanhã O SINAL DE DRACULA.

VOX (Tel. 70280)  
15.15 - 18.30 e 21.45  
(Grupo D-18 anos)

Colorido. A história de um dia de amor O ENCONTRO, com Jean Simmons e Leonard Whiting.

EDEN (Tel. 320766)  
ESTREIA as 21.45  
(Grupo C-14 anos)

Colorido. O SEU NOME ERA ESPÍRITO SANTO. Gianni Garbo. As 15.30 e 18.30.

(Grupo D-18 anos) NO GUME DO PÂNICO.

ESTÚDIO (Tel. 555345)  
15.30 - 18.30 e 21.45  
(Grupo D-18 anos)

Color. 9.ª Semana! Um filme de Jan Kador. MULHER A DERIVA, c/ Jaromír e Milena Dravíc.

Hoje e Amanhã, as 00.15 (Grupo D-18 anos) MULHER A DERIVA.

APOLLO 70 (Tel. 76339)  
15.15 - 18.30 e 21.45  
(Grupo B-0 anos)

3.ª Semana! Technicolor. Um filme saudável como zvitamina. JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA. Com Jerry Lewis.

Hoje as 24.00 O Riso da Meia Noite. (Grupo D-18 anos) UM TIRO AS ESCURAS. Com Peter Sellers.

MUNDIAL (Tel. 53874)  
15.15 - 18.30 - 21.45  
2.ª Semana

Grupo D (18 anos) AMANTE INFIEL. S. de dreile e Robin Philp.

BERNARDO  
15.15 - 18.30 - 21.45  
1.ª Semana

MASSAGE PARADISE. 15.15 - 18.30 - 21.45.

ESTÚDIO 444. 15.15 - 18.30 - 21.45.

MASCULINO. 15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

15.15 - 18.30 - 21.45.

# BAR S BOITES

HIPOPOPOTAMO Com Heide Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades Maria Helena Odete Maria Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B. Aberto das 18 h às 21 e das 22.30 h às 05.00 h.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.

NINA Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.

SOLAR DA HERMINIA Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade de Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos domingos. Telef. 320164.

EL CIDE Dancing com variedades. Com o conjunto X 4. Rua Bernardo Lima, 18-A. ao Conde Redondo. Telef. 560538.

CACO Dancing com música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

TAMILA Marão e s. conjunto. Ma. tines. todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loule, 69. Telef. 534117.

LUSO Grande e eno de folclore. fado de Lisboa por Augusta Erminia e José Luis Tomar. fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travessa da Queimada, 10. Telef. 3

# DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.  
PROPRIETÁRIO DO  
DIÁRIO DE LISBOA  
ADMINISTRAÇÃO GERAL  
REDACÇÃO E PUBLICIDADE  
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º  
TELEF. 654531/2 3 4  
SERVIÇOS TÉCNICOS  
RUA LUZ SORIANO 44  
RUA DA ROSA 57  
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363  
LISBOA - PORTUGAL

## A cidade demorada

Almada pretende ser cidade. Almada vai ser cidade. Almada deve ser cidade. Pois claro que sim, pois claro que sim.

Mas Almada já é cidade e vai para dois anos que o «Diário do Governo» publicou um decreto criando uma segunda cidade em Almada. Vai para dois anos. Lembra-se. Por essa altura o Governo anunciou que se iria construir uma «cidade satélite» de Lisboa para «largas dezenas de milhares de habitantes», entre a via rápida da Caparica, a auto-estrada da ponte e o rio. Uma cidade nova constituída, principalmente, por habitações de carácter social.

A primeira cidade de Almada é fácil. Já existe e basta um deferimento governamental para elevar à categoria de cidade a vila de Almada. A segunda cidade é que fia mais fino. Será preciso construí-la. Passaram quase dois anos sem que a declaração de expropriação por utilidade pública tenha sido declarada. Os terrenos continuam na posse dos seus proprietários de sempre.

Por que indagar, quando começaram as obras de urbanização indispensáveis? As carências de habitação aumentam, as rendas também. A espera, desesperada, prolonga-se.

A cidade nova está demorada.

M. de A.

## INÍCIO DO CAMPEONATO DE MONTANHA COM A RAMPA DA COVILHÃ

Hoje e amanhã disputa-se na serra da Estrela, a primeira prova do Campeonato Nacional de Montanha, constituído por 8 provas, 2 das quais em Espanha.

A organização da Rampa da Covilhã — Prémio Internacional da Serra da Estrela, pertence ao Automóvel Club de Portugal, que conta com diversos patrocinadores e colaborações de entidades covilhãs e de organizações turísticas radicadas na serra da Estrela.

Inscreveram-se para esta prova 46 pilotos que tripularão carros dos Grupos 1, 2, 3, 4 e 5.

Em Grupo 1 (Turismo de Série) a vitória deverá pertencer ao conhecido piloto Ernesto Neves, que tripula, tal como no

ano passado o Chevrolet Camaro Z28, enquanto nas cilindradas inferiores Bernardo de Sá Nogueira, no Alfa Romeo 2000 GTV do Mocar Racing Team, deverá triunfar na classe até 2000 c.c., e na classe que agrupa os carros até 1300 c.c. Mário Gonçalves, em Austin Cooper S, do Team British Leyland-Portugal, e Santinho Mendes e Francisco Fino, ambos nos Datsun 1200 do Team Schweppes, deverão discutir a vitória. Em Grupo 2 (Turismo Especial) serão novamente Mário Gonçalves, Santinho Mendes e Francisco Fino (estes últimos desta vez em Datsun 1200 inscritos pela Tabaqueira) e ainda Fernando Batista, que tal como Mário Gonçalves tripulará o BLP-Austin 1275 GT, são os mais favoritos, embora Alcino Ferreira (Ford Escort RS) e Amadeu Ferreira (Ford Capri 3000) possam eventualmente destacar-se. Nos Grupos 3/4/5 há poucos concorrentes. Dois Abarth-Osella, um dos quais com Christian Melville ao volante e Ernesto Neves no velho Lotus 47 do Team Palma são os mais relevantes. Já que Carlos Santos deverá estar ausente, no Estoril, ocupado com os treinos com os Lola T-292 do Team BIP.

A Rampa da Covilhã terá hoje durante a tarde os seus treinos, disputando-se amanhã a partir das 8 h. e 30 a prova.

## A França vai sair da OTASE?

PARIS, 8 — (FP) — O Governo francês avisou os países membros da OTASE — organização do Tratado do Sudeste Asiático (Tailândia, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas) que vai cessar a sua participação financeira na organização a partir de 1974, soube-se de fonte diplomática. O orçamento da OTASE é de cerca de um milhão e meio de dólares por ano. A participação francesa é de 13,5 0/0.

## FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Seculo»  
HOJE E TODAS AS NOITES A PARTIR DAS 19 H.

APRESENTA

A PAR DAS DIVERSÕES E DA FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS, TODOS OS REQUINTES DE CONFORTO AO AR LIVRE

RESTAURANTES — RETIROS — ESPLANADAS — CERVEJARIAS — CAFÉS — GELADOS — FARTURAS — SUMOS — PASTELARIA E DOCES — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES, SORTEIOS, etc., etc.

— Transportes fáceis, directos e assegurados —

## REPUBLICANOS DO PORTO HOMENAGEARAM AFONSO COSTA

Realizou-se ontem à noite, no teatro Carlos Alberto, a anunciada sessão de homenagem à memória de Afonso Costa, cujo centenário do nascimento foi assinalado o ano passado.

Aquela sala de espectáculos, decorada com bandeiras nacionais, ficou completamente lotada.

No palco, tomaram lugar como convidados de honra, a sra. D. Alzira Costa, filha do homenageado; D. Maria Luísa Costa, sobrinha daquele político; dra. D. Adelaide Estrada; D. Maria Júlia Veiga Pires e D. Irene de Castro. Noutros lugares sentaram-se os oradores da sessão, entre os quais o eng. Mem Verdial.

A mesa foi presidida pelo dr. Veiga Pires, ladeado pelo dr. Guedes Pinheiro da comissão executiva para o monumento a Afonso Costa e pelo dr. Fernando Costa, genro do homenageado.

Aberta a sessão, com a assistência de péssimo ao Hino Nacional, proferiu, depois, breves palavras o presidente da mesa, para se referir à figura singular de Afonso Costa, dizendo ser aquele um momento solene para a vida do Porto e de Portugal.

Foi, em seguida, dada a palavra ao primeiro orador da noite, o dr. Oliveira Marques, biógrafo de Afonso Costa, que se deteve a analisar os últimos onze anos de vida daquele político, por ser o menos conhecido e que se situou entre 1926 e 1937. Disse então o orador que Afonso Costa nunca foi abrangido por amnistias, ao contrário do que sucedeu com outros políticos da sua geração, por ele ser, tal como aconteceu com Bernardino Machado, temido pelo regime ditatorial de Salazar.

Depois de pôr em evidência o prestígio internacional de Afonso Costa, lembrou que foi ele quem em Paris criou a Liga de Defesa da República, que visava organizar as bases de um movimento de união antitaditadura, destinado a todos os portugueses no exílio.

Usou, em seguida da palavra, o dr. José Alberto Rodrigues, de Vila Pouca de Aguiar que focalizou algumas das facetas do homem e do político. E disse: «Afonso Costa fundou os alicerces da nova sociedade portuguesa, libertando-a das sombras do passado».

E concluiu o seu brilhante improviso, recordando a singular visão de Afonso Costa ao propor na Sociedade das Nações a realização de uma conferência económica, destinada a estabelecer uma política de auxílio dos países mais necessitados, mediante empréstimos dos países economicamente mais fortes.

### UM SOCIALISTA DE FEIÇÃO DEMOCRÁTICA

O terceiro orador, dr. Armando Bacelar começou por dizer que «homenagear Afonso Costa, em 1973, é procurar fazer luz sobre a sua complexa e rica personalidade de pensador, de tribuno, de homem público e de acção, situado no seu tempo, tão distante e tão próximo do nosso».

Depois de dizer que Karl Marx tem por discípulos quase todos os socialistas modernos, declarou: «Mas o socialismo de Afonso Costa não se afirma apenas no domínio da teoria, projecta-se para outras bem mais próximas da acção e da marcha da História».

E já quase a concluir, o dr. Armando Bacelar, acentuou: «São da acta n.º 10 da Liga de Defesa da República, de 30/9/927, estas linhas: — «o dr. Afonso Costa diz que, visto a Confederação Geral do Trabalho ter ligação com o comunismo e visto a república dever encaminhar-se para a esquerda, apoiando-se nas classes operárias, entende que deve ser aceite o oferecimento».

Falou, depois, o dr. Vasco da Gama Fernandes que foi recebido com quentes aplausos da assistência. Começou o seu improviso brilhante e notável dizendo dedicar o seu discurso à memória do dr. Carlos Cal Brandão.

Focou, em seguida, o problema de personalidades que se projectam e que constituem por si a história de um país.

Face à personalidade de Afonso Costa, «filosoficamente positivista e com interesses pelo marxismo», passou a analisar qual seria a posição de Afonso Costa nos dias de hoje, assim, disse, seria um pluralista, um apologeta da liberdade com a responsabilidade que naturalmente decorria da sua formação jurídica. Igualmente, acrescentou, pugnaria por uma política internacional sem barreiras, recordado do prestígio que o levou à presidência da Sociedade das Nações. No que respeita à política sócio-económica, Afonso Costa — salientou — nunca poderia deixar de ser um socialista de feição democrática, disposto a enfrentar e a resolver os problemas da modernidade, ou seja a gratuidade na saúde, a fiscalidade progressiva, o ensino gratuito e, da mesma forma, socializante, a protecção com o dever do Estado em tudo quanto se refira ao acidente e à velhice.

Adiantou que, face aos problemas da riqueza, Afonso Costa enveredaria pela reversão da mesma riqueza a favor do povo português.

Terminou a sua intervenção evocando os sacrifícios dos republicanos na luta contra o arbítrio, afirmando que o País pode confiar nos homens que nunca desactualizaram o carácter nem descansaram de ser dignos.

### A FIGURA MAIS DISCUTIDA

O último orador, foi o dr. Olívio França que começou por dizer que Afonso Costa foi ser, no seu tempo, a figura mais discutida. «Nem todos o amaram, mas certamente cercou-o uma auréola de admiração geral, ainda que em muitos casos, essa admiração fosse traduzida no qualificativo de tipo contrário que é o odio e a inveja».

E mais adiante: «Foi sem dúvida o maior obreiro da República, nos vários aspectos da mudança radical das instituições, na destruição do po-

der temporal da Igreja, e no plano da Administração, estabelecendo regras financeiras, que facultando um verdadeiro equilíbrio orçamental, criou as bases para as profundas reformas económicas e sociais que estavam no espírito da revolução».

E terminou: «Seja como for este fundo condicional de como a História decorrerá dá-nos a medida da grandeza do grande estadista; quando se pensa assim de um homem é porque esse homem era alguém».

Para nós portugueses sentimos que ele foi, sem dúvida, a figura mais saliente da História portuguesa destes últimos 50 anos. E a altura da sua memória ser perpetuada em qualquer recanto de Portugal, numa expressão de estatutário evocativa, já que pululam nos jardins de província e de cidades homens dos quais não resta memória nem do que foram nem do que fizeram».

Foram depois lidos telegramas enviados por republicanos que não puderam estar presentes mas quiseram daquela forma associar-se à homenagem.

Em nome da família do homenageado agradeceu o dr. Fernando Costa que disse calar bem fundo no coração de todos aquela homenagem.

E com o hino, vivas à República, à Democracia e à Liberdade, terminou, poucos minutos depois da meia-noite, esta sessão que tão cedo não se apagará da memória de todos quantos a ela estiveram presentes.

## Portugueses e brasileiros numa associação para a construção civil

Dando expressão ao espírito que, especialmente nos últimos tempos, tem norteado a Comunidade Luso-Brasileira, acaba de ser assinado no Rio de Janeiro um contrato para a constituição de um consórcio entre as firmas Imobiliária Construtora Grão Pará, SARL, e Ecel-Escritório de Construções e Engenharia, S. A.

Pela Sociedade Portuguesa outorgaram o Embaixador Negrão de Lima e D. Fernando Pires da Silva, sendo a empresa brasileira representada pelo eng.º Janos Justus e Fernando Paes da Silva.

Na celebração do contrato, foi posto em realce o ambiente de franca colaboração que havia presidido a todas as conversações que conduziram à sua assinatura.

Foi igualmente salientado o muito que haveria a esperar da união das duas empresas, das mais representativas nos respectivos países. Na verdade, a Ecel tem em execução obras no valor de dois milhões de contos, tendo já construído as seguintes unidades hospitalares: Hospital do Servidor Público, em S. Paulo, com 1200 camas; Hospital D. Pedro II, em Santa Cruz, com 500 camas; Instituto de Dermatologia, o maior de toda a América Latina; Hospital Psiquiátrico Infantil de Franco Rocha; participação no Consórcio que está a construir o Centro Médico da Cidade Universitária, na ilha do Fundão, com 3000 camas. Actualmente está a construir os metropolitanos do Rio de Janeiro e de S. Paulo; prolongamento das docas de Santos, e a Usina Atómica de Angra dos Reis.

Por seu lado, a Grão Pará

## NOTAS POLÍTICAS

### AS RESTRIÇÕES À EXPORTAÇÃO

«As exportações portuguesas têm sido prejudicadas pela falta de soluções satisfatórias em matéria de cláusulas de salvaguarda e estão ameaçadas no seu progresso, se a situação se mantiver.» — sublinhou o secretário de Estado do Comércio, dr. Vaz Pinto, ao intervir nos debates da reunião ministerial da O.C.D.E., que está a decorrer em Paris.

Referindo-se às condições em que as medidas de salvaguarda podem ser introduzidas e mantidas, aquele membro do Governo afirmou mais adiante:

«O conceito de desorganização de mercados, frequentemente invocado para aplicar essas medidas, tem-se prestado a interpretações abusivas. Para conseguir um regime mais satisfatório do que o que tem estado em prática não deveria, ser suficiente invocar, como motivo para a aplicação das cláusulas de salvaguarda, o aumento rápido das importações e o facto de as importações serem feitas a preços mais baixos do que os da produção interna. Deveria ser necessário também que se demonstrasse a existência ou a ameaça de prejuízos graves para os produtos do país que pretende a protecção.»

que acaba de construir na Madeira, um hotel de luxo de 320 quartos, tem já em construção os Holidays Inns de Vilamoura e do Estoril, iniciando ainda este ano a do Holiday Inn Lisboa, tendo recentemente contratado a construção de mais dez hotéis para aquela cadeia hoteleira, a maior do mundo. A Grão Pará cuja construção data de 1960, tem vindo a dedicar uma especial atenção ao sector de Turismo, acompanhando deste modo o desenvolvimento da actividade turística em Portugal. Assim, para além de haver construído para as Caixas de Previdência o Bairro da Apeiação, construiu também, dentro daquela orientação, complexos turísticos no Algarve e na ilha da Madeira que montam já a alguns milhares de camas.

No Algarve, entre outras, foram por ela construídos o Motel Alagoa, o loteamento Solférias, restaurante Boteco, etc.

Na Madeira, cuja primeira fase já em exploração, dispõe de 2200 camas, foram também construídos, uma piscina olímpica, um restaurante subaquático, um Clube de Bridge, um Centro Comercial de 5 pisos o maior do País, bares, restaurantes, boites, mini golfs, court de ténis, etc.

Este empreendimento, a cidade turística da Madeira, que, quando completo, terá 4500 camas, dispõe assim, desde já, as indispensáveis infra-estruturas para que estão na base de uma moderna exploração turística.

A Grão Pará construiu ainda o Autódromo do Estoril que ficará a constituir o maior empreendimento turístico desportivo do país.



mesa  
redonda

# "PROSAS POLÉMICAS" O ENSINO PRIMÁRIO E AS SUAS DESVENTURAS

Se é preciso termos uma expressão exacta, e não apenas formal mas ainda psicológica, de como entre nós se encara a educação do povo, basta ver o conceito em que é tida a função de mestre-escola entre as chamadas «pessoas respeitáveis». Não se resiste.

Ninguém ousaria negar que entre nós o burguês respeitador encara o professor de ensino primário na sociedade como mesquinho intruso, tipo importuno que tem de aturar fatalmente, tal como a gente endinheirada tem de aturar os parentes pobres, um ser que à falta de engenho ou préstimo para outra coisa mais útil e lucrativa não teve outro remédio do que entregar-se ao ensino das primeiras letras, a fim de não morrer à míngua.

Na opinião deste burguês o mestre-escola ocupa na escala social uma categoria inferior, uma função subalterna, enfezada, completamente apagada,



sem brilho, sem visível importância, sem qualidade alguma que o imponha à consideração da sociedade respeitável, à estima da juventude e, sobretudo — e isso é basilar para qualquer burguês — sem coisa al-

guma que o imponha à magnanimidade e à rutilante munificência dos egrégios senhores, fibrosamente nutridos.

Se alguém porventura lhe chama a atenção para o professor natural e humilde, que passa ensimesmado, no meio da indiferença e desdém da turma, a contos com o momentoso problema da instrução popular, será certo encolher os ombros ou um gesto de desdém e de enfado, e ouvir exclamar displicentemente:

— Coitado! Tenho muita pena deles. Que há-de a gente fazer-lhe!...

Mas passe por esse mesmo burguês um professor do ensi-

no secundário e ver-se-á como o caso muda de figura. O referido servidor já leva então timidamente a mão ao chapéu, no esboço de um constrangido cumprimento, porque, sempre é bom saber-se que o sujeito é, pelo menos, tratado por «doutor» e isto de doutor é título da maior circunspeção nesta amável Doutorolândia.

Porém, se logo a seguir o nosso impudente burguês da melhor cepa conformista avista um professor catedrático, então entra logo nos delírios do êxtase.

Em resumo, perante o professor de ensino primário o

[Continua na página seis]

## II Colóquio da Construção

Muitos dos graves problemas que afectam o sector da habitação em Portugal vieram a lume no II Colóquio Nacional da Indústria da Construção que hoje se encerra em Lisboa. O volume das construções durante o ano de 1971 atingiu o montante de mais de vinte milhões de contos, de que foram gastos em obras públicas cerca de vinte por cento. Perto de dez milhões de contos foram gastos na construção de habitações. O produto bruto criado pela indústria da construção só é ultrapassado pelo que é formado no sector do vestuário e calçado e pelo conjunto dos produtos industriais, metálicos, industriais e mecânicos. Em percentagem calcula-se que a construção representa mais de cinco por cento do Produto Nacional Bruto. Tudo isto que é muito importante, não resolveu o problema da habitação, cuja crise se tem agudizado. O sector privado, mesmo que no colóquio tenha sido provada a baixa rentabilidade dos investimentos na construção, tem revelado um relativo desenvolvimento, embora outras actividades permitam maiores lucros para o investigador. A construção é praticamente reservada ao sector privado, não sendo de admitir que os investidores se arrisquem sem probabilidades de lucro. Se ainda é possível observar que um quinto das famílias portuguesas não tem habitação condigna, então a crise assume aspectos de problema nacional, que dado o fraco rendimento das famílias só poderia ser resolvido pelo sector público. No entanto as possibilidades do sector público para resolver o problema foram postas em causa no Colóquio, à base de argumentos que não adianta ignorar. Algumas das comunicações do Colóquio mereceram a nossa atenção e delas apresentamos um breve recorte na página doze deste suplemento.

## OS "ATRASADOS" DO ULTRAMAR

A questão das transferências dos dinheiros do Ultramar tem criado situações melindrosas a várias empresas metropolitanas, de que se faz eco o «Notícias de Guimarães» do passado dia 21, transcrevendo uma carta dirigida ao Presidente do Conselho pelo sr. José Maria Machado Vaz, sócio-gerente da firma A. Pimenta Limitada. As passagens mais importantes dessa carta são as seguintes:

«Ao expor a V. Ex.<sup>a</sup> o problema dos «atrasados», na minha carta de 6 de Outubro do ano findo, designando-o de «Problema gravíssimo», como na realidade é, estava já consciente de que a minha firma A. Pimenta Limitada, era uma das principais vítimas do sistema de pagamentos determinado. Neste momento, continua

esta minha principal organização a ter cativos milhares e milhares de contos pagos pelos meus clientes de Angola e de Moçambique e pendentes somente de cobertura oficial.

«A situação era insustentável» — dizia V. Ex.<sup>a</sup> num cartão que amavelmente me escreveu a propósito de uma minha carta anterior. E por isso



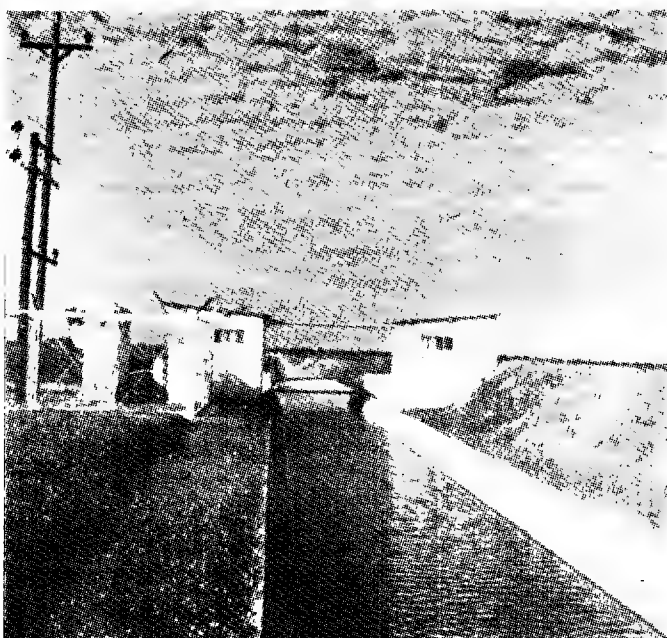
se legislou de harmonia com o que entenderam ser a melhor via de solução. Pois permito-me agora repetir essas palavras para traduzir fielmente a situação criada àquela minha firma com tal sistema: a situação é insustentável! Insus-

tentável e ruínosa, pois em 1972 paguei milhares de contos de juros, continuando a pagar este ano e, por este vicioso andar, não sei quando isso terminará. Quem pode com esta situação? Quem aguenta semelhante pesadelo? O caso é muito grave, senhor Presidente do Conselho.

Cumpr-me acrescentar que tal sistema de pagamentos tem ainda o defeito de, na sua forma inflexível e mordaz, ser mais hostil a uns do que a outros.

Efectivamente, em 21 de Outubro do ano transacto, quando da tomada de posse do senhor governador geral de Angola, S. Ex.<sup>a</sup> o sr. ministro do Ultramar

[Continua na pag. oito]



## OS LAVRADORES E A REGA DO ALENTEJO

A rega do Alentejo e a cultura de sequeiro têm levantado bastante polémica, não só entre os técnicos mas também entre os lavradores. As barragens são poucas e não estão a ser bem aproveitadas, a reconversão agrícola não progrediu e, daí, os problemas levantados nesta polémica pelo lavrador José Pelinho Cegonha, a quem o eng. José Hipólito Raposo, como presidente da Associação Central da Lavoura, responde num artigo que publicamos na página três.

ROQUE LAIA E AS RENDAS DE CASA (pág. quatro)

# assim vai o mundo

## COMUNISTAS CLANDESTINOS NA POLÓNIA

Escreve o correspondente de «Le Monde» em Varsóvia: «Se muitas coisas mudaram na Polónia, com a subida ao poder de Gierk — e, em geral, de um modo positivo — o gosto dos polacos pelas intermináveis discussões sobre assuntos políticos de que a Imprensa não fala, esse não mudou».

Ora, escreve B. Marguerite, um dos temas mais largamente debatidos (em privado) é o do confronto entre as autoridades e os militantes do K. P. P. (partido marxista-leninista clandestino, de «tendência maoísta»), luta aberta há cerca de 18 meses e que endureceu nos últimos tempos. Este partido receberia apoio da Albânia, onde estariam refugiados al-

guns dos seus dirigentes. Teriam sido presos numerosos militantes da organização e, pelo menos um deles, condenado à morte.

A Imprensa não publica nenhuma informação sobre esta luta nem sobre os motivos das condenações pronunciadas.

## O QUE FUMAM OS ESPANHÓIS

Em 1971, os espanhóis reduziram a fumo e cinzas cerca de 59 mil toneladas de tabaco em rama. O que, em termos de despesa, equivale a 31 milhões de pesetas. O grande beneficiário é naturalmente o fisco: 17 milhões de pesetas, entre impostos de tabaco e de importação. O outro beneficiário é a companhia concessionária — Tabacalera, SA —, sociedade mista, cujos divi-

dendos são substanciais.

Os estudos de mercado realizados pela Tabacalera S. A., dizem que 50 por cento da população adulta fuma: os homens fumam quatro vezes mais que as mulheres, os menores que quarenta mais que os maiores de sessenta anos, os «ricos» mais que os «pobres». Feitas as contas, fumam 80 por cento dos homens adultos e 15 por cento das mulheres adultas e, em termos de quantidade, uma média de 20 cigarros por dia. Com mais de 2 maços por dia, 300 mil pessoas. Outro pormenor: o tabaco negro tem absoluta preferência, 91,9 por cento dos fumadores; o filtro é preferido por 68,3 dos consumidores.

A Tabacalera S. A. (concessionária monopolista) ocupa 61 por cento do mercado da produção espanhola, deixando 39

por cento do mesmo ao tabaco das Canárias. A importação de cigarros estrangeiros (americanos) corresponde a 5 por cento do consumo nacional. Há ainda a registar 28 milhões de charutos consumidos — 24 provenientes das Canárias, 4 de Cuba.

## CONVITE ÀS MULTINACIONAIS

O Governo espanhol faz o balanço do ano industrial de 1972. Regista-se um forte incremento em relação aos anos anteriores, de relativa estagnação. O produto industrial bruto cresceu à taxa de 10,70 por cento, aumentando os investimentos industriais em cerca de 15 por cento: destacam-se três sectores em que os investimentos aumentaram espectacularmente — construção (52 por cento), química (37,5 por cento), material de transporte (35 por cento). Tractores, carros de turismo, motocicletas, pasta para papel são

os produtos que conheceram mais forte expansão.

Os preços de produtos industriais cresceram cerca de 6 por cento, a produtividade 9,2 por cento, o que, afirmam as autoridades, neutraliza as subidas dos salários. A mão-de-obra industrial aumentou cerca de 2 por cento.

Os investimentos estrangeiros, superiores a 50 por cento do capital social, atingiram mais de 8 mil milhões de pese-

tas, o que corresponde a um aumento de 24 por cento. Acentuou-se igualmente a concentração empresarial — 38 empresas integraram 94 (em 1971, 19 e 47, respectivamente). O Governo estuda o modo de intensificar tanto a concentração como o investimento estrangeiro, de modo a que a electrónica e a informática se sucedam ao automóvel. Pode falar-se duma política de incentivo à implantação de empresas multinacionais.

## SALÁRIO

«Os operários africanos da empresa construtora de automóveis British Leyland foram aumentados em 30 por cento, desde Abril passado. Nenhum deles ganha, agora, menos de 46 libras por mês, o mínimo estrito para uma família de 5 pessoas. A principal resistência vem dos sindicatos «brancos», inquietos com a redução do fosso, no entanto enorme, entre os seus salários e os dos negros». A notícia é da responsabilidade do «Economist», porta-voz do mundo de negócios britânico. A cena da notícia não é a Inglaterra, mas naturalmente a União Sul Africana.

Prossegue o texto: «Na British Leyland, só um operário especializado negro pode formar um aprendiz africano, o que limita as possibilidades de promoção e de salários. É muito difícil o recrutamento de operários negros semi-qualificados e a maior parte da

mão-de-obra não branca da empresa é composta por mestiços. Na Unilever, que tem a reputação de praticar uma certa política de integração racial, tem um quadro de directores africanos entre 464, não se encontrando nenhum branco entre os mil trabalhadores mais mal pagos».

O aumento de salários dos trabalhadores negros, na sequência das greves de Durban e do escândalo levantado na Brã-Bretanha pela divulgação das remunerações que as empresas inglesas pagavam na África do Sul, não deixou de preocupar alguns accionistas europeus: «Os lucros da Courtyland-Africa do Sul foram reduzidos a metade, em virtude do excepcional aumento dos salários africanos, que agora ultrapassam em 15 por cento o limiar da pobreza: isto é, permitem a uma família não apenas sobreviver, mas também pagar uma parte dos custos da escolaridade, alguns cuidados médicos, equipamentos domésticos e outros «luxos».

## A PRODUTIVIDADE DUM ESCRITÓRIO DEPENDE MUITO DA FORMA COMO ESTÁ EQUIPADO

Independência e economia em todos os seus impressos com o sistema de duplicação «OFFSET»

**RICOH**

A rapidez do cálculo electrónico

**RICOMAC**

A segurança e fidelidade dos fotocopiadores electrostáticos

**BELCOPY**

**BELTRÃO COELHO, LDA.**

LISBOA-PORTO

PARA UM ESCRITÓRIO ACTUALIZADO



## ENTUSIASMO BELGA

O entusiasmo revelado pela Câmara do Comércio Belga em Portugal, embora não traga surpresas sobre as vantagens que os capitais estrangeiros encontram no nosso país, é bem sintomático do ritmo crescente de investimento e do aumento das transacções que afectam a nossa balança de pagamentos. No número de Março do Boletim da Câmara, transcreve-se o discurso do presidente da comissão de administração, sr. E. Michez, que dá conta de terem sido feitas ao longo de 1972 nada menos de 456 propostas de negócios, «um movimento sem precedentes». Como era de esperar, é muito maior o número de propostas de exportações belgas (283) do que portuguesas (173). Trinta por cento das primeiras e 45 por cento das segundas vieram a traduzir-se em negócios concretos. O sr. Michez considera que este resultado é encorajador e paga o trabalho e o dinheiro gasto pela Câmara de Comércio para desenvolver as relações comerciais.

No corpo do relatório anual diz o presidente: «Portugal empreendeu há alguns anos em esforço de industrialização que tem sido favorecido pela possibilidade de investimentos estrangeiros». E depois de referir que esta política recebeu gran-



de impulso depois de 1970, concretiza que neste momento os capitais estrangeiros participam no financiamento de 375 empresas na metrópole e de 75 ultramarinas, anunciando-se perspectivas de intensificação com anunciada construção das auto-estradas, do aeroporto do Montijo, da petroquímica e porto de Sines, da central térmica de Setúbal, da ampliação do aeroporto de Faro, etc. Refere depois o relatório do presidente que a Câmara mantém os seus membros belgas ao corrente destes projectos, em ordem a conseguir a introdução da técnica e dos materiais belgas, ao mesmo tempo que desenvolve uma campanha de informação de todo o material belga susceptíveis de interessar os construtores portugueses.

Um parágrafo especial é dedicado a Angola, onde foram conseguidas em pouco tempo, cerca de vinte propostas de negócios.

No mesmo número do boletim, cita-se o Decreto-Lei N.º 481/72 de 28 de Novembro de 1972, que reduz a lista das indústrias cuja instalação em Portugal requer uma licença prévia. «Trata-se de mais um passo para a libertação da indústria portuguesa das veias administrativas e burocráticas». Segue-se a lista das indústrias condicionadas a licença estatal.

## SEM BARCOS NO TEJO

Em 1972, entraram no Tejo menos 191 navios que em 1971, o que correspondeu a uma diminuição do número de passageiros embarcados (9875), desembarcados (2377) e em trânsito (29620). Quanto

à origem dos barcos comerciais que tocaram Lisboa (3945) verifica-se que, logo a seguir às entradas de barcos nacionais (1616), aparecem destacados os navios da Alemanha Ocidental (892 entradas). Seguem-se a Noruega (309), Panamá (213), Suécia (187), Libéria (186), França (157), Polónia (82) e EUA (76).

No relativo a iates de recreio (259 entradas) os ingleses estão na vanguarda com 76 unidades, seguidos por americanos (42) e alemães (41).

Passando do recreio para a guerra, cabe aos americanos a primazia: dos 73 barcos de guerra que estiveram no Tejo, 23 eram americanos, seguindo-se ingleses, brasileiros, espanhóis e franceses.

No campo, mais modesto, das carreiras entre as duas margens, um dado a destacar: 48 interrupções de tráfego, devido a nevoeiro e agitação do rio.

## ESCOLAS SEM PROFESSORES

Um aviso publicado no Diário do Governo de 1 do corrente, II série, dá um quadro dos lugares vagos em escolas do ensino primário elementar. Trata-se, naturalmente, de lugares em zonas rurais. Tal quadro constitui um pequeno índice da situação de largas zonas do país que, despovoadas ou não, oferecem condições de vida e trabalho cada vez mais duvidosas. Segundo o apanhado feito pelo «Diário de Coimbra», referente aos distritos escolares das Beiras, há 19 lugares vagos no distrito de Aveiro, 23 no de Castelo Branco, 21 no de Coimbra, 25 no da Guarda, 53 no de Leiria, 25 no de Viseu.

# DICIONÁRIO JURÍDICO-FISCAL

4.000 PÁGINAS DE INFORMAÇÃO. PRATICAMENTE UM CONSULTOR FISCAL NA SUA EMPRESA  
UMA OBRA QUE NÃO ENVELHECE PORQUE SERÁ ACTUALIZADA BIMESTRALMENTE  
PELA EQUIPA DE TÉCNICOS QUE A ORGANIZOU

JORNAL DO FUNDÃO, EDITORA — FUNDÃO

# OS LAVRADORES E A REGA DO ALENTEJO

Exm.<sup>o</sup> Senhor Director:

O vosso leitor senhor José Peixinho Cegonho, publicou em 5 de Maio passado, inicialmente no «Diário do Alentejo», algumas queixas do funcionamento do sistema de rega do Mira onde é agricultor-rendeiro, dando conta dos prejuízos que lhe causou.

Na mesma ocasião criticava os seus colegas lavradores dos «barros» (a quem chamava os grandes «agrários») por se oporem à construção de obras de rega (sem indicar no entanto quem são), louvava a construção de mais barragens, que deviam ser «devidamente planeadas» e indicava algumas culturas no seu entender viáveis (para os outros fazerem). Tecia também grandes elogios ao regadio de Badajoz e à colónia agrícola de Pegões.

Não deixamos de muito lamentar o que lhe sucedeu e os prejuízos que teve levando essa crítica aos seus colegas agricultores (que lhe ficava aliás muito mal) em conta do estado de espírito em que se encontrava. Quem está em má situação económica é levado muitas vezes inconscientemente — a criticar quem se encontra em melhor situação, neste caso os agricultores das terras melhores: «os barros». Por isso pensamos que não valeria a pena intervir.

Todavia, verificamos que não se tratava de simples desabafo e que essas considerações vinham sucessivamente a ser publicadas no «Diário de Lisboa» (dia 11), «Notícias da Amadora» (dia 12) e «República» (dia 15), e, por isso, o sr. J.P.C. pretendia larga difusão das suas opiniões.

Então resolvemos tentar esclarecê-lo, e aos leitores, e defender os seus colegas agricultores de acusações injustas.

Em carta já publicada no «Diário do Alentejo» de 19 de Maio, e no «Diário de Lisboa» de 5 de Maio, mostrávamos que infelizmente o caso do sr. J.P.C. não era único e que havia muitos outros prejudicados pelo mau funcionamento e construção das obras de rega, procurávamos mostrar também que para novas culturas que entusiasticamente aconselhava (aos outros) não vislumbrávamos um futuro promissor.

Estranhávamos que desse como única solução para os múltiplos problemas dos regadios (que não são constituídos, infelizmente, apenas pelas faltas, por perda, de água para regar) a construção de mais barragens.

Indicávamos-lhe alguns elementos acerca da inaptidão dos solos abrangidos, da falta de opções de culturas, da insegurança de certos mercados para que, embora desejando louvar a intenção do governo em fazer obras de rega, não se limitasse a louvar por louvar (como fazem tantos outros em última análise responsáveis pelo insucesso de muitas obras) podendo fundamentar o seu desejo de obras devidamente planificadas.

Não o quis assim entender e faz novas considerações nesse jornal que nos obrigam a nova resposta que faremos o mais sucinta possível, para não abusar do vosso espaço e da paciência dos leitores.

## PARA QUE SERVE A ASSOCIAÇÃO DA AGRICULTURA

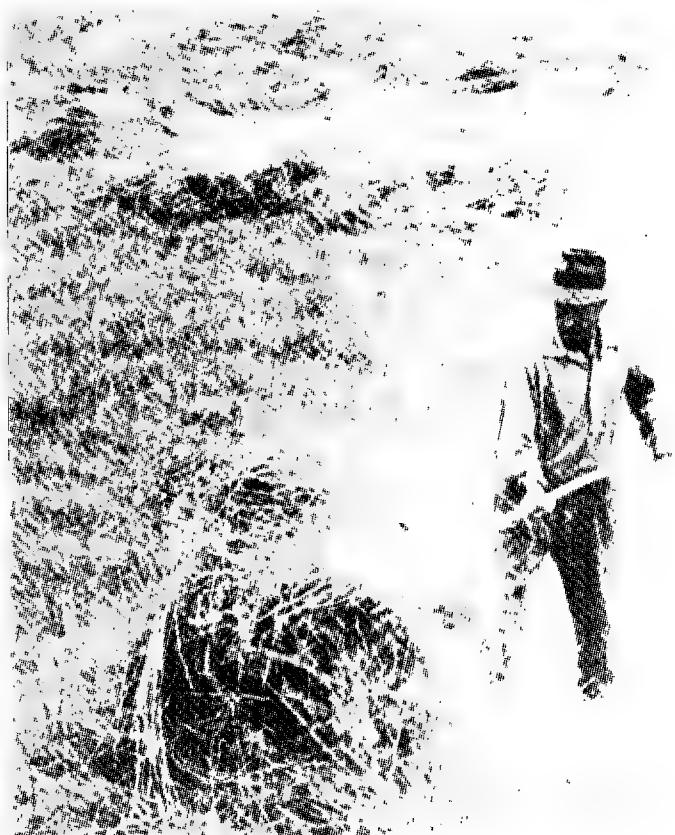
1.<sup>o</sup> O sr. J.P.C. nessas novas considerações pergunta quem é a Associação Central da Agricultura Portuguesa que tem «por fim esclarecer ideias e apresentar os pontos de vista dos agricultores». Talvez a razão dessa pergunta esteja no facto do primeiro jornal onde o seu artigo foi publicado aparecer apenas as nossas iniciais e ao facto dos jornais omitirem acidentalmente, nas nossas intervenções, a designação deste Gabinete de Imprensa que tem essa função específica. Como é natural a nossa Associação tem diversas outras funções podendo resumir-se todas elas na defesa dos interesses dos agricultores sem preocupação ou filiação política. Fundada em 1860, durante a Monarquia Constitucional e ao mesmo tempo que as suas congéneres europeias actuais, prosseguiu com o seu papel durante a República Democrática (começando a agregar os Sindicatos Agrícolas e outras associações agrícolas que entretanto se iam forman-

do) e continuando-a na República do Estado Novo. E difícil numa simples nota fazer toda a sua história. Diremos apenas que a ela pertenceram em todas as épocas os nomes mais ilustres da agricultura e das ciências agrárias e que podem (e devem) ser seus associados todos os lavradores portugueses de qualquer dimensão e região do território português e todas as pessoas singulares ou colectivas ligadas à agricultura e interessadas no seu progresso. A sua antiguidade como associação livre dos agricultores portugueses, de livre filiação e de livre escolha da sua direcção constitui a sua maior força. O facto de em certas épocas ter tido pouca expansão não põe em causa o organismo em si próprio, mas os agricultores que não se filiam em grande quantidade ou a sua direcção que não os motiva suficientemente. Mas serão então ainda os agricultores que a devem substituir. Todavia, ultimamente tem tido uma entrada crescente de associados e é difícil ao menos para quem lê os jornais, desconhecer as suas intervenções em muitos sectores e especialmente através deste Gabinete de Imprensa. O sr. José Peixoto Cegonho embora ainda não seja seu associado de facto pela sua qualidade de agricultor é por tudo isto um dos responsáveis quer queira quer não pela sua Associação, porque é seu associado de direito.

## IRRIGAÇÃO IMPRODUTIVA

2.<sup>o</sup> Ora estamos ainda no nosso papel de o defender como agricultor mesmo contra sua vontade de certas afirmações que volta a fazer ou atitudes que toma. Assim, a propósito de dizermos que a lavoura não se tem oposto às obras de rega, pergunta se estaremos «a dar uma no cravo e outra na ferradura», expressão que pedimos ao sr. J.P.C. que não volte a utilizar para outra qualquer pessoa porque se arrisca a levar a resposta que um conhecido escreveu a quem lhe fazia igual acusação: que assim procedia porque esse acusador não estava quieto com o pé. Apenas nos interessa afirmar que não se encontra da parte desta Associação qualquer escrito, comunicado ou atitude que mostre ser contra o regadio e como o sr. J.P.C. diz por «defender tenazmente o sequeiro».

Por outro lado é inegável que grande parte da lavoura do Alentejo tem pedido a rega.



Os lavradores de Sequeiro não podem ser acusados de falta de água

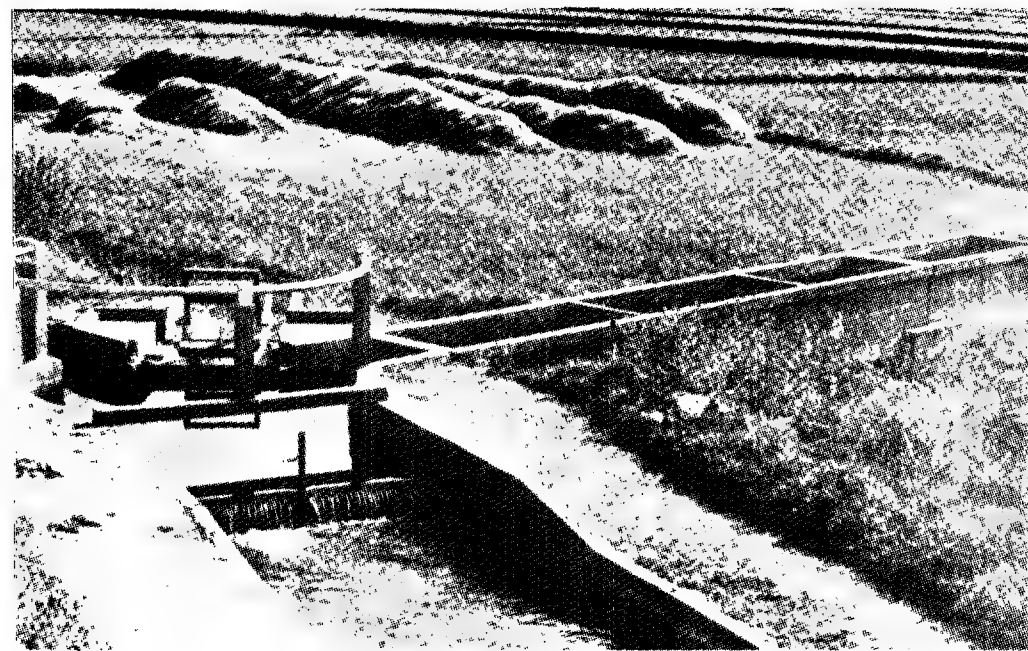
O equívoco vem do sr. J.P.C. considerar com excessiva simplicidade a cultura do sequeiro e do regadio levando-o a cometer diversos erros de raciocínio e procedimento. Assim, para ele, parece que o regadio é bom e o sequeiro mau, atribuindo-nos, por tabela, a afirmação inversa.

Nem aqueles agricultores que publicaram larga crítica ao plano de rega do Alentejo cairam em tal simplismo.

O que temos dito sempre é que as obras de rega só valem a pena quando se consegue tirar proveito dos capitais investidos.

Obras de rega em que há grandes investimentos para se ter o mesmo fraco resultado do sequeiro, ou na maioria da área nenhum resultado, como é o caso do Mira e da Idanha (este mais grave porque já dura há muitos anos) ou não se fazem ou se planeiam como deve ser. E temo-nos insurgido contra aqueles que atribuem aos agricultores a responsabilidade dessa falta de aproveitamento, alinhando nesse grupo, lamentavelmente, o sr. J.P.C.

A manutenção deste estado de espírito em nada contribuiu para a melhoria das condições do Alentejo que todos deseja-



resposta, desfazíamos a acusação aos agricultores dos «barros» dizendo que a rotação que faziam, só por mau hábito, se podia chamar monocultura como o sr. J.P.C. fazia e ao mesmo tempo mostrávamos que as últimas secas não foram felizmente tão prejudiciais. Aliás não é situação de favor

Apenas dizíamos que esse sistema não se podia generalizar porque a vinha estava condicionada (por razões demais conhecidas) por assim dizer, às regiões produtoras existentes.

O sr. J.P.C. diz que a situação de favor é daqueles que no Alentejo plantam uva de mesa para fazer vinho. Não defendemos tal situação e por isso não vem a propósito citá-la, mas ilegal. Por isso o sr. J.P.C. que sabe quem são poderá queixar-se deles, se está interessado, às entidades responsáveis.

5.<sup>o</sup> Ao dizer que a lavoura dos «barros» tem sido a mais beneficiada «graças ao apoio estatal dos subsídios à cultura do trigo» esquece-se que o subsídio de cultura foi o nome burocrático que se chamou à actualização do seu preço que beneficiou todos e que em face dos custos de produção e dos preços de outros países até já está desactualizado.

Parece por isso querer dar a entender aos leitores que haveria favores especiais para esses agricultores, quando a sua relativa prosperidade se deve apenas ao facto de terem terras produtivas embora com altos custos de lavoura e que sabem bem trabalhar.

## O TRIGO

6.<sup>o</sup> Ao citar o eng. Mariano Feio, porque a citação não está completa, parece também querer dar a entender que ele, ao indicar as nossas produções unitárias de trigo como as mais baixas da Europa, atribuiu o facto ao atraso dos nossos agricultores. Quem o tem ouvido ou lido verifica que, precisamente ao contrário, se insurge contra essa opinião e dá como razão das nossas baixas produções unitárias a nossa situação geográfica. E ao citar em paralelo as altas produções unitárias de arroz e o esmero de cultivo do tomate, fê-lo para mostrar que o mesmo agricultor quando encontra boas condições naturais de cultivo consegue também produções altas. Mas a falta de outras culturas para os novos regadios tem levado ao aproveitamento com estas duas culturas em solos impróprios sobretudo no arroz. E neste último caso as produções unitárias embora nos primeiros anos a nível razoável, não deixaram de baixar.

Mas o sr. J.P.C. por mais incrível que pareça, cita-o para apoiar a sua ideia e a sua obcecção: os lavradores dos «barros» (a quem chama «os grandes agrários») são maus e os cultivadores de regadio são bons. Na realidade devido à produtividade do solo (que nada valeria sem o esmero do seu cultivo) nos «barros» conseguem-se produções unitárias de cereais muito superiores às médias nacionais.

Por outro lado há muitos lavradores grandes, médios e pequenos «dos barros» com rega-

dios cultivados com a igual competência do sequeiro.

## TERRENOS IMPRÓPRIOS

7.<sup>o</sup> O eng. Mariano Feio ao citar o surto da cultura do tomate, não excluiu necessariamente o papel dos cultivadores de parceria do Ribatejo (de que o sr. J.P.C. pretende ser o defensor e paladino) mas também não podia excluir (como o sr. J.P.C. faz), todos os agricultores, proprietários, técnicos e industriais que pelos seus estudos e trabalhos possibilitaram também esse surto.

8.<sup>o</sup> Insistimos em reafirmar, baseados numa determinação dos nossos serviços técnicos, que no Mira, os solos de categoria A e B, próprios para a agricultura, não vão além de 2 por cento (mais precisamente 1,84 por cento) onde o sr. J.P.C., felizmente para ele, está instalado.

As cortinas de abrigo que propõe, se podem atenuar os efeitos dos ventos salgados, pouco atenuam as baixas temperaturas de Verão — um dos grandes problemas do Mira para muitas culturas. Quanto à drenagem, apoiamos a sugestão do seu estudo, sem esquecer, no entanto, as muitas centenas de contos gastos por agricultores que conhecemos em tentativas falhadas em todo o Alentejo.

## O ALGODÃO

9.<sup>o</sup> O desejo do sr. J.P.C. de cultivar algodão «desde que tenha um preço garantido» e louvável mas o problema reside aí precisamente. Não se conseguem custos de produção inferiores aos do Ultramar que estão a nível do mercado mundial. Por isso o fomento da cultura do algodão do nosso continente a preços superiores colocaria em má situação a nossa indústria têxtil nas suas exportações para o mercado mundial.

10.<sup>o</sup> Não aconselhamos a constituir um fundo, como manifestou desejo, para desmistificar a desmistificação do Regadio de Badajoz feita por Eudardo Barrenechea. Se com isto quer significar o louvor incondicional à obra, tem de graça muitos volumes editados e oferecidos pelo governo espanhol. Não gaste o dinheiro dos «seus colegas proletários» que não são seus colegas e podem não gostar de ouvir isso.

11.<sup>o</sup> Muito gostaríamos de poder continuar a examinar as considerações do sr. J.P.C. mas, por sorte dos leitores e do espaço do jornal não compreendemos algumas delas que provavelmente são bocados de outros escritos. Assim, por exemplo, quando classifica o mérito das profissões pela hora de levantar e deitar, parece pôr no fim da escala os jornalistas e os vocalistas de orquestras, os últimos, os únicos que realmente se deitam simultaneamente às cinco da manhã e roucos (às vezes).

JOSÉ HIPÓLITO RAPOSO

## FAVORES?

4.<sup>o</sup> Nada temos contra os colonos de Pegões por viverem da vinha (e dos salários que ganham nas lavouras vizinhas).

Por M: ROQUE LAIA

# RENDAS DE CASA: UM PROBLEMA GRAVE EM TODO O PAÍS



Li com atenção quanto no «Diário de Lisboa» se escreveu há duas semanas sobre

«Rendas de casa». Porque discorde da orientação geral do referido artigo, julgo ser meu dever

expressar tal discordância, a razão dela.

Em primeiro lugar, o problema não é mais grave nos arredores; antes, na cidade, as rendas sobem numa linha ascensional, vertiginosa.

O problema «é grave» em todo o território nacional, dado que Madeira e Açores sentem, também, já os graves efeitos da liberdade concedida ao mercado do arrendamento, de se consentir que, nele, a especulação campeie sem freio. Mas nos arredores onde, como digo, o problema é muito grave ainda se consegue casa por renda que na cidade não existe para casa do

mesmo número de divisões, e com área semelhante.

Daí que, ainda, muitos «fujam» para os «arredores», antes de se sujeitarem à discriminação que é a gema da barraca do bairro da lata, ou, ao tormento aflitivo do quarto alugado.

Não me recordo de ter visto que se tenha defendido o congelamento do preço das rendas somente em Lisboa.

Antes, sempre tem havido a preocupação de que se ponha travão à subida do preço delas em todo o território.

O combate contra as avaliações quinquenais tem sido

dirigido contra elas, e, não, contra elas neste ou naquele local.

É erro grave o aumento sucessivo do preço das rendas, seja onde for; é erro político, económico, humano e social.

Claro é que «aumentar» a incidência desse erro, é aumentar o erro em si próprio.

Mas, o combate a esse «aumento de erro» (concretizado no combate à ideia de estender a Lisboa e Porto o regime das avaliações quinquenais) não traduziu ... vez alguma ... a acção dele em relação a qualquer outra localidade do País.

Nunca as rendas estiveram nem estão congeladas em parte alguma do território nacional.

Pareceu-me deduzir pode ter sido erro de interpretação minha, que o articulista terá confundido «congelamento» com a inexistência das avaliações quinquenais nas habitações. «Congelar» o preço das rendas será não permitir que se arrendem casas por rendas superiores às anteriores. Em que as rendas aumentem durante a vigência do arrendamento.

Foi isto que decretou Sidónio Pais; ele «congelou» as rendas.

E isto que se não fez, ainda!

Em parte alguma do território nacional o preço das rendas de casa foi «congelado» e devia tê-lo sido, de preferência à congelação do preço das torradinhas e da lavagem dos automóveis.

Ja escrevi ... e todos o sabem que o problema habitacional, é um problema de estruturas.

Que são os arrendatários que terão de encontrar, por si, as necessárias adequadas e imprescindíveis soluções.

Mas, não se pode prescindir de alguns «remédios» imediatos, e urgentes.

Cabe ao Governo na sua função de gestor dos negócios públicos e de interesses gerais ... decretar algumas providências que tenham, por objecto, cuidar, também, dos interesses dos arrendatários.

O Estado actual proclama-se, a si próprio - Estado Social.

Logo, tem de haver uma ... «Justiça Social» ...

Mas, para tanto é necessário que o debate do problema continue, com insistências e persistências, mas, sem confusõesismos.

Não devem os arrendatários desanimar devem traçar uma linha que leve a esclarecimentos do problema e ao estabelecimento de propostas para soluções úteis.

Para isso tenho pena que no artigo em análise quando se escreveu «Rendas de Casa - Problema mal posto» não tenha havido o desenvolvimento necessário no sentido de se concretizar em que está ele mal posto, quando porquê, e como deveria ser posto.

Poder-se-ia, também, perguntar quem o coloca mal; mas, «pessoas» não interessam.

Já interessa saber a razão por que essas pessoas colocam mal

o problema.

Há hoje, quem se sirva do tema «habitação» para discursos e outras manifestações, só porque o problema tem audiência e grande ... entre a massa arrendatária.

Há, porém, no artigo em referência, uma passagem que determinou estas minhas considerações: A errada afirmação de que as rendas de casa estão sujeitas a um regime do bloqueamento apenas em Lisboa e Porto.

É absolutamente falso que exista tal bloqueamento.

Peguem-se nos anuários estatísticos, nos números que vários jornais e revistas tem tornado públicos, indague-se o preço das rendas das poucas casas que há para arrendar e verificar-se-á que não estão bloqueados em Lisboa e Porto as rendas das casas.

Não estão, e deveriam estar.

Não estão nessas localidades, e deveriam estar em todas elas.

O que em Lisboa e Porto não se consentiu foi o erro de na vigência do arrendamento o preço da renda aumentar inexorável, e fatalmente de cinco em cinco anos.

Mas, que as rendas sobem de preços, nessas duas cidades, e sobem sempre, e cada vez mais, é facto do domínio público.

Ora, desde que elas sobem, não estão os preços delas bloqueados.

Nem congelados!

O que se passa em Lisboa e Porto é que a especulação tem o campo um pouco cercado.

Especula com as novas rendas, como sucede em todo o território nacional, inventa pretextos de despejo para obter a mudança de arrendamento.

Não pode especular com o preço das habitações durante a vigência do arrendamento, como sucede erradamente nas demais localidades. Isto só!

Mas isto, não permite afirmar que as rendas em Lisboa e Porto estão «congeladas», ou, «bloqueadas».

De resto, há que atender a que as rendas das casas para fins não habitacionais (fins comerciais, industriais, colégios, escritórios, etc. etc.) estão, também, sujeitos às erradas e injustificáveis avaliações quinquenais.

Proponho-me, em artigos subsequentes, iniciar uma análise crítica ao nosso actual sistema habitacional.

Mas, não posso terminar estas minhas observações sem frisar que a razão pela qual a indústria privada controla pouco campo habitacional é porque ela sente que mais tarde, ou, mais cedo ... agrade, ou desagrade o Estado terá de desempenhar ... nesse campo ... a função que lhe cabe.

E, repare-se: ... é ainda em Lisboa e Porto ... as duas únicas localidades do território nacional onde não são permitidos os aumentos quinquenais do preço das rendas das habitações, que mais casas para habitação se constroem ...

## Comece a viver como alguns já vivem!

Este ano mesmo. Nestas férias. O silêncio repousante. O ar puro. Os livres horizontes. O espaço habitacional que convida ao relax. Uma técnica de construção com raízes na arte de viver.

Esperamos por si hoje mesmo, ou em qualquer outro dia das 10 às 19 horas.

## ALTO DA BARRA

PUBLICIT



Uma comunidade urbana-privada-autónoma e seleccionada

MERCATOR S.A.R.L. - OEIRAS - TEL. 2433590

## BILHETE DE IDENTIDADE

Nos meses de Verão, a afluência de público para obter ou renovar o bilhete de identidade costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as conseqüentes incomodidades para as pessoas. Os serviços de identificação recomendam-lhe por isso que procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

# A ESCOLA EM CRISE NA AMÉRICA

## O FIM DO MITO DA INTEGRAÇÃO

A crise em que se debate a escola na América é uma crise à escala americana.

Os problemas que se levantam nas cidades, de Nova Iorque a São Francisco, de Chicago a Atlanta, são bem, em todo o caso, aqueles que surgem agora em todos os países desenvolvidos: como organizar um ensino de massa? A escola pode democratizar a sociedade? Como reformar uma instituição pesada e anacrónica?

### RESIGNAR-SE A DESIGUALDADE

Os números alinham-se em estreitas colunas no *New York Times*. As autoridades académicas de Nova Iorque decidiram publicar os «scores» obtidos nos exames de leitura para alunos de todas as escolas primárias e secundárias da cidade. Os resultados são desastrosos: 66 por cento dos alunos novaiorquinos estão abaixo do nível normal da sua classe. O atraso é de dois meses, em média, para os alunos da segunda classe na escola elementar, um ano e quatro meses para os do nono ano de estudos (catorze anos de idade). «Ao publicar estes números quisemos atingir a opinião pública, fazer-lhe compreender que a crise do ensino é grave e que deve ser feito um grande esforço para a remediar», diz-nos um responsável pela administração escolar.

A seguir, outras cidades seguiram o exemplo. Nos «colleges» (estabelecimentos de ensino superior), devem-se organizar frequentemente cursos de recuperação: alguns estudantes do primeiro ano não sabem ler correntemente. Este problema, diz-nos, o chanceler da City University of New York, é um dos mais sérios que tem sido necessário resolver, desde que este estabelecimento decidiu a «entrada livre» (sem selecção), sobretudo para os negros ou os jovens das minorias desfavorecidas. Deste modo, na pormenorização das estatísticas publicadas pelo *New York Times*, bairro por bairro, não surpreenderá encontrar o mapa social e étnico da cidade: os resultados dos exames são geralmente bons nos bairros habitados pela classe média branca, mas catastróficos nos distritos mais pobres de Manhattan e especialmente em Harlem.

O analfabetismo não é o único sintoma da crise grave que a escola americana conhece. Há a droga e a delinquência, que tem atingido as mais inquietantes proporções. A insegurança nas escolas tornou-se um «leitmotiv» para as intervenções dos pais e dos professores. Um responsável da administração conta que, em determinada escola, os alunos não ousam frequentar as instalações sanitárias com receio de serem molestados nos corredores e que, numa outra, o pessoal administrativo receia manter-se no estabelecimento fora das horas de funcionamento. Houve necessidade de contratar guardas especiais em numerosos estabelecimentos de ensino.

Outro sinal: um milhão de alunos abandona todos os anos os estudos. Assim, mais de um quarto dos jovens americanos deixam a escola sem nenhum diploma. Um estudo do U.S. Office of Education (Ministério da Educação), mostra que eles pertencem principalmente às camadas desfavorecidas da população, que são geralmente membros de famílias numerosas ou desunidas que não inci-

### FIM DE UM MITO

Em muitas cidades americanas, o cenário é o mesmo. Em poucos anos, os professores vêem a população escolar tradicional de pequenos barcos dóceis, educados no respeito pelo trabalho e pelos valores americanos, ceder o lugar a jovens desenraizados, nada esperando dos estudos, revoltados sem esperança.

Para estes mestres, pertencentes muitas vezes, eles próprios, à pequena burguesia judaica, que venceu a sua própria miséria original graças

tam os filhos a ir à escola, que conheceram numerosos malogros escolares, têm graves difi-



culdades de expressão na língua inglesa e obedecem a normas sociais — muitas vezes editadas pelos próprios grupos de jovens — que tendem a descreditar a escola. Encontram-se, também, entre eles, muitas raparigas grávidas.

Compreende-se, a partir destes poucos dados, que a crise da escola americana não seja senão um dos aspectos da crise social que atinge os Estados Unidos, sobretudo nas cidades, há cerca de uma dezena de anos: amplitude do desemprego (12 por cento dos novaiorquinos vivem dos subsídios do desemprego) e, sobretudo, transformação de bairros inteiros das grandes cidades em gigantescos «ghettos», aonde se amalgama a miséria material e cultural dos negros e dos porto-riquenhos transplantados de fresco. Em 1958, havia 15 por cento de crianças negras e porto-riquenhas em Nova Iorque; eram 52 por cento em 1971. Em 1968, contavam-se em Atlanta (Geórgia) 42.400 alunos brancos e 68.600 negros; em 1971, os primeiros não eram mais do que 21.800 e os segundos 73.100. Em Chicago, o número dos alunos brancos passou, de 1969 para 1971, de 237.000 para 188.000, ao passo que os negros aumentaram de 312.000 para 320.000 e os porto-riquenhos de 29.000 para 65.000. Detroit, Chicago, São Luís, Baltimore, são cidades negras em mais de 80 por cento; Washington, em 94 por cento.

Esta miséria dos «ghettos», encravados no coração das cidades como um cancro, torna-se patente nos seus bairros devastados, nesses prédios sem ladrilhos, nos muros esventrados, nas ruas repletas de porcaria e entregues aos bandos de delinquentes, como se toda uma comunidade se dedicasse desesperadamente a destruir os seus parques bens, a destruir a sua própria alma. É neste universo que vivem entre si e crescem as crianças. Que sentido tem, para elas, a escola? Uma escola cujos mestres não mudaram, espectadores impotentes de uma dramática metamorfose? à promoção escolar, o choque é terrível, a incompreensão pa-

tética. O que aprenderam já não lhes serve para nada, o que «funcionara» com gerações de alunos, volta-se agora contra eles. Os jovens rejeitam em bloco o ensino e o professor, recusando o que lhes deve permitir fugir à sua condição. Renunciam a entrar no jogo americano da promoção individual, pelo esforço e pela integração social.

Perante este malogro, toda a América se interroga: pode a escola contribuir realmente para eliminar as desigualdades sociais, como se acreditou durante tanto tempo? Até agora, era admitido sem reservas que a sociedade dá a cada cidadão, qualquer que seja a sua *soory Miseducation*, «as escolas

posição de partida, oportunidades iguais de se elevar na hierarquia social, pela educação e pelo diploma, e que o êxito é a sanção natural da aptidão e da vontade. Estes princípios vacilam. De todos os lados, as críticas chovem sobre uma instituição que era um dos fundamentos da democracia americana. A crise da escola é, em primeiro lugar, uma crise de confiança da América para com a sua escola.

Tudo isto começou pelas acusações virulentas lançadas por pedagogos progressistas contra a instituição escolar no seu conjunto, considerada como opressiva, ineficaz, adversária da criatividade individual e toda ela orientada para o condicionamento ao conformismo social. Há mais de dez anos, Paul Goodman, sublinhava «o papel antieducativo» da escola. «Para os muito jovens», escrevia em *Compul-*

toma a seu cargo demonstrar que a escola, de facto, tem pouco efeito sobre as desigualdades intelectuais, familiares, étnicas, económicas ou sociais. Por outras palavras, quaisquer que sejam os métodos, os programas, os ensinantes e os meios postos à sua disposição e da escola, os resultados não variam nada: encontram-se, à saída da escola, quase intactas, as desigualdades da entrada. Nenhuma reforma do ensino pode pretender remediar de maneira sensível este estado de coisas. O seu único objectivo pode ser tornar o sistema escolar mais atraente, a fim de que a vida aí seja o mais agradável possível, para os alunos e professores.

### A REVOLTA DO CONTRIBUINTE

Porém, se a escola é ineficaz a este ponto, para que consagrar-lhe tanto dinheiro? Assim, por uma inesperada convergência, as críticas e as investigações dos «progressistas» levam a água ao moinho dos conservadores que acham que, decididamente, a escola custa muito caro.

Este sentimento nasce tanto mais facilmente quanto é certo que as despesas com a educação são assumidas, na sua grande parte, pelos Estados ou pelas colectividades locais. São objecto de um voto e são financiadas por um imposto sobre a propriedade. Não estão, portanto, «incluídas» na massa do orçamento do Estado, como acontece em França (e, também, em Portugal, N. do T.), mas directamente suportadas pelo contribuinte. Ora, este tem tendência para se revoltar e recusar votar os aumentos ou os empréstimos que seriam necessários para empreender reformas. Distó resulta, em numerosas cidades, uma grave crise financeira.

A administração escolar de Filadélfia tinha, na última abertura das aulas, 52 milhões de dólares de dívidas, e a cidade teve de fazer votar um empréstimo especial para as eliminar. Em Detroit, o défice era de 80 milhões de dólares, e a cidade encarou a possibilidade de encerrar as 300 escolas durante três semanas. Em vários Estados, foi necessário dispensar professores, suprimir disciplinas e horas de aulas, reduzir as despesas de funcionamento e de equipamento.

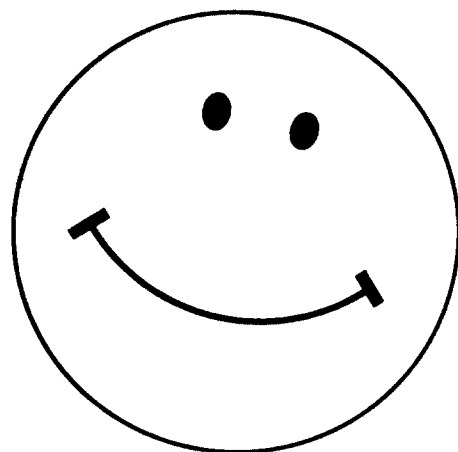
A estes dificuldades conjunturais acrescentam-se outras, que têm um carácter permanente, decorrentes das grandes disparidades de financiamento entre os Estados, e, no interior dos Estados, entre as cidades. Determinando cada colectividade, por si só, os créditos que quer consagrar à educação, as despesas médias por aluno variam enormemente: de 500 dólares no Alabama a 1.500 dólares no Estado de Nova Iorque. As variações são da mesma ordem, de uma para outra cidade de um mesmo Estado, às vezes até, de uma cidade para os seus arredores. No Massachussetts, o distrito mais rico tem dez vezes mais dinheiro do que o mais pobre; no Illinois, vinte vezes mais; em Nova Iorque, oitenta e quatro vezes mais; no Kansas, cento e oitenta e duas vezes mais...

Esta situação, particularmente chocante, é frequentemente denunciada. Os Supremos Tribunais de vários Estados, declararam-na contrária à construção, argumentando que ela introduz uma discriminação entre as crianças, fazendo depender a qualidade de educação que recebem da fortuna de seus pais. Todavia, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos acaba de decidir de forma diferente. Um trabalhador mexicano-americano da Santo António no Texas, pai de três filhos, Demétrio Rodriguez, havia-se queixado de que as escolas do seu bairro pobre tinham muito menos dinheiro do que as do bairro rico. Os juizes federais deram-lhe razão e concederam dois anos ao Estado do Texas para resolver a situação. Porém, o Texas, apoiado por trinta outros Estados, apelou junto do Supremo Tribunal: este declarou que a educação «fundamental» garantida pela Constituição, e que esta, portanto, não fora violada.

O presidente Nixon havia anunciado, em Janeiro de 1972, que o governo federal votaria somas importantes para auxiliar os Estados a modificar o sistema de financiamento e a igualar as despesas de educação. Porém, esta proposta «revolucionária» ficou-se pelo projecto... É preciso resignar-se à desigualdade...

**A SEGUIR:**  
**O Ensino Público Pertence ao Público**

## NEGRITAS GIGANTE



o bom gigante

# "PROSAS POLÊMICAS"

por  
CALVET  
DE  
MAGALHÃES

Continuação da página um

burguês, respeitador, passa como cão por vinha vindimada; perante o professor secundário, já bosqueja um leve gesto de atenção, mais pelo receio de que lhe reprove os filhos do que pelo reconhecimento da sua função pedagógica; mas perante a **lentência**, perante uma dessas sumidades de cátedra que esmaltam o anedotário, esse burguês tão néscio como desprovido de dignidade cívica, perde por completo as estribeiras do decoro, e cai muito simplesmente de cócoras.

Ora num povo onde se dão destas mostras de geral inconsciência, o problema da instrução primária não é provável resolver-se normalmente como todos os problemas sociais, porque se apresenta como questão quase sem solução possível.

Como motivar em semelhante gente **educação cívica**, dignidade humana, quando mesmo esta foi quase deliberadamente suprimida da escola primária e, não havendo educação cívica, como será possível levá-la a compreender o respeito e a consideração devidas àquele que é o primeiro mestre na vida da criança, e a tê-lo no mesmo elevado conceito de que goza nos países mais cultos do mundo?

Como desarraigar da cabeça de tantas criaturas o desdém que manifestam pela função de professor de ensino primário, fundamental para o futuro civilizado do país?

## O PROFESSOR VENERADO

Para oferecer ao leitor uma ideia realista do que nos distancia doutros povos, acode-me agora à recordação um dos episódios mais convenientes que ouvi de meu pai, de tão larga e intensamente existência vivida no mundo todo. Encontrava-se meu pai, de uma vez, numa cidade ao Sul da Suécia, quando um saudoso amigo o convidou a assistir a uma simples mas expressiva cerimónia que se realizava noutra cidade não muito distante, a inauguração de um belo busto de Ibsen, o grande autor dramático norueguês que nos deixou **Peer Gynt** e a **Casa de Boneca**.

Pouco depois de chegados, parava na estação o comboio que conduzia o rei. Este, logo que desceu, apertou a mão àqueles que o aguardavam e dirigiu-se ao automóvel que se pôs em movimento, seguido de muitos outros, formando cortejo em cujo couce seguimos, através de largas avenidas. Tudo decorria com simplicidade, como numa festa grande de família unida e tranquila, a gente que transitava pelos passeios parava, por vezes, saudava o soberano e este correspondia às saudações com singeleza, naquela acentuada calma de disciplina cívica livremente aceite, como é próprio de todas as sociedades cultas.

A certa altura meu pai vê, surpreendido, o carro do soberano parar, este apeia-se e dirige-se ao encontro de um homem respeitável, trajado impecavelmente de sobrecasaca preta e chapéu alto, que aguar-

dava à porta de uma escola a visita do rei, rodeado de um cento de crianças.

Esse homem era o decano dos professores de ensino primário da cidade, a única autoridade que, segundo o costume, não ia aguardar o monarca para cumprimentá-lo como todas as outras autoridades e personalidades notáveis da terra, mas aquela que recebia os cumprimentos do próprio rei.

Esta pública afirmação de respeito, de consideração, de veneração mesmo, que o soberano de um país presta ao mestre-escola, é a mais expressiva e a mais eloquente prova da elevada cultura de um povo, a manifestação mais consentânea da sua perfeita educação cívica.

Como podiam os nossos burgueses compreender esta homenagem prestada à subida função que numa sociedade exerce aquele esforçado obreiro da civilização, aquele que se entrega com o coração e a inteligência a educar a criança e a guiá-la nos primeiros passos incertos pelo caminho da vida?

## COMO APETRECHAR AS ESCOLAS?

Decerto os leitores têm lido amiudadas vezes que foram **criadas** várias escolas, e sucedeu mesmo a sua vila e outras povoações do concelho serem contempladas com esse maná instrutivo que vinha mitigar em muitas crianças a sede de aprender a saber como vir a ganhar a vida melhor. Mas a respeito de se ver essas mesmas escolas abrir as portas e acolher as centenas de pequenos seres na aurora da vida, tão ávidas de ensino como de pão para a boca, isso era coisa de sonho. E não abriam pela singela razão de não existirem.

**Criar uma escola**, significa na glória administrativa, simplesmente publicar oficialmente que em tal localidade **fica prevista** a sua existência. Quando porém **a pôr a funcionar uma escola**, isso é coisa diametralmente oposta, que não depende de determinação alguma das autoridades do ensino, simples e belamente porque quem **cria**, isto é, quem **prevê** onde a escola virá a existir, é a administração pública, ao passo que quem lhe abre as portas e **a põe a funcionar** regularmente é o município.

Ora o leitor sabe, como toda a gente, que os municípios andam geralmente de tanga, sem a mais magra macuta nos cofres.

## CALVÁRIOS

Ah! se o leitor soubesse o que vai por esse triste e intrincado sarçal onde o ensino primário sangra por todos os lados, impellido arbitrariamente pelos empuxões dos oragos. E se, além disso, soubesse o que é a vida entre nós de muitos pedagogos probos, ajouçados de trabalho e de canseiras, mingudamente pagos, sob a canga implacável de apertados regulamentos que medem às vezes os seus esforços docentes por percentagens, tal como



Uma escola de vida, ao contrário do que acontece, é o que deveria ser uma escola primária

um merceeiro mede a percentagem de óleo de amendoim que a lei estabelece para falsificar o azeite; com programas pesados, enfiados de matéria abstracta; com horários excessivos, com desoladora penúria de material didáctico, privados de aplicar o seu próprio estudo e experiência.

E o que são os primeiros passos da professora recém-saída da escola do magistério? Uma ingénua rapariga, com a cabeça acolchoada mas guardando no espírito a chama de um ideal de inefáveis alegrias doidas pelo destino que a profissão querida lhe assegurava, despachada para uma aldeia remota, perdida algumas vezes nas serras, ignorada no mapa, onde não conhece ninguém, encerrada numa escola tantas vezes lóbrega que lhe confia quatro dúzias de pequenos seres fechados de entendimento, tão primitivos, que nem sabem falar... E a desventura, que se vê forçada a ensinar-lhes a articular a palavra, leva um ano lectivo todo nesse trabalho básico indispensável, e ao cabo desse ano extenuante de fadiga, esgotante de paciência, cansativo de esforço, apouca-se perante o rendimento do ensino.

Mas acima de todos os vexames morais e profissionais que o professor de ensino primário sobre nenhum há no entanto mais iníquo e desumano do que o número exagerado de alunos que é compelido a ensinar. Esse número, que jamais se devia impor a algum professor, que excede patentemente, sem contestação possível, a capacidade física e mental do mestre, vai muitas vezes além de **sessenta** crianças por não haver solução para desdobramento.

Chegou mesmo a haver quem tivesse a insânia de estabelecer que os mestres nunca podiam ter a seu cargo menos de **quarenta e cinco** alunos, quando as mais doutas, as mais eminentes autoridades em Pedagogia e as abonadas resoluções de todos os congressos de instrução primária há muito fixaram que o número máximo de escolares que um

professor pode humanamente habilitar são **vinte e cinco**. Isto quanto a perfeições.

O suplício torturante que representa este taylorismo aplicado ao ensino, este processo industrial de fabricação por série, por cadeia contínua, de exames de primeiro e segundo grau, esta violência inaudita de considerar o espírito das crianças como um receptáculo que se engorgita de conhecimentos como se estivesse um porão de carga a granel,

Que este arbítrio leve o professor algumas vezes a descurar o ensino, a usar de indulgências culposas, a deixar passar entre as malhas dos exames alguns alunos incompletamente habilitados, não serei eu que o possa negar. Mas a culpa desses erros não cabe ao professor. Não se pode exigir ao professor primário um trabalho superior a todas as forças do espírito, completamente inexecutável dentro dos horários escolares e do grande volume de matérias que é obrigado a ministrar.

## OUTROS TEMPOS?

Passemos agora a outro capítulo de não menor ponderação e, ao que suponho, mesmo um pouco enternecido de saudade, quando evocamos a nossa velha escola de aldeia.

Não tenha o leitor saudades disso. Tudo quanto morre, não morre sem razão.

A regra comum da escola chamada tradicionalista era a escola-cárcere e do professor-carrasco, com a volúpia de converter o ensino na tortura da alma inquieta e ingénua da criança.

O que foi a escola tradicional durante séculos, e muito especialmente nos processos ultramontanos, que ainda hoje aqui e acolá, nalguns países oferece uma tenaz resistência à profunda revolução operada nos métodos pedagógicos, deixaram no mesmo escrito alguns dos mais formosos espíritos.

A escola que durante estirados anos foi uma das mais abomináveis chagas sociais

não conheceu outro método de ensino do que o bárbaro processo dos dominadores de feras. E não eram apenas as escolas municipais, eram as escolas particulares que os pais verducos aquilataavam pela fereza cruel com que o mestre domador amansasse os inocentes que lhes entregavam para «educar».

Escola da tristeza, do martírio e do silêncio, onde a criança vivia atemorizada, dolorida, calada e triste!

Por toda a Europa campava este regime de coerção, de violência, de suplício implacável da infância, porque as luminosas ideias de Jean-Jacques Rousseau ou de Pestalozzi ainda não tinham aberto caminho na esfera educativa demonstrando quanto era bárbara, anti-social e antipedagógica, a concepção dominante acerca



da criança e de como esta tem de ser educada como criança que nada tem de adulto em miniatura, visto ser um ser com psicologia própria que vive num mundo totalmente diferente do nosso, não constituindo propriedade dos pais ou do Estado.

Em Espanha principalmente onde mais vicejam e dominam os requintes ultramontanos, a tragédia infantil era na verdade sangrenta. Ali, agentes fiéis à tradição sinistra e atroz da Inquisição, cevavam o seu fanatismo torpe e cruel na infância indefesa.

Ramon y Cajal, na sua admirável obra **MI Infância y mi Juventud** deixou-nos este quadro realista da escola «tradicional»:

«Não culdo de desculpar os meus defeitos. Confesso corajosamente que do mau êxito dos meus sou o único responsável. O meu corpo ocupava um lugar nas aulas, mas a minha alma vagueava continuamente pelos espaços imaginários. Em vão as energias apóstrofes do professor, acompanhadas de alguns furiosos correctivos, me chamavam à realidade e pugnavam por me arrancar às minhas distrações. As bordoadas soavam-me na cabeça como aldrabadas em moradia deserta. Todos os brios de padre Jacinto, que fizera do meu caso uma questão de amor-próprio, falharam lastimosamente.

Falta esta confissão, seja-me lícito declarar também que no meu desdém pelo estudo entrou por alguma coisa o sistema de ensino e o regime de prémios e castigos empregados por aqueles padres Esculápios.

Como único método pedagógico reinava ali a mais pura «mnemónica». Preocupavam-se em criar cabeças-armazéns em lugar de cabeças-pensantes. Forjar uma individualidade mental. Consentir que o aluno, sacrificando a letra ao espírito, se permitisse mudar a forma dos enunciados... isso, nem em pensamento. Ali, segundo sucede ainda hoje em

# PROFESSOR PRIMÁRIO

...as escolas, apenas sabia a quem a recitasse foneticamente, isto é, a dispare em jacto contínuo e com vigeza e fidelidade. Igava-a o escolar (e por isso severamente castigado) se estancasse momentaneamente o jacto ou titubeasse na pressão ou trocasse a ordem enunciativos.

A maneira de infalíveis estilistas das retentivas tardas das inteligências atrasadas, apregavam-se o ponteiro, a preta, o azoragado, os encerrados, a palmatória e outros meios coercitivos e afrontosos. Como se vê, o velho adágio «letra com sangue entra» releva entre aqueles bons papéis sem oposição; mas a letra avalava-me pela cabeça sem gravar no cérebro. Em troca, metraava em muitos decidida e a literatura latina e anadia pelos mestres. Assim se ardia de toda essa intimidade ardia, misto de amizade e respeito, entre mestres e discípulos, sem a qual o labor educativo constitui o maior dos afazeres.

Se de uma escola dita religiosa passarmos a uma escola pública em Espanha, pouco diriam os processos bárbaros, como testemunha Pio Baroja a sua notável obra *Las Iniquidades de Shanti Andí*.

Por aqui me quedaria se houvesse proveito em dar a conhecer o que a também das escolas da Austria. Tenho aqui a preciosa obra de Stefan Zweig, *O mundo de ontem*, que supponho ter escapado à torpeza de certos meradores de traduções de fancaia, que as pagam por baixo preço a criaturas tão ignorantes da própria língua como da hebraica e que, por isso mesmo, cometem ignara e traiçoeira, em produções do escritor eminente, vertendo-as na mais torpe burundanga.

«Durante o transcurso de muitos anos nenhum mestre nos perguntou sequer uma única vez o que desejávamos aprender e cada um de nós, e justamente impulso benéfico que no fundo de cada criatura moça anseava em segredo andava por completo ausente.

Essa sobriedade manifestava-se no exterior, já nos edifícios das nossas escolas, pias, construções práticas, puramente. Com os seus corredores de paredes mal lavadas, as aulas de tecto baixo, sem um quadro ou outro ornato grato à vista, o fétido das sentinas empestando o ar todo, esse quartel de asilo tinha alguma coisa de um velho móvel de hospedaria que inúmeras pessoas usaram antes de outros tantos seres a utilizar depois com idêntica indiferença ou má vontade. Ainda hoje não posso esquecer esse cheiro a encerro e a ambiente mofento, que era próprio tanto daquela casa como de todas as repartições públicas austríacas, e que nós chamávamos o «cheiro burocrático». Era um cheiro de habitação com excessiva caleficação, repleta, nunca arejada, um cheiro que primeiro impregnavo o vestuário e a seguir a alma.

Ainda ao cabo dos anos, e cada vez que passava ao largo por aquela casa sombria, triste, tinha uma sensação de livio, por não ter de entrar ali nesse cárcere da minha juventude, e quando pelo cinquentenário desse venerável instituto se organizou uma fe-

ta e me convidaram a pronunciar, como ex-aluno de mérito, o discurso solene perante os ministros e o alcaide, recusei cortesmente. Não tinha razão para manter gratidão por essa escola, e cada palavra nesse sentido teria tido o cunho de uma mentira».

Diz-se-á que já vamos longe, entre nós, desses cárceres escolares do passado, e desses professores desumanos, estupidamente malvados, armados de férula, o instrumento clássico de tortura com que faziam espirrar o sangue das mãos delicadas de uma infeliz criança, e já hoje na escola se vêem muitos mestres amáveis, sabedores, pacientes, que atraem a si a infância mais pelas doçuras do coração e as suas virtudes de educadores do que pelo conforto da escola, pela abundância do material didático, pelos processos sedutores e intuitivos do moderno ensino que deixou de ser uma moedura torturante dos miolos, pelos seus centros de interesse, pelos seus recreios ao ar livre, os largos espaços destinados à prática da jardinagem e da criação de animais de capoeira, a fim de dar a conhecer à criança as maravilhas da fitobiologia e da biologia, pelo ideal pedagógico, finalmente, que a escola activa oferece à criança deixando-a entregar-se livremente à expressão, pelo desenho e pela modelação, a expressão física e musical, dos incontáveis tesouros da sua alma.

Nos nossos programas também se fala em escola activa, de uma pedagogia aparentemente racional e arejada, mas muitas vezes são tudo demasias de estilo, tafularias da retórica, de relatórios burocráticos, preluzindo o texto aqui e acolá com frases respigadas,

obras de Claparède, de Ferrière, de Dewey, de Decroly ou doutros gigantescos pedagogistas criadores da escola moderna.

A pasmosa incompreensão da vida infantil por parte das pessoas procede do abuso de

julgar os actos da criança como os de um ser rebelde a assimilar a fina essência da vida adulta. Julgam inconscientemente a criança a viver no mundo moral dos homens. Imaginam que o mundo da criança é o nosso mundo com todas as suas pústulas e sordidias, e como vê a criança mover-se inconscientemente e desajeitadamente nesse mundo que não é o seu, escarpelizam-se como um músculo podre, sopesa-lhe os actos da mentalidade, calculam-lhe a porção de fósforo que lhe arde no cérebro, e concluem muito acaciamente que a infância é uma espécie de maleita que a acomete, como o sarampão ou a escarlatina, uma fase mórbida que a vida

humana atravessa em criança para poder chegar à maturidade.

Daí o daltonismo psicológico, a pedagogia irracional que só tende a esmagar a infância na criança, a reduzir o mais possível a sua puerilidade, a fim de lhe atafulhar o cérebro com a maior soma possível de espírito adulto, com todos os absurdos e artifícios de que este tem inesgotável cópia.

Mas não quero que o leitor comece a enfiar-se deste aranzel, quando sabe demais, tão bem como eu, que «cum brutis non est luctandum».

Deixemos que os brutos se espolinhem na própria miopia de entendimento destas coisas só acessíveis à inteligência esclarecida.

## O PASSEIO DO COLÉGIO

«Acontece-me, por vezes, ficar parado quando encontro na rua um colégio em passeio — a seguir com a vista os rapazes — e com a memória o que sucedia há quarenta anos e tanto, quando eu era dos do colégio...

Ainda hoje a leitura que mais me prende, quando me liberto dos trabalhos da Vida, é a de Dickens — o adorável especialista em *Martírio dos colegiais*, e também releio o *Jack de Daudet*, e *L'Enfant de Jules Vallés* e o *Martin de Eugène Sue* — sempre a lembrar-me daquilo de há quarenta anos e tanto...

Por exemplo, uma noite no Colégio de S. Luís rei de França, no edifício onde está hoje uma Liquidadora (depois de ter sido uma tabulagem passou a ser a sede actualmente da Casa do Alentejo), bricávamos todos — aí estão vivos desse tempo e dessas brincadeiras os srs. Conde de S. Miguel, visconde da Graça, José Guedes Brandão de Melo, Francisco da Costa Cabral e Inácio Santa Marta. Eu sentara-me a um canto da sala, gemendo uma dor de cabeça torturante, depois de inutilmente haver pedido ao reverendo que discalçava o recreio — que me deixasse ir deitar. Em meio da festança entrou o director do Colégio — outro reverendo, graduado da Ordem — e perguntou o que havia de novo. Respondeu-lhe o padre subalterno, e parece que estou ouvindo:

— «Nada».

E como o director ilhasse distraidamente para mim:

— «Ah; está ali aquele pequeno sevandija (ce petit misérable) a moer-nos com as

suas dores de cabeça».

O director lançou-me um olhar indignado, e afastaram-se os dois.

Também as dores de cabeça se afastaram — cedendo à intensidade da minha aflicção moral. Eu pensava em minha casa e nos cuidados da minha querida mãe adoptiva, que não me deixava sofrer cinco minutos: tais os recursos da água sedativa, da mostarda, do chá verde, do descanso absoluto — vigiando ela que o silêncio reinasse em toda a casa até que eu houvesse adormecido.

Já depois de homem, tem acontecido muitíssimas vezes o meu espírito ir ao cemitério, onde a velhinha dorme, e contar-lhe casos de malvadez e de egoísmo. Não tenho emenda!

Não é nas Casas de Correção que vivem crianças esquecidas pela família. Há disso e pior — nos colégios. Consideravelmente pior, pois que as mães miseráveis, não voltam a visitar os filhos, não dispondo de um vintém para lhes dar: e o coração endurece pelo excesso de miséria; quanto às mães dos ricos, o esquecimento dessas é todo moral — isto é, o cúmulo do imoral. Ao fim do mês, o director do colégio recebe pontualmente o seu dinheiro, mas o pequeno não recebe visitas. Conheci um, o Frederico Augusto, nos Lazaristas, que só recebia a visita de uma criada velha, que às escondidas vinha chorar com ele. A família livrara-se do pequeno que não deixava os pais em liberdade.

... Lá vai um colégio a passeio — e eu a olhar e a recordar-me!

SILVA PINTO, in «Alma Humana» (1904)

## A DESIGUALDADE DE FORTUNA EM FRANÇA

A desigualdade de património é, em França, sensivelmente maior do que a do rendimento. Segundo um estudo recente de Philippe Hardy («Economie et Statistiques», Fevereiro de 1973), enquanto o rendimento médio declarado varia de 1 a 2,8, consoante se trata de uma família operária ou da de um quadro superior, o valor do património médio declarado vai de 1 a 6,1, entre os mesmos grupos. Mesmo baseada numa amostra que deixa de lado 20 por cento da população francesa (comerciantes, artesãos, agricultores, industriais e profissões liberais...), o que neste caso atenua as desigualdades sociais, estes dados sublinham uma realidade comum a todos os países capitalistas: as diferenças de rendimento só nos dão uma pequena parte da desigualdade quantitativa entre os grupos e classes sociais, sendo muito mais flagrante a desigualdade de fortuna.

O estudo de P. Hardy refere-se a inquéritos realizados em 1967 e 1968, incidindo apenas sobre «assalariados e inactivos», deixando exactamente de lado as categorias sociais detentoras de maior fortuna: os técnicos do INSEE (Estatística francesa) temeram as recusas de resposta ou a sua sistemática falsidade. No referente à amostra utilizada, os inquiridores chamam a atenção para a subavaliação dos rendimentos declarados, na ordem dos 30 por cento. Feitas todas estas reservas, a que resultados se chegou? Eis os principais:

1. 2,6 por cento das famílias, dos assalariados ou dos inactivos, possuem quase metade (43 por cento) das acções detidas pela população estudada. Detêm ainda 21,7 por cento das obrigações, 23,9 por cento das contas-cheque, 18,1 por cento dos capitais cobertos pelos seguros de vida.

2. A concentração de fortuna é maior quando se tem em conta as grandes carteiras de valores mobiliários: a mesma fracção da população (1 família em cada 39) possuía, em 1966, 75 a 100 por cento das carteiras de acções de valor superior a 150 mil francos.

3. Inversamente, os 73 por cento de assalariados ou inactivos com mais baixo rendimento detinham apenas 20 por cento do total das acções, 55 por cento do total das obrigações, 25 por cento das contas-cheque. É de notar que cerca de metade desta população de baixos recursos é constituída por pessoas idosas que, apesar dos seus baixos recursos, conservaram uma carteira de títulos, adquirida durante a

vida activa ou herdada. De facto, a «fracção popular» da população activa, 42 por cento do total dos assalariados e inactivos, apenas controlava 2 por cento das acções e 6 por cento das obrigações. Chega-se assim à «pirâmide invertida» da concentração das fortunas: 2 por cento das acções para 42 por cento das famílias, 43 por cento das acções para 2,6 das famílias. E, tendo-se em conta o facto de não aparecerem nestes inquéritos as categorias detentoras da maioria das acções: industriais, comerciantes, profissões liberais...

### CRITÉRIOS DE COLOCAÇÃO DO PATRIMÓNIO

Outro aspecto interessante diz respeito à grande diversidade dos patrimónios detida pelos franceses. Ainda aqui aparecem significativas diferenças. Todas as categorias de assalariados ou inactivos têm a maior parte da sua fortuna (60 a 70 por cento) sob forma imobiliária. 46 por cento das famílias francesas são proprietárias da sua habitação: tanto por herança, sobretudo no caso das famílias burguesas, como em consequência da crise da habitação e da política de acesso à propriedade praticada, por iniciativa do Estado ou pela acção publicitária dos promotores imobiliários.

O resto do património aparece colocado do seguinte modo: 9 por cento do total em obrigações e bônus; 5 por cento em acções; 8 por cento em cadernetas de poupança; 6 por cento em contas-cheque; 6 por cento de seguro-vida. O autor cita quatro variáveis para explicação das diferentes preferências de colocação da fortuna. O já indicado critério do rendimento. A idade: o património médio aumenta até aos 50 anos e diminui depois, embora mais lentamente do que o rendimento. A situação social: 85 por cento do património dos operários tem o seu património sob forma imobiliária. O que lhes resta é confiado a instituições de poupança e, em menos medida, a contas bancárias. Pelo contrário, os quadros superiores apenas depositam 5 por cento do seu património em instituições de poupança, representando a sua «carteira mobiliária» 20 por cento do seu património. O nível de instrução: em caso de rendimento igual, as famílias cujo chefe fez estudos superiores ou concluiu os secundários possuem com mais frequência carteira de acções (duas vezes mais frequentes).

Em todo o caso, a posse de valores mobiliários está menos vulgarizada em França do que em países como os EUA ou a Grã-Bretanha. Segundo o INSEE, apenas 3,4 por cento dos assalariados e inactivos possuem acções e 6,8 obrigações. A taxa média de posse de uma carteira mobiliária só poderá ser significativa quando houver dados referentes às categorias profissionais deixadas de lado neste estudo.



Democratizar o ensino, aumentar a escolaridade obrigatória. Óptimo! Mas onde estão os edifícios e os professores?

# "ATRASADOS" DO ULTRAMAR

Continuação da página um

afirmou que seriam liquidados, até 30 de Dezembro do mesmo ano, 45 por cento dos «atrasados». Eu não ponho dúvida de que assim aconteceu, mas posso afirmar — e faço-o com mágoa — que, infelizmente, a justiça, que tanto se reclama em todo o mundo e se pretende seja reconhecida ao nosso querido Portugal, em tantos aspectos injustamente postos em causa nos meios internacionais, esteve lamentavelmente arredada do processo de rateio utilizado, preferindo-se o favoritismo, a discriminação, que

estão longe de corresponder às ideias quantas vezes manifestadas por quem assim decidiu, relativamente a problemas que nos afectam.

De facto, é incontestável que o rateio devia ter sido feito em proporção aos créditos de cada exportador, mas isso foi esquecido e a minha firma recebeu apenas 35 por cento, não até Dezembro de 1972, mas até ao fim de Fevereiro do ano em curso. Refiro ainda que na altura em que foi decretado o sistema de liquidação dos «atrasados» em vigor, pelo então ministro das Finanças e Econo-

mia, a minha firma tinha em Angola e Moçambique à volta de 81.000.000\$00, importância da qual recebeu, até ao dia 28 de Fevereiro deste ano, apenas 28.500.000\$00, continuando sem cobertura, ainda, a elevada quantia de 52.500.000\$00, que não sei onde pára, se no Fundo Cambial ou se noutros cofres, pois isso nunca foi esclarecido por ninguém. Esse dinheiro pertence à minha firma e parece-me estar a ser utilizado por terceiros. Paradoxalmente, e como já citei, estamos nós a pagar juros sobre esse dinheiro, juros que de-

viam ser suportados por quem o retém em seus cofres e o utiliza. O que se passa é uma injustiça sem precedentes na História de Portugal.

Relativamente à minha carta a que atrás faço referência — pela qual eu expus este problema de tamanha transcendência, recebi do Gabinete da Presidência do Conselho uma comunicação singela, dizendo: «sobre o assunto exposto foi imediatamente solicitada informação ao Ministério do Ultramar».

V. Ex.<sup>a</sup> sabe muito bem que o Decreto n.º 478/71 atingiu to-

da a indústria nacional e também a agricultura, numa altura em que se procura mobilizar todos os esforços com vista ao desenvolvimento e valorização desses importantes sectores.

Como este ano é um ano de

eleições, respeitosamente eu formulo esta pergunta: se V. Ex.<sup>a</sup> estivesse no meu lugar, sentindo-se lesado por culpa governamental, a quem daria o seu voto?

## espelho da imprensa

### CONSELHO

Entre uma roda de petiscos no Norte e outra de petiscos no Sul, o Grémio fazia esta coisa essencial à boa digestão e à tranquilidade: descansava.

Por qualquer razão que nos escapa — talvez os rojões ou a caldeirada da última festa não tenham agradado a todos — houve sócios que levantaram o garfo de guerra. Não do alecrim contra a mangerona. Possivelmente de qualquer especialidade regional. E vá de comunicados, ora dos protestantes, ora do Grémio.

Convocados ao debate, aqui fica o parecer. O Grémio da Imprensa Não-Diária tem uma tarefa urgente a cumprir: fechar as portas, entregar a chave ao senhorio, dar a bandeira a um colecionador de curiosidades. Já aliás, o devia ter feito. Quando a Lei da Imprensa foi anunciada e discutida e a voz gremial não passou de murmúrio que o país nem ouviu; quando o imposto de selo de anúncios mais que triplicou — de 3 para 10 por cento — e os protestos, perdão, os gemidos do Grémio morreram sem eco, era de perder futuros acépiques e reconhecer humildemente que os comes e bebes, mesmo acompanhados de brancos e tintos de boas colheitas, nada têm a ver com os custos do papel, nem com os brutais aumentos que fazem perigar a vida das folhas independentes. Ora se o Grémio gastasse

as forças que lhe restam para mais uma tentativa — a última, vá lá — de se fazer ouvir para o que é urgente, compreendia-se. Gastá-las a impedir que o «Ribamar» e os «Ecos de Belém» façam a sua patuscada com alguns discursos e os inevitáveis comeres e beberes — que aliás os próprios pagam — é morrer tristemente.

Porque, como é, o Grémio cobra cotas e espera a oportunidade de comear. E pouco. E caro. E é, sobretudo, perfeitamente inútil.

«JORNAL DO FUNDÃO»  
3/6/73

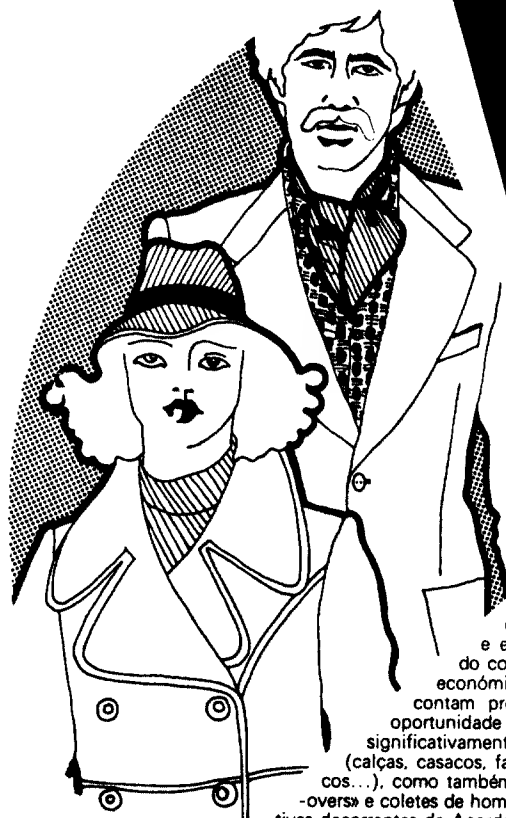
### SOCIOLOGO

O governador do Funchal, sr. coronel António Braamcamp Sobral, no prosseguimento da sua louvável política de contactar directamente as populações dos concelhos deste distrito, verificando «in loco», as matérias que constituem problemas ou aspirações dessas gentes, visitou ontem, durante todo o dia, o da Ponta do Sol.

E não se escusa, nunca, a atender os pedidos que lhe são formulados, informalmente, por homens e mulheres que largam as tarefas da lavoura para vir manifestar-lhe os seus múltiplos problemas, os seus anseios, as suas aspirações.

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»  
do Funchal,  
1/6/73

## ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa



### contratos de desenvolvimento para a exportação

Indústria de Confecções

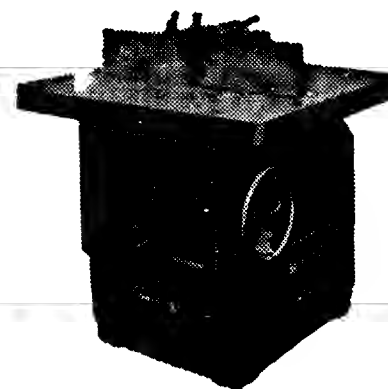
Os «contratos de desenvolvimento para a exportação» são um instrumento jurídico-financeiro destinado a congregar o maior número possível de incentivos financeiros e de outra natureza em benefício de empresas ou grupos de empresas exportadoras. Contanto que tais empresas ou grupos se encontrem solidamente estruturadas, ou capazes de vir a sê-lo, e em qualquer caso interessados em desenvolver a sua actividade no âmbito do comércio externo, para o que submeterão a este Fundo projectos de fomento económico com relevância para a exportação nacional. Dentro desta ordem de ideias, contam presentemente as nossas indústrias de confecções com uma excelente oportunidade para superar os níveis já atingidos. Com efeito, tem vindo a aumentar significativamente nos mercados externos a procura de vestuário exterior para homem (calças, casacos, fatos, gabardinas, sobretudo, ) e senhora (blusas, saias, calças, casacos...), como também de camisas e de malhas exteriores (especialmente, camisolas, «pull-overs» e coletes de homem; e camisolas, blusas e «gilets» de senhora). As favoráveis perspectivas decorrentes do Acordo Portugal - C. E. E., e a receptividade, assinalável em vários pontos, da actual conjuntura económica internacional são, assim, de molde a justificar, nomeadamente, a constituição, por parte dos nossos industriais de confecções, de unidades voltadas para a exportação — e por conseguinte orientadas para uma produção racional, qualificada e actualizada, em constante diálogo com as tendências da moda, a flutuação do consumo, a estruturação dos canais, de distribuição... Senhor industrial de confecções: chegou a hora de programar, de fazer — de realizar. Submeta-nos por escrito o que tenciona levar a cabo com vista à Exportação! Instituídos para o servir, estamos prontos a apoiá-lo. Inclusivamente através dos «contratos de desenvolvimento». Para tanto, queira contactar-nos e submeter-nos a sua candidatura, os seus projectos, até ao próximo dia 9 de Agosto. Toda a correspondência (com a indicação exterior de «Contratos de Desenvolvimento») deverá ser encaminhada para uma ou outra das direcções abaixo mencionadas.



### FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-3.º - Telef. 767410/767520/767573 - LISBOA 1  
Delegação no Norte:  
R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - PORTO

## «MIDA»



TUPIA VERTICAL  
Modelo TV-6

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

UMA FÁBRICA  
ALTAMENTE  
ESPECIALIZADA  
NO FABRICO  
DE MÁQUINAS  
PARA AS  
INDÚSTRIAS  
DE:

● SERRAÇÃO  
● CARPINTARIA  
● MARCENARIA

Completamente  
**GRÁTIS**  
DETERGENTE PARA UM ANO  
na compra de uma máquina  
de lavar roupa em  
**A. OLIVEIRA**  
ELECTRODOMÉSTICOS  
Av. Almirante Reis, 91 A  
Rua Angelina Vidal, 63

# criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

## consultor de segurança Império

**Este homem  
é um Consultor de Segurança Império.**

Na vida moderna pensar em segurança  
é um dever social — para si próprio,  
para a família, para a empresa.

Mas pensar em segurança obriga à utilização  
de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis,  
a raciocinar em termos económicos e fiscais.

**Gerir os seus interesses da forma mais adequada  
de acordo com as necessidades de futuro é, de facto,  
tarefa que necessita do apoio de especialistas.**

Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças  
existem especialistas para o assistir, a Império criou  
e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

**Consultor de Segurança.**

Um profissional especializado para lhe aconselhar  
um plano global de segurança à sua medida.

Um homem que tem a apoiá-lo a organização  
que a Império representa no espaço português.  
Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

**O Consultor de Segurança Império  
é um profissional rigorosamente preparado.**

Está apto a estudar, a conhecer o seu problema,  
a aconselhar.

**A Império orgulha-se dos seus homens.**

AO SEU SERVIÇO



**IMPÉRIO**  
a sua seguradora



O novo plano pretende dar vida ao eixo da Avenida,

# A NOVA AVENIDA DA LIBERDADE A QUEM VAI INTERESSAR?

A Avenida da Liberdade tem desde há dias um plano urbanístico que pretende controlar e modificar a sua fisionomia, nomeadamente, dando lugar ao comércio, aumentando as zonas de permanência e de percurso para peões e conservando tanto quanto possível a malha habitacional. Ou seja, lojas de comércio ao nível do rés-do-chão e do primeiro andar com galerias recolhidas, «passerelles» de ligação entre os quarteirões das ruas laterais mais movimentadas, defesa do Parque Mayer com ligei-

ras alterações, aumento dos espaços verdes (pelo aproveitamento dos saguões e ligação da Avenida ao Jardim Botânico), controlo da altura dos prédios, e diversificação obrigatória do tipo de comércio (cafés, prontos-a-vestir, restaurantes, lojas de modas...).

Este plano foi elaborado por uma equipa de arquitectos por incumbência da Câmara de Lisboa e vai ser discutido em Conselho de Ministros. E a população também o vai discutir? Como o vai discutir? E aqueles cujos interesses são atingidos,

como vão manobrar? Quem vai beneficiar deste plano, se ele vier a ser aprovado? Há alterações a fazer? Quais e para serviço de quem?

Todas estas perguntas para poderem ser bem equacionadas exigem que se comece por estabelecer uma base: a quem serve o plano agora proposto pelo arq. Pedro Vieira de Almeida?

Em vista a fomentar este debate, inquirimos alguns habitantes da cidade.

**Tenho um conhecimento muito por alto do projecto** — respondeu Maria José Coutinho Afonso, estudante de 20 anos — **mas à primeira vista acho que se poderia ter vistas mais largas, as quais com certeza também não seriam aceites.**

Explico: fazer lojas na Avenida serve para chamar pessoas com dinheiro, pois o que lá se venderá serão modas e outras coisas caras. Não se trata portanto de dar a Avenida à população em geral. Para fazer da Avenida central um local para a população é necessário alterar outro tipo de coisas. E bem de ver... De qualquer modo seria de dar prioridade a coisas no género do Parque Mayer, dar prioridade a divertimentos, a feiras... por exemplo, montar feiras em pavilhões pré-fabricados, como esta do livro...

uma feira em cada mês... num mês uma feira de teatro ao ar livre, noutro mês outra coisa, mas sempre assim... Montagem de pavilhões para música, jogos de máquinas, teatros, cinemas, lojas para o povo (que devem ser muito bonitas... ser bonito não é ser caro)... Mas tudo isto é ambíguo porque depende de que teatro, de que música ou de que livros se trata!...

As modificações a fazer são globais e não se restringem a lojas portanto. Doutrou modo as discussões sobre o plano não podem interessar à população em geral, mas sim a grupos económicos e à gente bem pensante. E se alguma franja da população entra em tais discussões é porque se terão construído écrans que a desviavam daquilo que constitui os seus interesses e desejos.

Falámos depois com o padre Manuel Miranda, de 32 anos, que nos disse:

Não disse dentro do plano, mas pelo que li pretende-se

transformar a Avenida de modo a que ela fique mais embelezada e funcional. Quanto dinheiro se vai gastar nessa transformação? Onde vem ele? Se estou certo nas fontes de onde vem o dinheiro, é evidente que se devia investir na resolução do problema da habitação. O problema da habitação, essa é que é a questão prioritária neste domínio, para a população de Lisboa e arredores. «A priori» estou convencido que esse plano deve ser um bom negócio para as classes que manobram. Quem colherá os rendimentos?

Conversámos depois com Leonor Duarte, estudante e com 20 anos:

O que eu li foi por alto e dizia que se devia recuperar a Avenida para as pessoas. Acho isso muito bem. Como é que isso deve ser feito, pertence aos técnicos dizê-lo.

José Alberto Manso Pinheiro, gerente de uma editora livreira e de 34 anos respondeu:

O Parque Mayer pode e deve ser um centro importantíssimo. Temos que partir de um ponto, estamos numa sociedade de consumo e a vida a criar terá de ser obrigatoriamente uma vida de consumo. Neste projecto aparecem dois tipos diferentes de interesses. O interesse do público em geral que não irá fazer resistência e os interesses específicos dos proprietários de determinadas zonas que irão pôr entraves, como seja no caso do Parque Mayer.

Como sabe, há um grupo que quer acabar com o Parque e fazer hotéis naquele espaço. Uma outra coisa que irá acontecer será a contradição entre a transferência de um proprietário para outros. Mas aí joga o poder jurídico da Câmara. Não duvido que tudo depende do poder que a Câmara tiver. A ver vamos.

António Manuel Pedrosa, também estudante e de 21 anos, começou por virar a entrevista ao contrário e ser ele a fazer perguntas:

O que é recuperar uma Avenida para as pessoas? Isso é feito no interesse de quem? Do comércio? Não seria preferível investir o dinheiro na criação de parques, de piscinas? Isso pelo menos seria muito mais concreto que levar a população a vir fazer as compras a um jardim!

Pretendemos lançar a discussão a mais três ou quatro pessoas, mas nenhuma delas estava a par do plano e portanto ainda menos do que ele possa significar na vida da população de Lisboa.

F.M.P.

## A C. P. INFORMA: TRABALHOS DE RENOVACÃO DA VIA

Por terem terminado os trabalhos de renovação da via entre OVAR e GAIA, prevê-se o Público de que foram restabelecidas, em todo o trajecto, as seguintes circulações.

### SENTIDO ASCENDENTE:

Comboio n.º 303 — entre Pampilhosa e Porto (Campanhã);

Comboio n.º 911 — entre Aveiro e Porto (São Bento);

Comboio n.º 913 — entre Ovar e Porto (São Bento);

### SENTIDO DESCENDENTE:

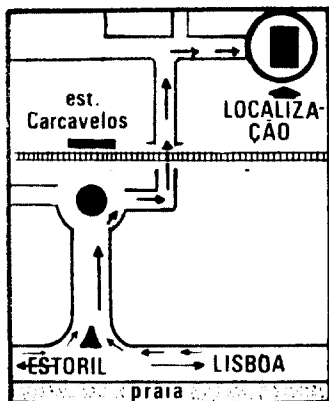
Comboio n.º 906 — entre Porto (São Bento) e Ovar;

## NUNO SALVAÇÃO BARRETO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.

**VENDE** em **CARCAVELOS** **200 Andares**

A melhor praia da Costa do Sol



2, 3 e 4 ASSOALHADAS  
A 300 m. DA ESTACÃO  
E 900 DA PRAIA

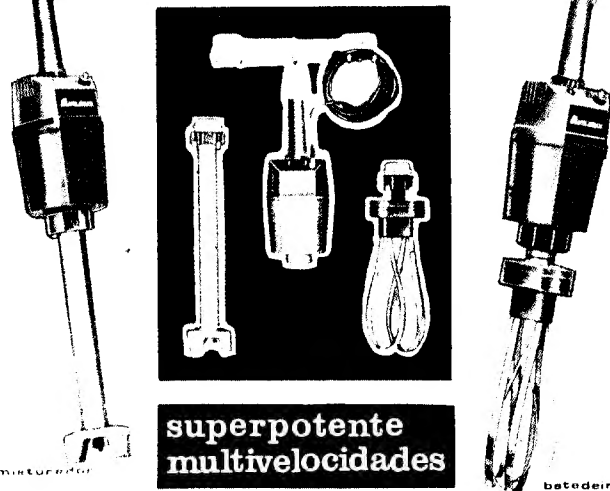
**BOM INVESTIMENTO DE CAPITAL**

Escritório:  
RUA BERNARDO LIMA, 45-4.º — LISBOA  
TELEFONES: 40332 / 536473

# Bermix

o conjunto MISTURADOR · BATEDEIRA  
indispensável em todas as  
cozinhas industriais

2 APARELHOS NUM SÓ



superpotente  
multivelocidades

Enfim, eis um aparelho que corresponde às necessidades dos RESTAURANTES, HOTEIS, PASTELARIAS, LABORATÓRIOS, etc., graças a combinação do seu REGULADOR de VELOCIDADES e da possibilidade de intermutabilidade dos utensílios de trabalho.

representação  
**Manuel J. Monteiro & C. L.ª**  
R. dos Cordeiros, 140 Lisboa-2 · tel. 36 60 61

# CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

# CAUNY

CALENDARIO

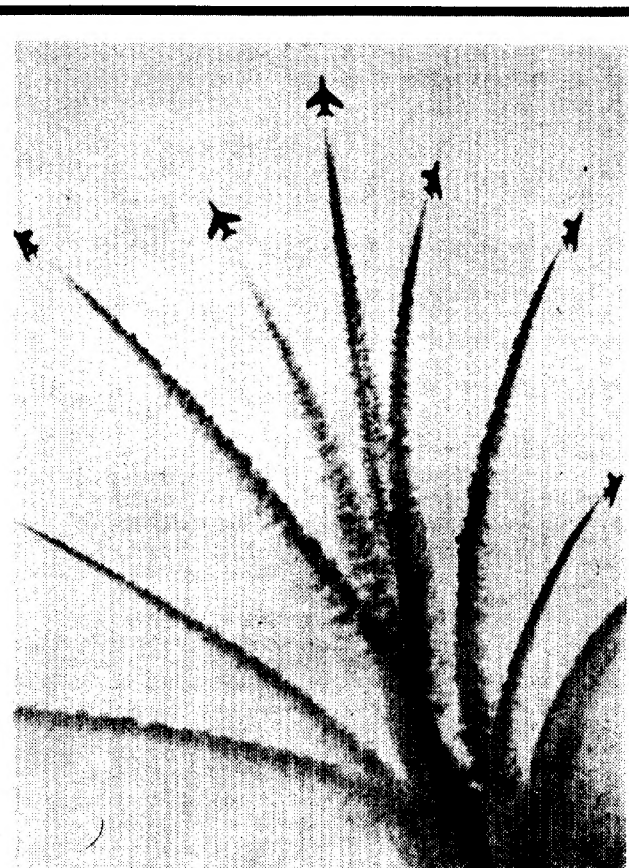
# CAUNY

ANTICHOC

# CAUNY

DIA E DATA





A quem ilude a beleza gráfica duma imagem como esta?



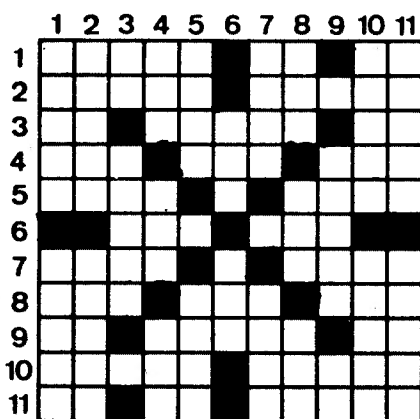
## Palavras Cruzadas

### COM PROVÉRBO

#### PROBLEMA N.º 10451

##### HORIZONTAIS:

- 1 Pés de animais. Artigo definido. Amónio (s.q.).
- 2 Oráculo. Argila.
- 3 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Forma em alas. Preposição.
- 4 Bondosa. Gosta muito de. Caminhar para cá.
- 5 Acaso. Morada.
- 6 Pente. Pronome pessoal.
- 7 Maciço montanhoso da Roménia. Tenebrosa.
- 8 Rato. Jibóia. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda.
- 9 Preposição latina que designa movimento. Tranquilidade. Manuscrito.
- 10 Remediar. Peça a que se prende a lanca de uma viatura.
- 11 Carta de jogar. Apelido. Poivo.



##### VERTICAIS:

- 1 Pessoa bondosa (fig.). Carvão incandescente.
- 2 Planta graminea. Cobre de todo.
- 3 Basta. Primeiro sumo sacerdote dos Hebreus.
- 4 Nome de letra. Raer. Cabeleiros brancos.
- 5 Planta do pé. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
- 6 Estimo. Nome de astro.
- 7 Descer. Desejam.
- 8 Pequeno símio do Brasil. Filtra. Arara.
- 9 Amplo. Samário (s.q. e inv.).
- 10 Manhas. Montões.
- 11 Triturara. Esmonca.

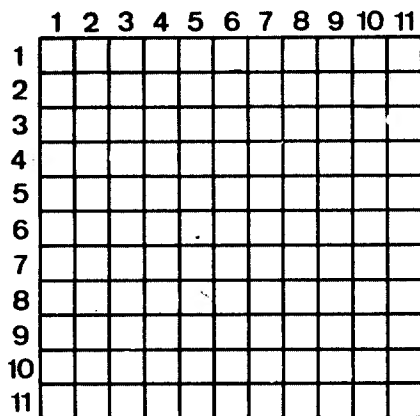
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO ne é inscrito.

### NOVA MODALIDADE

#### PROBLEMA N.º 6608

##### HORIZONTAIS:

- 1 Mulher que foi canonizada. Cidade de Portugal.
- 2 Plantio de amieiros. Penedo.
- 3 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Sadias.
- 4 Metal precioso de cor amarela. Fúteis.
- 5 Monarca. Grande. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os Japoneses.
- 6 Prefixo de privação. Tombada. Reis.
- 7 Sulcar. Africano.
- 8 Sufixo que designa abundância. Dá mios.
- 9 Ilha pertencente à província de Macau. Aflição.
- 10 Estimai. Ilha do Pequeno Belt.
- 11 Ramalhete. Oferecerias.



##### VERTICAIS:

- 1 Cidade de Espanha. Amarar.
- 2 Antes do meio-dia. Cidade da Alemanha. Gosta muito de.
- 3 Rio do Congo francês. Rata-vam.
- 4 Cubro. Mar interior nos confins da Europa e da Ásia.
- 5 Fileira. Chuvisco (Bras.).
- 6 Cantão da Suíça. Preposição latina que designa movimento.
- 7 Utensílios domésticos. Efemina.
- 8 Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenberg. Retocar.
- 9 Garfo de ferro, na extremidade de uma vara, para apanha de mexilhão. Nivelar.
- 10 Pronome pessoal. Descer. Tempo do verbo ir.
- 11 Membros de aves. Sadios.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10450

##### HORIZONTAIS:

- 1 BURRO: Gramo.
- 2 Amainaremos.
- 3 Ras. Enal. Ais.
- 4 Rs. Crime. Ao.
- 5 Aca. Ali.
- 6 Rui. Mie.
- 7 Me. VELHO. Nó.
- 8 Oca. NÃO. Asi.
- 9 Ceia. Adir.
- 10 Abris. Atena.
- 11 Seara. Gomos.

##### VERTICAIS:

- 1 Barra. Moças.
- 2 Umas. RECEBE.
- 3 Ras. Au. Aira.
- 4 Ri. CCIV. Air.
- 5 Onera. Ne. Sa.
- 6 Ani. Lar.
- 7 Grama. Ho. Ag.
- 8 Re. Elmo. Ato.
- 9 Ama. Adem.
- 10 Moia. ENSINO.
- 11 Ossos. Oiras.

Provérbo: BURRO VELHO, NÃO RECEBE ENSINO.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6607

##### HORIZONTAIS:

- 1 Areal. Trigo.
- 2 Funga. Estar.
- 3 Ama. Rir. Agá.
- 4 Ga. Ar.
- 5 Par. Dás.
- 6 Bola. Além.
- 7 Sam. Sós. las.
- 8 Anal. Arre!
- 9 Liras. Traça.
- 10 Ar. Isara. Or.
- 11 Sai. Sue. Lua.

##### VERTICAIS:

- 1 Afaga. Safas.
- 2 Ruma. Banira.
- 3 Enal. Pomar.
- 4 Ag. Val. Lai.
- 5 Lar. Ras. SSS.
- 6 Id. Os. Au.
- 7 Ter. Das. Tré.
- 8 Rs. Mal. Ara.
- 9 Ita. Seira.
- 10 Gaga. Marcou.
- 11 Orara. Seara.



MARAVILHAS DA TÉCNICA — Preparação intensiva para o título de «Miss Universo»



Por aqui se vê como fazem falta as escolas de 6.ª classe: estes não têm a mais pequena ideia do que é um «off-side»

# II COLÓQUIO DA CONSTRUÇÃO CONTINUARÃO A FALTAR HABITAÇÕES

Os problemas da habitação agravam-se de ano para ano. E continuarão a agravar-se nos próximos anos. É insuficiente o número de alojamentos construídos em cada ano, acelera-se a degradação das habitações já existentes, a fuga dos campos reforça as carências existentes nos centros urbanos (sobretudo em Lisboa e nos concelhos vizinhos), o preço das rendas e o preço das habitações em propriedade horizontal atingem níveis fora das possibilidades dos orçamentos da quase totalidade das famílias portuguesas.

Em 1964, já faltavam quinhentos mil fogos para alojar decentemente a população da metrópole. Se nos anos posteriores se tivessem construído trinta e seis mil fogos por ano, e se a distribuição geográfica da população não tivesse sofrido qualquer modificação, o «deficit» habitacional existente em 1964 só seria suprido em 1986. Ora, a partir de 1965 o ritmo da construção de habitações sofreu quebras da ordem dos trinta por cento, há quem diga de quarenta por cento, ao mesmo tempo que se intensificavam os movimentos migratórios para as cidades e para o estrangeiro.

O II Colóquio Nacional da Indústria da Construção, cujos trabalhos se encerram hoje, ocupou-se demoradamente do estudo do problema habitacional. Na impossibilidade de apresentar aos leitores de «Mesa Redonda» um panorama completo das comunicações apresentadas ao congresso, relevamos algumas das soluções propostas.

## A CONSTRUÇÃO CIVIL NA ECONOMIA PORTUGUESA

Engs. Silvério Martins e Álvaro Pinto Correia (relatores do tema «O mercado») — O valor dos trabalhos realizados pela indústria da construção, no ano de 1971, atingiu o montante dos 20,06 milhões de contos.

A construção de edifícios corresponde o montante de 13,78 milhões de contos, representando 68,8 por cento do volume da produção e às obras públicas 4,09 milhões de contos, representando 20,0 por cento da produção. Dentro da construção de edifícios a maior parcela corresponde à habitação, com 9,72 milhões de contos, o que só por si representa 48,6 por cento da produção do sector. O montante das obras de iniciativa das entidades oficiais, no montante de 4,58 milhões de contos, o que equivale a 22,8 por cento da produção total, tendo cabido consequentemente ao sector privado a iniciativa da execução de 77,2 por cento do volume das obras do continente.

O produto bruto formado na construção, relativamente ao formado pelos diferentes sectores industriais, só é excedido pelo formado no sector do vestuário e calçado e pelo dos produtos metálicos, indústrias eléctricas e mecânicas, estas no seu conjunto.

O produto bruto formado na construção representa cerca de 5,1 por cento do Produto Nacional Bruto. Se porém considerarmos o produto formado na indústria da construção cal-

culada através das Estatísticas da Construção e da Habitação (valor acrescentado de 10,93 milhões de contos) resultará uma percentagem de 6,4 por cento.

## PREDOMINAM AS PEQUENAS EMPRESAS

Engs. Raul Esmeriz Delerue e António José Marques (relatores do tema «Industrialização e estrutura empresarial») — Se procurarmos, a partir dos dados estatísticos existentes, agrupar as empresas por dimensão relacionando cada grupo com o valor médio anual da sua produção somos conduzidos à repartição que se caracteriza como segue:

— 450 empresas, representando cerca de 4 por cento do seu número total, realizam um valor médio anual de produção da ordem dos 22.000 contos e um total de 10.000.000 contos igual a cerca de 50 por cento do valor total produzido pelo sector.

— 850 empresas, representando cerca de 8 por cento do seu número total realizam um valor médio anual de produção da ordem dos 3500 contos, e um total de 3.000.000 de contos que representa cerca de 15 por cento do valor total produzido pelo sector.

— 9500 empresas, representando cerca de 88 por cento do seu número total realizam um valor médio anual de produção da ordem dos 740 contos e um total de 7.000.000 de contos que representa cerca de 35 por cento do valor total produzido pelo sector.

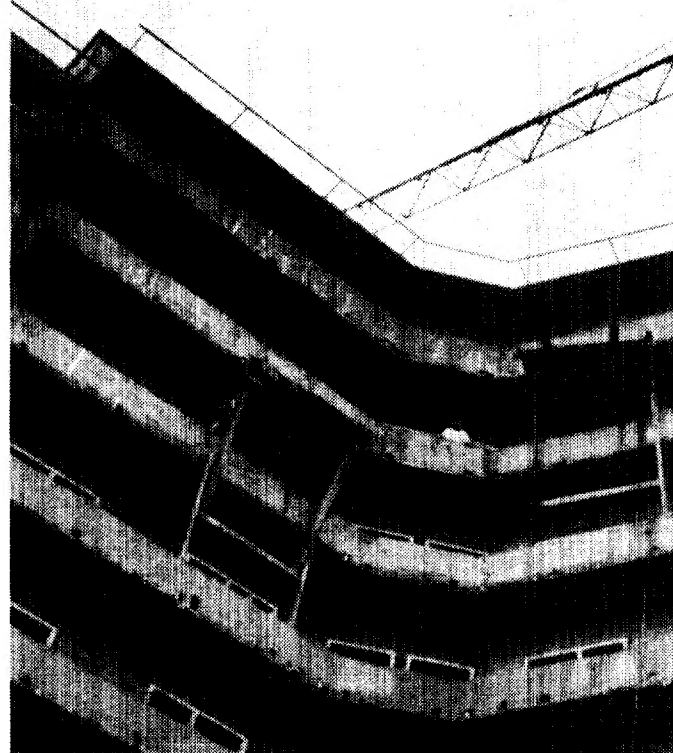
Verifica-se assim, de forma irrefutável e concludente, que a grande maioria das empresas que no País actuam no sector de actividade que interessa a este Colóquio não têm dimensão correspondente ao nível mínimo a partir do qual a industrialização poderia ter lugar.

Mas mais do que isso, verifica-se complementarmente a sua inadequação para fazer face às actuais carências do País nos domínios da construção e obras públicas.

## BAIXA RENTABILIDADE DOS INVESTIMENTOS

Eng. Manuel Joaquim Monteiro de Barros — Passando ao conjunto de valores que nos podem dar ideia dos proveitos auferidos pelos próprios industriais das actividades respectivas, anotam-se **prejuízos máximos de 1,7 por cento e lucros máximos de 6,2 por cento sobre os preços de venda**, sendo a evolução desses valores perfeitamente oscilante entre a zona negativa e a positiva, por forma que a média destes valores corresponde a menos 1,4 por cento.

Uma vez que os capitais próprios das empresas representam, em média, cerca de 25 por cento do valor anual da produção, tal equivale a concluir que **as empresas obtive-**



ram, para os capitais próprios remunerações variáveis entre **menos 6,8 por cento e 24,8 por cento, mas negativas em mais de 50 por cento dos casos por forma que, acumuladamente, tais remunerações se devem cifrar por uma taxa de cerca de 1,2 por cento ao ano (a preços constantes).**

Parece poder concluir-se que **os capitais próprios servem quase gratuitamente os interesses dos respectivos clientes, bem como a promoção económica da mão-de-obra e dos quadros que utilizaram.**

## OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO

Eng.º Oliveira Sá — O baixo nível de qualificação da mão-de-obra tem que ser combatido a partir de uma instrução de base: escolaridade obrigatória, efectiva, seguida do ensino em escolas pré-profissionais e profissionais.

São quase sempre muito fracas as habilitações dos operários da construção civil e obras públicas, analfabetos ou dispendo, quanto muito, de uma instrução rudimentar; é baixo o número dos que se apresentam com o exame de instrução primária. Daí ser uma necessidade fremente aumentar substancialmente a sua cultura, sem o que — por falta de habilitações — dificilmente poderão seguir com aproveitamento os cursos de aperfeiçoamento, de modo a tornarem-se operários verdadeiramente competentes, ou a subirem de categoria, alcançando os lugares de arvorados ou mesmo de encarregados.

Nesta ordem de ideias, facilmente se compreende que a instrução de base, a começar pela alfabetização, seja indispensável para uma promoção posterior.

Uma amostragem significativa do actual panorama da mão-de-obra que se dedica à construção civil no distrito de Lisboa, obtida a partir duma experiência vivida, recente, confirmando as nossas afirmações anteriores.

Objectivamente, parece-nos que já vai sendo tempo de se

elaborar uma análise detalhada que permita escolher os remédios adequados ao nosso caso; ao caso português.

O problema da formação profissional é grave nas circunstâncias actuais, mesmo porque da sua resolução depende o desenvolvimento de uma indústria básica no nosso país.

Tem-se verificado, até hoje, que não chega a contribuição — aliás meritória — do actual Serviço de Formação Profissional; os que beneficiam desse apoio são em número muito reduzido para as elevadas necessidades.

Engs. Silvério Martins e Álvaro Pinto Correia (relatores do tema «O mercado») — No aspecto da habitação parece inevitável vir a verificar-se um alto nível de procura, dado que o volume de carências, já apontado em vários documentos, é da ordem dos 500.000 fogos.

No relatório do III Plano de Fomento, em 1967, avaliaram-se as necessidades em: 133.000 fogos para cobrir «deficit»; 41.000 fogos por ano para substituir os alojamentos envelhecidos, cobrir o crescimento da população e o movimento migratório interno.

Por sua vez, no relatório final do Colóquio Sobre Política de Habitação, apontava-se a necessidade de construir 50.000 fogos por ano, para cobrir a totalidade das carências.

Segundo as Estatísticas da Construção e da Habitação foram construídos em 1970 e 1971, respectivamente, 27.277 e 36.007 fogos.

Se atentarmos em que estes números são mais elevados do que qualquer outro verificado durante a década de 60, parece poder concluir-se que as carências atrás apontadas se têm agravado e tenderão a agravar-se ainda mais se, entretanto, não forem tomadas as necessárias e indispensáveis medidas.

## A SUBIDA DOS SALÁRIOS NÃO AUMENTA O PREÇO DA HABITAÇÃO

Eng.º Oliveira Sá — Cabe perguntar se o crescimento

dos salários, na conjuntura actual, é exagerado e põe em perigo a política de estabilidade económica por que se anseia. Vejamos que assim não é; com efeito:

Numa época recente, de 1967 a 1970, os salários médios num estaleiro de construção civil (distrito de Lisboa) subiram à volta de 35 por cento (vide «A poupança e as suas aplicações actuais em Portugal» do Centro de Estudos Império/Realismo). Este número foi confirmado, com bastante aproximação, pelo autor, nos estaleiros que superintende.

O aumento dos salários (como causa única) iria traduzir-se numa subida de cerca de 12,25 por cento do custo da construção; na realidade, as rendas aumentaram, neste período, cerca de 48 por cento, o que nos permite afirmar, seguramente, que o nível a que elas se encontram actualmente pouco é influenciado pela subida dos salários — argumento muito usado por aqueles que desconhecem a realidade.

Após 1970 o panorama agravou-se ainda mais: deste modo, de 1967 a 1972 as rendas das 4 assinaladas subiram 87 por cento e a mão-de-obra na construção civil apenas 65 por cento (números obtidos nos arrendadores de Lisboa).

Entretanto, como todos sabem, elevaram-se substancialmente os índices dos preços ao consumidor; só de 1970 a 1971 a alta foi de 12 por cento, segundo os relatórios do Banco de Portugal. Em 1971, houve uma variação de 10,6 por cento, para mais, em Lisboa.

Ora a alimentação e a habitação são bens essenciais em que os operários dispõem de uma parte substancial do seu rendimento. De acordo com o citado livro, num inquérito efectuado em Lisboa, o grupo da classe operária que serviu para a amostragem gastava 52,6 por cento com a alimentação e 11,2 por cento com a habitação; no Porto gastava, respectivamente, com estas rubricas 62,6 por cento e 9,2 por cento dos seus rendimentos.

Como as tendências mais fortes da subida continuam a registar-se na habitação e nos produtos alimentares, é evidente que a alta dos salários, terá de seguir a alta dos preços.

Acrescentaremos que, entre nós, a repartição do rendimento entre o capital e o trabalho ronda a casa dos 47 por cento (na parte relativa ao trabalho), de acordo com as estatísticas publicadas pelo INE; alta dos preços no mercado da construção civil não reflecte, unicamente, a evolução dos salários, mas principalmente a dos lucros, das amortizações e outros encargos das empresas. Isto para não falarmos na especulação com os terrenos.

## O SECTOR PÚBLICO NÃO PODE SOLUCIONAR O PROBLEMA

Eng.ºs Raul Esmeriz Delerue e António José Marques — O ritmo de construção habitacional no País, no ano findo, de acordo com as estatísticas

da O. C. D. E., foi de 4,3 fogos por cada 1.000 habitantes.

O índice mais elevado verificou-se na Suécia, com 13,7 fogos construídos por cada 1000 habitantes.

Tudo isto no âmbito restrito da construção habitacional.

Acrescem as carências de obras públicas que por serem menos facilmente cifráveis não deixam de ser de todos conhecidas.

É evidente que tal situação não poderá manter-se por longo tempo, e que os esforços de todos não serão demais para constriar tal estado de coisas.

## É NECESSÁRIO INDUSTRIALIZAR A CONSTRUÇÃO

Eng.ºs Silvério Martins e Álvaro Pinto Correia — O montante da procura global de construção no decurso do IV Plano de Fomento poderá ser da ordem dos 350 a 400 milhões de contos. Ora não parece razoável esperar um aumento sensível do número de pessoas afectas à actividade, podendo mesmo ocorrer a sua diminuição, se entretanto não se verificar a suspensão do fluxo migratório e ou o repatriamento de parcela significativa da emigração europeia. É sabido que, entre nós, os salários reais em muitas zonas e actividades já ultrapassam os níveis europeus, apesar do menos valor do salário nominal, pela sua baixa produtividade. Entretanto, a atracção do salário nominal vai exercendo a sua influência no movimento migratório, donde resultará um nivelamento dos próprios salários nominais. Atenda-se ao que se está a passar com os trabalhadores cabo-verdianos, que estão a contribuir para atenuar a carência de braços na construção, se bem que em parcela muito inferior ao seu número, pela menor produtividade do seu trabalho.

E como é que na hipótese, que perfilhamos, de crescimento anual à taxa de 20 por cento, será possível duplicar sensivelmente a capacidade de produção num período de 4 anos, sem aumento do número de pessoas ocupadas? Na resposta a esta questão somos lançados no «desafio da produtividade no IV Plano de Fomento», tema deste colóquio. Essa resposta implicará inevitavelmente o recurso a novas técnicas de construção, mais mecanizadas, industrializadas e racionalizadas, o recurso a novos materiais, o recurso a melhor organização das empresas no sentido do aproveitamento de capacidades ainda disponíveis, a criação de oportunidades de trabalho a empresas, de menor dimensão, não as obrigando a financiar as obras, responsabilidade que cabe ao respectivo dono, à formação do pessoal desde o técnico autor dos projectos ao executante das obras e, de um modo geral, à previsão e planeamento global da actividade do sector, tudo a coberto de adequada regulamentação.

E que poderemos prever no tocante à evolução dos preços da construção? Em face do aumento real do custo dos factores, sobretudo da mão-de-obra e do aumento previsto da procura global, para além da capacidade desaproveitada, os preços da construção terão, na generalidade, tendência a aumentar, tanto em termos monetários como em termos reais.

— R E U M A T I S M O ...  
— D I A B E T E S ...  
— A R T E R I O S C L E R O S E ...

**ALI-ZAFER**

Um produto alemão em cápsulas de óleo de alho cru  
Pedido de Literatura

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

PORTO — Rua do Almada, 83-2.º-F

**mesa  
redonda**